JOÃO DO RIO

O MOMENTO LITERARIO

QUARENTA RESPOSTAS

PALESTRAS COM Olavo Bilac, Coelho Netto, Julia Lopes de Almeida, Felinto de Almeida, Padre Severiano de Rezende, Felix Pacheco, João Luso, Guimarães Passos, Lima Campos; *cartas de* João Ribeiro, Clovis Bevilacqua, Sylvio Romero, Raymundo Correia, Medeiros e Albuquerque, Garcia Redondo, Frota Pessôa, Mario Pederneiras, Luiz Edmundo, Curvello de Mendonça, Nestor Victor, Silva Ramos, Arthur Orlando Souza Bandeira, Inglez de Souza, Affonso Celso, Elysio de Carvalho, etc., etc.

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

P
10 203

O Eurico de Seabra

com muita sympathia

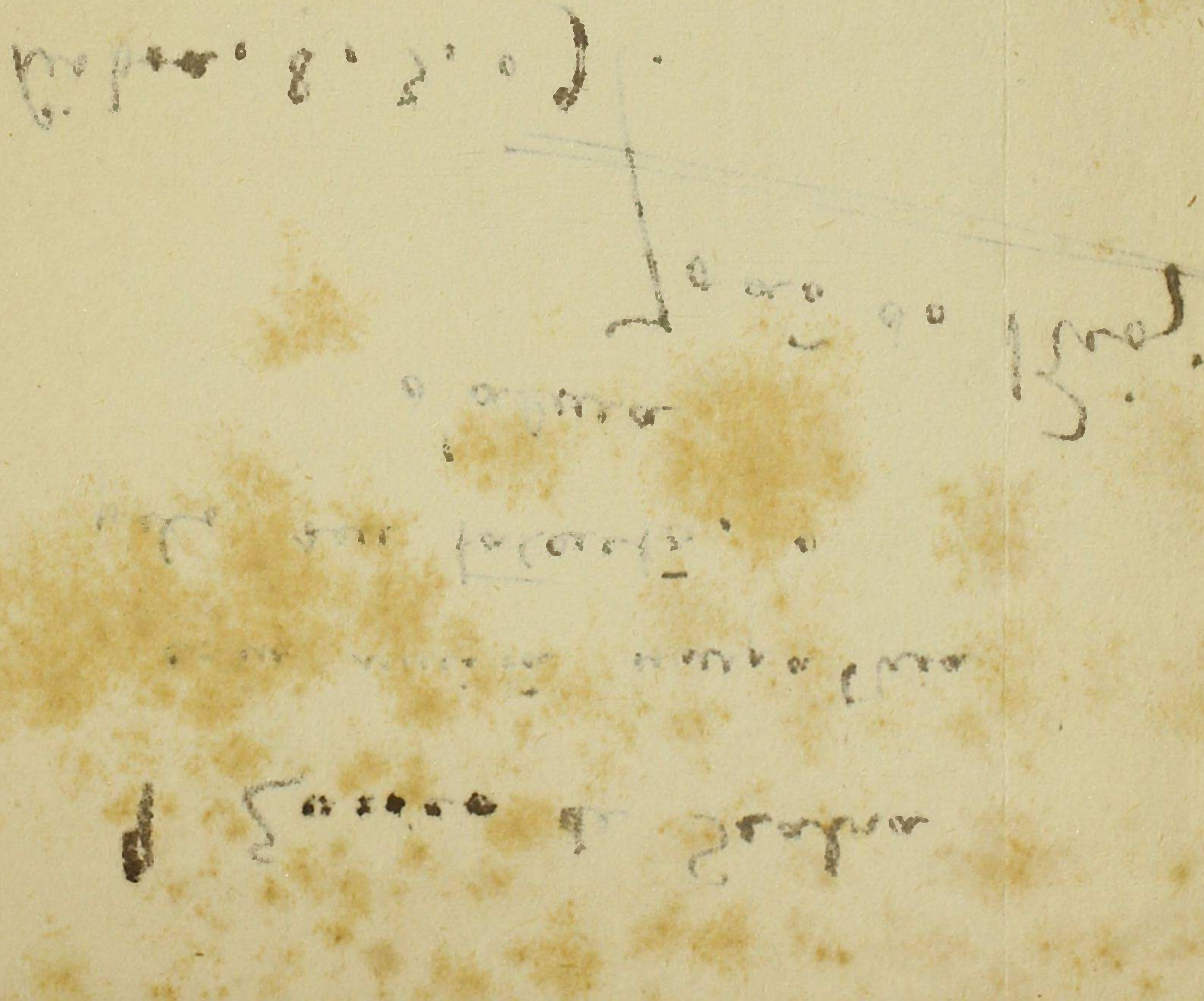
pelo seu Talento.

d'alma

João do Rio

Lisboa. 8. 3. 09.

2|14|81
bip



O MOMENTO LITERARIO

DO MESMO AUCTOR

Ao religiões no Rio. 7ª edição.
A alma encantadora das Ruas.
Jornal de Verão (Chronica de Petropolis).
Dentro da Noite (contos) a apparecer.
Era uma vez... (contos para crança de collaboração com Viriato Correia).

TRADUÇÕES

Salomé. poema dramatico de Oscar Wilde.
Pensamentos para a mocidade de Oscar Wilde.
O Leque de Lady Windermere de Oscar Wilde.
Oscar Wilde por Harborough Sherard.

THEATRO

Ultima Noite, episodio dramatico em 1 acto, representado pela 1ª vez, na noite de 8 de Março de 1907, no *Recreio Dramatico*.

JOÃO DO RIO

O MOMENTO LITERARIO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1908 s/d

GUERRA

JOÃO DO RIO

O MOMENTO LITERARIO

QUARENTA RESPOSTAS

Palestras com Olavo Bilac, Coelho Netto, Julia Lopes de Almeida, Felinto de Almeida, Padre Severiano de Rezende, Felix Pacheco, João Luso, Guimarães Passos, Lima Campos; *cartas de* João Ribeiro, Clovis Bevilacqua, Sylvio Romero, Raymundo Correia, Medeiros e Albuquerque, Garcia Redondo, Frota Pessôa, Mario Pederneiras, Luiz Edmundo, Curvello de Mendonça, Nestor Victor, Silva Ramos, Arthur Orlando, Souza Bandeira, Inglez de Souza, Affonso Celso, Elysio de Carvalho, etc., etc.

NOTA

Este inquerito, quando incompletamente publicado pela « Gazeta de Noticias », obteve grande exito — tão grande que os principaes jornaes dos principaes Estados não duvidaram em applical-o ás respectivas literaturas. O *Momento Literario* foi tambem, em todo o Brasil, o Momento dos Inqueritos Literarios.

Essa propriedade de exito bastaria para edital-o sí não tivesse a accrescel-a o merito de reunir mais de quarenta respostas de mentalidades illustres sobre problemas de arte, de literatura e da vida intellectual do Brasil.

O Editor.

*

A

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

Permitta V. que eu dedique ao jornalista raro, ao talento de escol e ao amigo bondoso este trabalho, que tanto lhe deve em conselhos e sympathia.

JOÃO DO RIO.

ANTES

—O publico quer uma nova curiosidade. As multidões meridionaes são mais ou menos nervosas. A curiosidade, o appetite de saber, de estar informado, de ser conhecedor são os primeiros symptomas da agitação e da nevrose. Ha da parte do publico uma curiosidade malsã, quasi excessiva. Não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores. Precisamos saber? Remontamos logo ás origens, desventramos os idolos, vivemos com elle. A curiosidade é hoje uma ancia... Ora, o jornalismo é o pai dessa nevrose, porque transformou a critica e fez a reportagem. Uma e outra fundiram-se :—ha neste momento a terrivel reportagem experimental. Foram-se os tempos das variações eruditas sobre livros alheios e já vão cahindo no silencio das bibliothecas as theorias estheticas que ás suas leis subordinavam obras alheias, esquecendo completamente os autores. Sainte-Beuve só é conhecido das

gerações novas porque escreveu alguns versos e foi amante de Mme. Victor Hugo. Talvez apenas delle se recordem por ter essa senhora esquecido o gigante para amar o zoilo. Quem vos falla hoje, a serio, de Schlegel, de Hegel, ou mesmo do pobre Hennequin? A critica actual é a informação e a reportagem. Ha alguns annos, Anatole France dizia: — « A critica é como a philosophia, e a historia uma especie de romance para uso dos espiritos avisados e curiosos. Ora, todo o romance no fundo é uma auto-biographia, e o bom critico é aquelle que conta as aventuras da propria alma entre as obras primas. » Actualmente, para o grande publico, já não é isso. Sí o romance, desde Balzac, outra cousa não foi senão a reportagem, genial ou não, da moral e dos costumes, a critica é a reportagem dos autores. Só dominam hoje os que vão ao local, indagam, vêm e escrevem com o documento ao lado. A critica passou a ser uma consulta experimental, como a fazem Brisson e Huret, e eu posso assegurar que tenho uma impressão muito mais justa e exacta de Zola ou de Rostand, quando Brisson os narra numa das suas entrevistas, que lendo toda a panegyria e todos os insultos de que o *Cyrano* e a *Terre* tenham sido causa.

Foi-se o tempo, meu amigo, em que Diogo

de Payva, num estylo pelos puristas considerado perfeito, aconselhava ás mulheres o não olhar para os homens moralisados. Hoje tanto olham as mulheres como os homens, e a reportagem, para que essa moralidade tenha o valor das verdades consagradas, acompanha os moralisados, vai-lhes á casa e com elles almoça. É o unico meio do mundo acreditar na pureza.

Estas palavras, abundantemente diffusas e paradoxaes, dizia-m'as ha cerca de mez, um homem muito sério e muito grave. Eu bati nervoso com as duas mãos nos braços da cadeira e indaguei :

—Mas que quer o publico ? Qual é essa nova curiosidade ?

—A curiosidade do verão.

—Uma curiosidade que desapparecerá como os figos e as mangas ?

—Sim, não ria. Todo o povo razoavelmente constituido tem duas curiosidades intermittentes e de ordem extra-pratica :—saber em que deuses crêm os seus prophetas e o que realmente pensam e são os seus pensadores e os seus artistas. Estas curiosidades só apparecem quando a Camara fecha. A imprensa, que fala de toda a gente, só nâo falou ainda dos literatos. Entretanto nos somos um paiz de poetas! Em cada esquina encontra-se uma escola de arte, em

cada café corre desabrido esse processo epicamente nacional da sóva literaria, no interior das livrarias fervilham as novas escolas de arte. Como os homens variam e os livros não são lidos, oh! senhor Deus! ler todos esses volumes!—seria interessante fixar o que pensam ou o que não pensam os caros idolos da nossa arte.

—Idolos?

—O homem que escreve é sempre um idolo. Mesmo quando escreve mal, o que não é raro. Quando alguem se destina a ser julgado, póde ter a certeza de ser pelo menos o culto de uma alma.

O tom sentencioso do meu veneravel amigo começava a irritar e a convencer.

Elle, porém, continuava animado.

—Não se pode imaginar a admiração e o culto que se devota a os homens de lettras nossos.

Eu conheci um estudante que acompanhava o Coelho Netto de longe e estragou com um *pince-nez* gráo 7 os seus olhos sãos, só porque o Netto usava gráo 7. São innumeras as pessoas que recusam a apresentação de Machado de Assis porque estão convencidas da impossibilidade de balbuciar uma palavra diante do Mestre, e muito homem fino conheço eu collecionando tudo quanto escreve Olavo Bilac...

Quer ver você a admiração? Vá a qualquer theatro onde esteja o Arthur Azevedo. Basta que elle pare um momento para que em torno comece a crescer a onda dos espectadores no desejo de ouvir as palavras que, com o seu ar de Buddha razoavel, Arthur murmura pachorrentamente. Imagine sí cada uma dessas creaturas se resolver a contar, no silencio do gabinete, as suas origens literarias, a sua formação, as preferencias e principalmente o que julga do momento...

Seria o documento, a psychologia dos superhomens, o romanceiro da nossa vida de literatura, e nem por isso tão novo que assustasse. A França faz o mesmo todos os annos e a Inglaterra e a Italia têm no genero dois livros capitaes : *Books which influenced me* e *I cento migliori libri italiani*.

—Mas a admiração restringe-se a poucos.

Os outros serão ouvidos, conhecidos talvez e, quem sabe? admirados. É sempre agradavel ouvir a historia de um homem, principalmente quando é curta. De resto, você vai fazer a historia do momento literario. É preciso indagar a todos : parnasianos, lyricos, decadentes, classicos, naturalistas, sociologos, occultistas, anarchistas, impassiveis, humoristas, symbolistas, nephelibatas...

—Ainda ha disso?

—Ha, ha de tudo. Cada um desses homens dirá o que foi, o que é, o que pensa do futuro. Cada um desses homens julgará os outros, e, de subito, mergulhado no circulo das vaidades, ouvirá você os bons, os colericos, os indifferentes, os ironicos, os altivos, os vagos, os mysticos, debatendo-se no turbilhão das theorias d'arte.

Eu seguia fascinado o mysterio visionador do conselho. O meu amigo parou.

—Talvez exaggere. Em todo o caso ha um resultado pratico: o Brasil saberá emfim quaes as tendencias actuaes da sua mentalidade e o publico ouvirá a curiosa historia das formações literarias, tão cheias sempre de nostalgias e de encantos.

—Qual! É impossivel! Não tenho forças e tenho medo. Até agora convivi apenas com os crentes, que são simples e querem convencer. Os literatos, ao contrario, são scepticos e superiores. Que me dirão elles?

Mephistophelicamente o meu amigo esticou o dedo:

—Sei lá! Talvez alguns desaforos. Quando, entretanto, encontrares a má vontade na pelle de um grande homem, corre ao mais novo dos novos e indaga a sua opinião. Ficas compensado

e fica o Brasil com a idéa geral da classe pensante. Estava quasi aconselhando a alternativa entre a Academia e os collegios equiparados.

Nesta mesma noite, os dous, no silencio de sua alta bibliotheca, resolvemos a maneira do inquerito :—a resposta por carta para os que estão fóra do Rio ou são muito reservados, e a entrevista para os outros. O meu veneravel amigo, pegando a sua penna veneravel, lançou no papel as seguintes perguntas do questionario, emquanto eu, humilde, ia lembrando nomes e endereços:

Para sua formação literaria quaes os auctores que mais contribuiram?

—Das suas obras qual a que prefere?

Especificando mais ainda: quaes, dentre os seus trabalhos, as scenas ou capitulos, quaes os contos, quaes as poesias que prefere?

—Lembrando separadamente a prosa e a poesia contemporaneas, parece-lhe que no momento actual, no Brasil, atravessamos um periodo estacionario, ha novas escolas (romance social, poesia de acção, etc.,) ou ha a luta entre antigas e modernas? Neste ultimo caso quaes são ellas? Quaes os escriptores contemporaneos que as representam? Qual a que julga destinada a predominar?

—O desenvolvimento dos centros-literarios

dos Estados tenderá a crear literaturas á parte ?

— Vamos afinal ver o que somos! bradava elle, rindo da minha physionomia agitada.

De repente, porém, parou.

— Falta alguma cousa ao questionario, falta a pergunta capital, em torno da qual toda a literatura gyra, falta a pergunta isoladora das ironias directas !

— Qual ?

Não respondeu. Curvou-se, e numa lettra miuda escreveu :

O jornalismo, especialmente no Brasil, é um factor bom ou máo para a arte literaria ?

No dia seguinte, logo pela manhã, mandava para o correio mais de cem cartas. Tinha mergulhado de todo na literatura...

BILAC

A casa do poeta é de uma elegancia delicada e sobria. Ao entrar no jardim, que é como um paiz de aromas, cheio de rosas e jasmins, ouvindo ao longe o vago anceio do oceano, eu levava n'alma um certo temor. Eram oito horas da manhã, apenas oito horas. A rua parecia acordar naquelle instante, os transeuntes passavam com o ar de quem ainda tem somno, e o proprio sól, muito frio e formoso, parecia bocejar no lento adelgaçar das névoas.

— Só muito cedo encontrar-me-ás em casa, dissera elle, e eu mesmo sabia que o cantor do *Caçador de Esmeraldas* acorda ás 5 da madrugada, escreve até ás dez, sahe e não recolhe sinão depois da meia noite, porque o entristece ficar num gabinete sem outra alma, á luz dos bicos de gaz.

Quando, porém, ia tocar o timbre de um velho bronze, o meu receio desappareceu.

Estavam as portas da sala abertas e eu via Bilac curvado sobre a mesa a escrever.

—Póde-se importunar?

—O' ave madrugadora! Tu por aqui?

Ergueu-se com a sua aristocratica distincção. Estava todo vestido de linho branco, a camisa alva com punhos e collarinhos duros.

—Aposto que vens vêr os meus cartões postaes?

Eu olhava a sala onde ha tanto tempo mora a Musa perfeita. As paredes desapparecem cheias de télas assignadas por grandes nomes, kakémonos de Japão, colchas de seda côr d'oiro velho. As janellas deixam vêr o céo, a rua e as arvores entre cortinas côr de leite e sanefas de velludo côr de mosto. Do tecto pende uma antiga tapeçaria franceza, a um canto um paravento de laca parece guardar mysterios no *bric-à-brac* do mobiliario—cadeiras de varias épocas, poltronas, estantes de rodizios, *guéridons*, divans, dois vastos divans turcos, largos como alcovas... Ao centro a mesa em que escreve o poeta, muito limpa e quasi muito pequena, de canella preta, encimada por um ventilador. Os meus olhos repousam nos *bibelots*, nas jarras de porcellana cheias de flores frescas; a alma sente uma alegre impressão de confortavel. O poeta faz-me sentar.

—Oito horas já? Ha não sei quantas escrevo eu.

—Versos?

—Oh! não, meu amigo, nem versos, nem chronicas—livros para crianças, apenas isso que é

tudo. Sí fosse possivel, eu me centuplicaria para diffundir a instrucção, para convencer os governos da necessidade de crear escolas, para demonstrar aos que sabem lêr que o mal do Brasil é antes de tudo o mal de ser analphabeto. Talvez sejam idéas de quem começa a envelhecer, mas eu consagro todo o meu enthusiasmo—o enthusiasmo que é a vida—a este sonho irrealizavel.

—Basta o enthusiasmo pelo irrealizavel para que um homem seja perfeito, já disse Barrés.

Bilac sorriu.

—Mas então não queres lêr decididamente os pensamentos dos quarenta membros da Academia Franceza?

—Eu venho para coisas muito mais graves.

—Tenho que ha na vida coisas que se dizem mas não se escrevem, coisas que só se escrevem e outras que nem se escrevem nem se dizem mas apenas se pensam. Seria feliz sí me viesses perguntar aquella, que sem me entristecer nem entristecer aos outros, pudesse ser pensada, falada e escripta. É entretanto difficil...

Eu ouvia-o embevecido. A originalidade desse homem reside na sua sensibilidade extrema e sorridente, na sua impeccabilidade, nessa doçura como que rhythmica que harmonisa os seus periodos e o acompanha na vida. Bilac chegou á perfeição—é sagrado. Não ha quem

não o admire, não ha quem não o louve. As fadas, que são quasi uma verdade, fizeram da sua existencia uma symphonia deliciosa, e como o seu talento não tem desfallecimentos e a sua actividade é sempre fecunda, a admiração se perpetua. É o poeta da cidade como Catullo o era de Roma e como Apuléo o era de Carthago. Todos o conhecem e todos o respeitam. Os editores vendem annualmente quatro mil exemplares do seu livro de versos, realisando o que até então era o impossivel. Onde vá, o louvor acompanha-o. A cidade ama-o. Nenhum poeta contemporaneo teve o destino luminoso de empolgar exclusivamente a admiração. Elle é o pontifice dos artistas e dos que o não são. Ha homens que guardam em cofres tudo quanto tem escripto de esparso na sua multipla collaboração jornalistica e não ha um dia em que pelo menos não receba dos confins da provincia ou dos bairros aristocraticos meia duzia de cartas chamando-o de admiravel. E nunca a sua tunica branca teve uma ruga desgraciosa, nunca nos seus periodos a elegancia deixou de brilhar. Quando escreve, os jornaes augmentam a tiragem com as suas chronicas, e o seu estylo impeccavel aureola de sympathia todos os assumptos; quando fala, as suas palavras admiraveis, talhadas como em marmore e diamante, lembram os jardins de Academus e as prosas sabias do cáes de Alexandria, no tempo dos Ptolomeus.

E todos sentem a fascinação do encanto—as turbas confusas e os homens intelligentes.

É' o portador do espirito da Hellade. No portal da sua morada bem se podia gravar o mysterioso enigma da *Anthologia* :—« Nasci no bosque sagrado e sou feito de ferro. Torneime o secreto depositario das musas e quando falo, interprete e confidente unico, resôa o bronze eternamente. »

E, entretanto, ha por vezes no seu sorriso uma ironica amargura, na sua voz, que se véla, a secreta tristeza de quem está resignado a não dizer grandes verdades necessarias, e na sua alma, destinada á acclamação, uma delicadeza, uma modestia infinita. Dois escriptores elle os lê diariamente, ou pela manhã antes de começar a trabalhar, ou á noite antes de dormir—Renan e Cervantes. A vida fel-o vestir os impetos e a immensa paixão lyrica no burel de uma suave ironia. Quem o lê pensa em Luciano de Samosata, no ridiculo do heroe manchego, no travo das phantasias desfeitas. Mas, de raro em raro, surgem, como a reivindicação das idéas generosas, as tristes e delicadas imprecações da sua prosa, e em conversa muita vez quando todos riem, um doloroso suspiro de cansaço e tédio passa no seu labio, de todos despercebido. E é ainda essa alma exquisita que córa e se confunde, quando pela millesima vez numa tarde alguem se lembra de dizer que o acha incomparavel.

Talvez, por isso, o poeta sensual dos amores immensos, o vate embevecido nas vozes das estrellas, aquelle que durante vinte annos dera intenções e idéas á natureza e commentára com um piparote sceptico as acções dos homens, curvou-se um dia para a vermina com o fulgor do seu espirito luminoso e resolveu protegel-a. Bilac hoje é um apostolo-socialista prégando a instrucção.

Todos os problemas da vida elle os póde encarar como Capus os trata nas suas peças. A instrucção das crianças e o bem dos miseraveis preoccupam-no sériamente. Eu o ia interromper na composição de um livro para perguntar a sua opinião sobre o estado da literatura brasileira e o papel do jornalismo para com essa mesma literatura. Elle falou-me com uma certa amargura, ligando as minhas perguntas ao seu idéal.

—Que queres tu, meu amigo? Nós nunca tivemos propriamente uma literatura. Temos imitações, copias, reflexos. Onde o escriptor que não recorde outro escriptor extrangeiro, onde a escola que seja nossa? Eu amo entre os poetas brasileiros Gonçalves Dias e Alberto de Oliveira, a quem copiei muito em criança, mas não poderei garantir que elles não sejam productos de outro meio. Ha de resto explicações para o facto. Somos uma raça em formação, na qual lutam pela supremacia diversos elementos

ethnicos. Não póde haver uma literatura original, sem que a raça esteja formada, e já é prodigiosa a nossa intelligencia, que consegue ser esse reflexo superior e se faz representativa do espirito latino na America. Ah! a nossa intelligencia! É possivel atacar, espezinhar, pulverizar de ridiculo tudo o que constitue o Brasil, a sua civiliação e o esforço dos seus filhos. Esses ataques são em geral feitos por brasileiros. Duas coisas porém ficam acima dos máos conceitos:—a belleza da terra e o espirito que a habita, o encanto da natureza e a clara intelligencia assimiladora dos homens. Os commerciantes, os artistas em *tournée*, os humildes e os notaveis levam d'aqui a impressão immorredoira de que não ha paiz mais aberto a todas as idéas generosas, mais espiritualmente ironico. Poderiamos accrescentar :—nem mais indolente. Mas não basta haver talentos e bellos livros para que haja uma literatura. Esta opinião talvez não seja uma grande novidade, mas é verdadeira. Nós nos regulamos pela França. A França não tem agora lutas de escola, nós tambem não; a França tem alguns moços extravagantes, nós tambem; ha uma tendencia mais forte, a tendencia humanitaria, nós começamos a fazer livros socialistas. Esta ultima corrente arrasta, no mundo, todos quantos se apercebem da angustia dos pobres e o soffrimento dos humildes. Um artista sente mais

as dôres terrenas que cem homens vulgares, os poetas são como o echo sonoro do verso de Hugo, entre o céo e a terra, para transmittir aos deuses os queixumes dos mortaes...

A Arte não é, como ainda querem alguns sonhadores ingenuos, uma aspiração e um trabalho á parte, sem ligação com as outras preoccupações da existencia. Todas as preoccupações humanas se enfeixam e misturam de modo inseparavel. As torres de ouro e marfim, em que os artistas se fechavam, ruiram desmoronadas. A Arte de hoje é aberta e sujeita a todas as influencias do meio e do tempo: para ser a mais bella representação da vida, ella tem de ouvir e guardar todos os gritos, todas as queixas, todas as lamentações do rebanho humano. Sómente um louco,—ou um egoista monstruoso,—poderá viver e trabalhar comsigo mesmo, trancado a sete chaves dentro do seu sonho, indifferente a quanto se passa, cá fóra, no campo vasto em que as paixões lutam e morrem, em que anceiam as ambições e choram os desesperos, em que se decidem os destinos dos povos e das raças...

Uma revista, que se fundasse, no Brasil, para exclusivamente cuidar de cousas de Arte, seria absurda. A Arte é a cupola que corôa o edificio da civilisação: e só pode ter arte o povo que já é « povo », que já sahiu triumphante de todas as provações em que se apura e define o caracter das nacionalidades.

O que urge é comprehender isso, e é aproveitar a lição dos factos. Nós não temos unicamente, diante de nós, o problema do saneamento e do povoamento. Com o saneamento apenas,—livrar-nos-emos das epidemias que os mosquitos, os ratos, os microbios transmittem de corpo a corpo,—mas deixaremos, intacta e tremenda, pairando sobre nós, a ameaça das epidemias moraes, que depauperam o organismo social, e o conduzem á indisciplina, á inconsciencia e á escravidão. Tratando apenas do povoamento, feito ao acaso das levas de immigração, sem fundar uma escola em cada novo nucleo de povoadores,—conseguiremos sómente augmentar e dilatar o imperio da ignorancia e da irresponsabilidade.

O problema que tem de ser resolvido, juntamente com esses dois, é o da instrucção. E o que dóe, o que desespera, é que toda a gente culta do Brasil tem a consciencia d'isto, e que, ha mais de um seculo, esta verdade, annunciada, proclamada, escripta, em todas as tribunas, em todos os livros, em todos os jornaes, ainda não achou governo que a servisse em terreno pratico.

Houve um silencio. O poeta falava como um philosopho e no seu labio a verdade vibrava. Timidamente comecei uma phrase, que não chegava a ser pergunta :

—Os Estados procuram crear literaturas á

parte. Ainda ha pouco, logo após a publicação das minhas primeiras entrevistas sobre o momento literario, todos os Estados agitaram-se, S. Paulo, Rio Grande, Pernambuco...

—É dividir o que ainda não se póde dividir. Não ha talentos do Norte nem do Sul. Ha talentos brasileiros. Não posso comprehender, para não citar sínão um exemplo, em que os versos de Francisca Julia possam ser paulistas. Quanto á separação da nossa futura literatura ella se fará lentamente, como se vão formando a nossa raça e o nosso gosto, conforme as correntes mais ou menos fortes dos povos colonisadores. Talvez em 2500 existam literaturas diversas no vasto territorio que hoje fórma o Brasil.

—E o jornalismo?

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, tão poeta que o seu nome é um alexandrino, limpou os vidros do binoculo e disse praticamente:

—O jornalismo é para todo o escriptor brasileiro um grande bem. É mesmo o unico meio do escriptor se fazer lêr. O meio de acção nos falharia absolutamente se não fosse o jornal —porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade. O jornal é um problema complexo. Nós adquirimos a possibilidade de poder falar a um certo numero de pessoas que nos desconheceriam sí não fosse a folha diaria; os proprietarios de jornal vêem

limitada, pela falta de instrucção, a tiragem das suas emprezas. Todos os jornaes do Rio não vendem, reunidos, cento e cincoenta mil exemplares, tiragem insignificante para qualquer diario de segunda ordem na Europa. São oito os nossos! Isso demonstra que o publico não lê — visto o prestigio representativo gosado pelo jornalista. E porque não lê? Porque não sabe! Tenho estatisticas aterrorisadoras, phenomenaes. Era natural que decrescesse a lista dos analphabetos á medida que a população augmentasse em numero e civilização. Pois dá-se o contrario. Ha hoje mais um milhão de analphabetos que em 1890! E digam depois que não é preciso crear escolas e diffundir a instrucção. Um povo não é povo emquanto não sabe lêr. Admiras-te dessa minha transformação? O poeta, que ama as cigarras e os flamboyants, o sonhador, que em tudo vê a poesia, batendo-se por um grave problema social!... Ah! meu amigo! Para mim esta é a ultima etapa do aperfeiçoamento, e o jornalismo é um bem.

Parou, foi até á janella, olhou o céo, que escurecera prenunciando chuva. Toda a sua figura transpirava sympathia harmoniosa. E, de entre as cortinas côr de leite, uma outra voz grave vibrou, cheia de melancolia :

« Oh! sim, é um bem. Mas sí um moço escriptor viesse, nesse dia triste, pedir um conselho á minha tristeza e ao meu desconsolado

outono, eu lhe diria apenas : Ama a tua arte sobre todas as coisas e tem a coragem, que eu não tive, de morrer de fome para não prostituir o teu talento ! »

JOÃO RIBEIRO

A primeira vez que falei a João Ribeiro da possibilidade de um inquerito a respeito do momento literario, foi á porta do Garnier, ás 3 da tarde, hora em que apparecem os literatos e os diplomatas, para a conversação de praxe.

João Ribeiro estava num dos seus dias de irritação.

Arriscaria dizer que me recebeu com tres pedras na mão, sí não tivesse a certeza de que era muito maior o numero dellas.

Mas eu tenho para a vida uma certa quanti dade de maximas capazes de explicar e minorar os soffrimentos possiveis. Abri o sacco e li uma das sentenças de Nietzsche : « Fazer planos e tomar resoluções, ahi está o que nos dá uma porção de sentimentos agradaveis. Aquelle que tiver a força de não ser toda a vida sínão um forjador de planos será um homem feliz. Ser-lhe-á, porém, necessario de tempo em tempo executar um plano e então começarão as coleras e as desillusões. »

Guardei-me de insistir. No dia seguinte o superior espirito estava mais calmo. Chamou-me para um canto, teve a bondade de achar interessante o inquerito e disse:

—Vou responder. Aproveito a occasião para accentuar umas idéas... Não prometto responder já, mas prometto ser sincero. Sí for a *Princeza Mangalona* o livro que maior influencia me tenha causado, pode ter a certeza que a ponho lá.

Quarta-feira de cinzas recebia eu esta deliciosa carta, em que a arte de escrever rivalisa com a fulgurancia dos conceitos :

1. *Para sua formação literaria quaes os auctores que mais contribuiram?*

Em termos restrictos, não posso e nem sei responder. Fui um grande ledor de folhetos, revistas e livros de todo o genero : as minhas admirações eram sempre ephemeras e precarias e logo substituidas ou augmentadas de outras novas; pratiquei, pois, um polytheismo tão numeroso como o antigo; não sei dizer quem era o *Zeuspiter* desse Olympo, mas posso dizer quem foi o *Uranus* primitivo.

Meu avô (á cuja sombra cedo recolhemos minha mãi e eu, orphãos de meu pai) tinha uma bibliotheca de cousas portuguezas; meu avô era da geração dos cartistas e franc-maçons, embirrava com padres e frades e como neo-catholico adorava o Herculano e o Saldanha

Marinho. Nem então, nem depois, participei daquellas iras ou enthusiasmos; da sua bibliotheca o que me attrahia era uma magnifica collecção do *Panorama* e a do *Almanack de Lembranças Luso-Brasileiro;* si a estes ajuntar o *Manual Encyclopedico* de Emilio Achilles Monteverde, que eu lia na escola, terá v. o genesis de todas as minhas lettras, sciencias e artes daquella quadra. Confesso que não augmentei deum ceitil todo aquelle patrimonio, e em muitas coísas o dissipei e diminui. Todas as minhas horas de lazer consumiam-se em desenhar, copiando as gravuras do *Panorama*, em reler a mythologia e as verdades eternas do *Manual Encyclopedico;* por outro lado, o *Almanack de Lembranças* ensinava-me a fazer charadas, e as charadas ensinaram-me a fazer versos. Não se espante de que aos doze ou treze annos eu começasse a fazer versos : eu ignorava ainda a arte, sem duvida mais difficil, de os não fazer, arte que emfim, tarde e mal, aprendi. As minhas origens espirituaes, pois, são, como a social,—plebeias, rusticas e pobres, mas nunca pediram de sacco e brado pelas ruas. As minhas expansões nunca fizeram explosão que puzesse em perigo o tecto paterno : accommodaram-se no estreito ambiente domestico e supportaram a pressão do silencio externo. Resta, porém, indicar um factor singular e dos que se têm a conta de indifferentes, mas que, ao parecer, foi

decisivo; sempre fui homem material, e, rudeza ou grosseria, sempre tudo submetti e subordinei á forma, não havendo para mim substancia se não a externa, palpavel e evidente. Sou capaz de affirmar e affirmo que me fiz poeta só e unicamente porque eu tinha então papel, *esplendido*, como se diz hoje, para versos : eram umas aparas do *Archivo Economico* da Bahia, revista que meu avô assignava e cujas margens larguissimas por superfluas eram cortadas; do bico da tesoura eu recolhia aquellas fitas brancas e lisas, que na minha mão se enrolavam curvas como o aço dos relogios, esperando a desenvolução futura, nos momentos de furor e de estro.

Naquellas duas pollegadas de papel a minha lettra miuda poria dextramente um alexandrino, mas nem de tanto havia mister, porque eu comecei pela *oitava rima* e pelo poema epico : a epopéa devia de ser uma *Brasileida* ou *Brasiliada* (ou cousa que o valia, e agora me esquece) e era assumpto a chronica de descobrimento do Brasil, que eu li no *Panorama* (1) e onde se contavam os amores de Ypeca, india tupinacuim, e de um portuguez da frota de Cabral. Acabo aqui a historia, porque já vou excedendo, mal a meu grado, os limites da resposta; mas

---

(1) Creio que de F. A. Varnhagen ; um romance historico; estava então na baila W. Scott, entre os escriptores portuguezes Rebello da Silva, Herculano, etc.

aqui tem v. mais ou menos os *auctores que mais contribuiram*, na formação do meu primeiro e unico poema : technica—o papel aparado e o vezo da charada; sciencia e mythologia —o *Manual Encyclopedico;* sujeito e desenvolvimento—o *Panorama*. O resto, attribua-o v. generosamente ao meu talento.

2. *Das suas obras qual a que prefere?*

Obras literarias, além de um livro de versos, não as tenho; tudo quanto escrevi foram fragmentos, artigos de jornal, cousas esparsas e sem valia, das quaes um colchete coordenador poderá talvez fazer um misero opusculo. Mas posso dizer á maneira de D. Francisco Manuel— « nunca me arrependi do que deixei de escrever ».

Escrevi, sim, e v. bem o sabe, alguns livros uteis, ou com a intenção de uteis, e em realidade o foram ao menos para mim mesmo.

A *Brasileida* perdeu-se ou eu a rasguei, sem nenhum gesto de ira; os outros terão agonia mais lenta e hão de perder-se com mais demorados vagares.

Francamente, não prefiro nenhum, a não ser talvez um ou outro verso, dos que compuz, menos pelo que vale e mais pelo que lembra na memoria de outros tempos.

3. *Lembrando separadamente a prosa e a poesia contemporaneas, parece-lhe que no momento actual, no Brasil, atravessamos um pe-*

riodo estacionario, ha novas escolas (romance social, poesia de acção etc.) ou ha a luta entre as antigas e as modernas? Neste ultimo caso quaes são ellas? quaes os escriptores contemporaneos que as representam? qual a que julga destinada a predominar?

—Acho difficil responder a tanta cousa por junto e mais do que difficil acho que seria odiosa a minha inutil franqueza. Vou ver sí me conformo á verdade sem faltar ás conveniencias. A' verdade, segundo a eu entendo, já se vê. Não gosto, absolutamente não gosto dos nossos ultimos poetas; falo dos ultimos, recentissimos. Basta dizer que não os leio e que ainda que o quizesse não os podia ler. E digo com a maxima sinceridade que, em abrindo uma folha, prefiro ler um annuncio de leilão a um soneto. E a nossa poesia de hoje uma cousa peior que pessima, porque é sempre a mesma repetição eterna, descorada, longuissima, das mesmas coísas, é a mesma emphase chilra, destemperada, cançada como aquelle *chá* do Tolentino...

Em bule chamado inglez
Que já para pouco serve,
Duas folhas lança ou tres
De cansado xá que ferve
Com esta, a setima vez.

Poder se-ia ainda continuar :

De fatias nem o cheiro
Etc.

Ao menos versos destes podem ser repetidos e hão de o ser eternamente.

Está-se a vêr por este excesso do meu juizo que o defeito é todo meu, falha e insufficiencia da minha parte. Não é possivel que eu tenha razão.

A verdade é que não sinto e não entendo, não alcanço o que querem os nossos poetas. Quer v. mais? já transpuz os limites da discreção, e numa sociedade primitiva e guerreira como esta, democratica pela força das coísas mas sem nenhuma educação liberal, e em que a regra é *eliminar os discordantes*, com o que disse já estou muito mal parado.

Peço-lhe, sí se interessa pela minha paz de espirito, que accrescente ahi numa entrelinha : ha algumas excepções honrosas...

Não succede, porém, a mesma cousa com os nossos prosadores; e ainda que eu conheça (só pela rama) umas tres das grandes literaturas européas, acho que podemos falar de escriptores nossos sem incontinencia. Sí tudo é relativo, ha descomedimento a nosso favor, e a proporção que nos convem dá muito para envaidecer-nos. Temos romancistas, criticos, jornalistas, oradores mais e melhor do que jámais tivemos.

Os nossos prosadores de hoje, no Rio, escrevem com gosto, clareza e não raro com perfeição de fórma e outras excellencias ainda ha pouco

tempo-não sonhadas siquer; o máo estylo provinciano, *condoreiro*, asiatico, sesquipedal, pedantesco, bombastico ou ridiculo, aqui não acha quartel e cá se não vê mais no livro nem no iornal.

(Não fallo de excepções para peior; nem a mesma Athenas de Pericles dellas estaria exempta.)

Dessa tendencia conclúo que o predominio será no Brasil o do culto da linguagem classica; temos a doença que é o dialecto e é natural que se não poupem sacrificios pela saúde.

Faça-me justiça. Não quero dizer que nos desvelem as noites o Fr. Luiz de Souza ou o Sá de Miranda: para estes haverá obreiros modestos que lhes consagrem as insomnias, trabalhadores incessantes e fragueiros. A tendencia para a perfeição é um instincto ingenito de todos os artistas; nunca houve guerra aos classicos sinão depois que houve jornalismo. Os jornalistas com a sua technica repentina não se podem prender por esses polimentos demorados, por essas limagens preguiçosas que não podem ir por machina. Falam *pro domo sua*, quando invectivam as velharias de antanho. Mas si ha mister, porque se não ha de, até nisto, engenhar uma machina?

Não é talvez difficil e creio até que já está meio inventada.

Colloquemos a questão nos seus verdadeiros termos.

O estylo não é tanto *correcção*, coísa trivial, mas é *perfeição*, isto é :—*a idéa precisa e exacta na sua forma exacta e precisa* ; é o bronze vasado no seu molde, a prata na sua rilheira. E qual é o artista de qualquer arte e de qualquer canto do mundo, que não busca, não pesquisa e não se deixa matar por um fim supremo ?

Não se trata pois de grammatica nem de grammaticões impertinentes e molestos como os da minha especie que registram e passam, e nem se offerecem como prospectos modelares á geração nova.

A escola *classica* que é da perfeição de forma é eterna ou antes é a mesma eternidade da compleição humana; as outras têm e sempre tiveram direito á vida, mas são antes *modas* ephemeras, diarias, annuaes, bisonhas, e quando muito ao cabo de 3 ou 4 annos são excellencias que degeneraram em sensaborias, elegancias que cada transatlantico desfaz ou recompõe... São emfim roupagens emquanto o classico é o *nú* daquella nudez que o Eça queria mal velada por um manto diaphano, e outros o querem... por um capote...

Falta-me responder ainda a duas questões. Sobeja o assumpto, mas falta o papel (como vai longe aquelle bom tempo das aparas !) E tambem preceito ibseniano que tudo se não ha de

dizer de pancada e a boa regra é deixar um pouco á collaboração dos que lêem...

Das duas questões que resta responder, a uma dellas—*si haverá de futuro literaturas á parte nos Estados*? pode-se dizer *sim ou não*, conforme a distancia em que se ponha aquelle futuro : sí é no infinito onde todas as antinomias se conciliam e as parallelas se encontram, naturalmente, mathematicamente, *sim* é a verdadeira resposta, e não tenho duvidas a este respeito.

Ha de v., porém, permittir-me que do infinito eu não passe adeante. »

E depois de chegar ao infinito não tive coragem de lhe perguntar mais nada...

UM LAR DE ARTISTAS

« Pois eu em moça fazia versos. Ah! não imagina com que encanto. Era como um prazer prohibido! Sentia ao mesmo tempo a delicia de os compor e o medo de que acabassem por descobril-os. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura do papel uma porção de rimas...

De repente, um susto. Alguem batia á porta. E eu, com a voz embargada, dando volta á chave da secretaria : já vai! já vai!

A mim sempre me parecia que sí viessem a saber desses versos em casa, viria o mundo abaixo. Um dia, porém, eu estava muito entretida na composição de uma historia, uma historia em verso, com descripções e dialogos, quando senti por trás de mim uma voz alegre:—Pegueite, menina! Estremeci, puz as duas mãos em cima do papel, num arranco de defesa, mas não me foi possivel. Minha irmã, adejando triumphalmente a folha e rindo a perder, bradava:—En-

tão a menina faz versos? Vou mostral-os ao papá! Não mostres! É que mostro!

—Vais fazel-o zangar commigo. Não sejas má!

Ella ria, parecendo reflectir. Depois deitou a correr pelo corredor. Segui-a commovidissima. Na sala, o papá lia gravemente o *Jornal do Commercio*.

—Papá, a Julia faz versos!—Não senhor, não lhe acredites nas falsidades!—Pois se eu os tenho aqui. Olha, toma, lê tu mesmo...

Meu pai, muito serio, descançou o *Jornal*. Ah! Deus do céo, que emoção a minha! Tinha uma grande vontade de chorar, de pedir perdão, de dizer que nunca mais faria essas cousas feias, e ao mesmo tempo um vago desejo que o pai sorrisse e achasse bom. Elle, entretanto, severamente lia. Na sua face calma não havia traço de colera ou de approvação. Leu, tornou a ler.

A folha branca crescia nas suas mãos, tomava proporções gigantescas, as proporções de um grande muro onde a minha vida acabara a alegria... Então, que achas? O pai entregou os versos, pegou de novo o *Jornal*, sem uma palavra, e a casa voltou á quietude normal. Fiquei esmagada. Que fazer para apagar aquelle grande crime? No dia seguinte fomos ver a Gemma Cuniberti, lembra-se? uma criança genial. Quando sahimos do espectaculo, meu pai deu-me o seu braço.—Que achas da Gemma?—Um grande talento.—Imagina! O Castro pediu-me

um artigo a respeito. Ando tão occupado agora! Mas o homem insistiu, filha, insistiu tanto que não houve remedio. Disse-lhe : não faço eu, mas faz a Julia...

Minha Nossa Senhora! Puz-me a tremer, a tremer muito. O paí, esse, estava impassivel como sí estivesse a dizer cousas naturaes :— Estamos combinados, pois não? O promettido é devido. Fazes amanhã o artigo. Sei lá o que respondi! O certo é que não dormi toda a noite, nervosa, imaginando phrases, o começo do artigo. Pela madrugada julgava impossivel escrevel-o, tudo parecia banal ou extravagante. Mas depois do almoço, antes de sahir, o paí lembrou-me como se lembra a um escriptor : Vê lá, Julia, o artigo é para hoje. Tenho que o levar á noite. Havia um jornal que exigia o meu trabalho. Era como sí o mundo se transformasse. Sentei-me. E escrevi assim o meu primeiro artigo... Só mais tarde, muito mais tarde, é que vim a saber a doce invenção de meu pai.

O Castro nunca exigira um artigo a respeito da Gemma... »

Estavamos na casa de Filinto de Almeida, um *cottage* admiravel, construido entre as arvores seculares da estrada de Santa Thereza. Eu descera do tramway sob uma forte carga de chuva e, enlameado, molhado, em baixo da branca escada de marmore, não sabia como explicar tão lamentavel estado. Filinto, porém, com um ar

levemente imperioso, o seu ar quando começa a sympathisar com alguem, tomara-me o chapéo e D. Julia sorria, cheia de bondade.

—Entre. Ninguem vê, estamos combinados que ninguem reparará na má acção do temporal.

Fôra assim que eu ousara entrar e já trinta minutos havia que ouviamos deliciados a dona daquelle lar.

A casa de Filinto fica a dez minutos da cidade e é como si estivesse perdida num afastado bairro. Não ha visinhos; não ha transito pela estrada, a não ser o bond de quarto em quarto d'hora. Uma grande paz parece descer das arvores. Todas as janellas estão abertas.

A sala, de um largo conforto inglez, tem uma bibliotheca com os livros preferidos dos poetas, um vasto *bureau* cheio de papeis e revistas, e uma porção de quadros com assignaturas notaveis de Souza Pinto, Amoedo, Parreiras... Um perpetuo scenario de apotheose divisa-se das janellas,—o scenario do Rio com o seu estrepito de sons e de côres, o tumulto das ruas estreitas, os montes escalavrados de casas, o perfume dos jardins e a enorme extensão da bahia ao fundo.

Toda a cidade, estendendo por monte e valle o formigamento dos seus bairros, trechos da Gambôa, trechos centraes, torres de igrejas, a cupola da Candelaria, tectos envidraçados de frontões, altas chaminés de fabricas, palacios,

casas miseraveis, pedaços de mar obstruidos de mastros, parece cantar o offertorio da vida. Ah! a humanidade da grande colmeia!

Quantos soluços, quantas alegrias, quantas raças! A chuva passara, o mormaço ia a pouco e pouco esphacelando as nuvens baixas e o panorama augmentava, crescia, assombrava com leves tons de azul e oiro, um panorama epico de porto de mar latino...

—Este scenario lembra-me sempre aquelle livro seu — *A viuva Simões*. Não imagina a impressão desse trabalho na minha formação de pobre escrevinhador.

Que intensidade de vida! Sempre perguntava a mim mesmo: onde foi buscar D. Julia um typo de tão penetrante realidade?

—Onde? Mas é uma historia inventada.

—Não é um livro *á clef?*

—Não, não é, não ha trabalho meu, com excepção dos *Porcos* e da *Familia Medeiros*, que não seja pura imaginação. O caso dos *Porcos* eu ouvi contar numa fazenda, quando ainda era solteira. Os homens do matto são em geral máos. A narração era feíta com indifferença, como se fosse um facto commum. Horrorisou-me. A *Familia Medeiros* tem dous ou tres typos que guardam impressões reaes. Os outros não, são fantasia.

Não imagina como me aborrece a idéa de fazer romances com historias verdadeiras. E entre-

tanto sou victima dessa supposição. A *Viuva Simões* é a historia de uma senhora conhecida; a *Intrusa*, ainda outro dia Affonso Celso perguntou a meu marido sí era um romance *á clef*... Andava muito contente com aquelle conto: *A valsa da fome*. Mandei o volume a uma das minhas primas em Lisboa e recebi logo uma carta sua. Oh! a *Valsa da fome*, a verdade dessas paginas! Ha dezeseis dias em Cascaes deu-se um facto identico. Apenas o fim é que é diverso. Os rapazes levaram o pianista a jantar e elle desmaiou...

Nós sorriamos.

—Que se ha de fazer? Quantos ha por ahi copiando a verdade, que são sempre falsos? D. Julia tem a luminosa faculdade de crear, e trata os personagens da phantasia como educa os seus filhos. É a vida.

—Oh! os meus personagens. A's vezes são até inconvenientes. A gente inventa-os e no meio do livro elles começam a discutir, a ter desejos, a forçar as portas da attenção. A *Intrusa*, por exemplo, quando a phantasiei, devia apparecer muito pouco...

Uma criança loira, de uma belleza de narciso, apparece á porta. É a Margarida. As suas longas mãos no ar, chamando a mãi, são tão finas e rosadas que recordam as petalas dos chrysanthemos. D. Julia levanta-se.

—Vou ver o Albano, coitadinho... Já não o vejo ha muito tempo.

Ficamos sós um instante.

—Ha muita gente que considera D. Julia o primeiro romancista brasileiro.

Filinto tem um movimento de alegria.

—Pois não é? Nunca disse isso a ninguem, mas ha muito que o penso. Não era eu quem devia estar na Academia, era ella.

Esse sentimento de mutua admiração é um dos encantos daquelle lar. Filinto esquece os seus versos e pensa nos romances da esposa. Leva-a a certos trechos da cidade para observar o meio onde se desenvolverão as scenas futuras, é o seu primeiro leitor, ajuda-a com um respeito forte e masculo. D. Julia ama os versos do esposo, quer que elle continue a escrever, coordena o volume prestes a entrar no prélo. E ambos, nessa serena amizade, feita de amor e de respeito, envolvem os filhos numa suave atmosphera de bondade.

—Tens no teu questionario uma pergunta a respeito da influencia do jornalismo. Nós todos somos um resultado do jornalismo. Antes da geração dominante não havia bem uma literatura. O jornalismo creou a profissão, fez trabalhar, aclarou o espirito da lingua, deu ao Brasil os seus melhores prosadores. Não é em geral um factor bom para a arte literaria, e talvez no Brasil não o seja muito em breve, mas

já o foi e ainda o é. Fallas tambem das literaturas á parte. Tivemos a *Mina* da Bahia, a *Padaria* do Ceará, temos os occultitas decadentes do Paraná, mas tudo isso mais ou menos desapparece ou tende a desapparecer. A literatura centralisou-se no Rio. Os rapazes de talento abandonam a provincia pela capital, e quando lá estão são sempre reflexos daqui. Não existirá nunca a arte regional.

Mas apparece a Lucia, a outra filha, uma belleza brasileira, morena, redondinha, acariciadora.

Filinto abandona a arte regional, a *Mina*, a *Padaria*, os decadentes, para cobril-a de beijos.

—Sabes como eu a chamo? *Sinhá Midobi*. Ai! a minha filha! E faz versos. Esta casa está perdida, fazem todos versos, são todos poetas, o menos poeta sou eu...

D. Julia volta.

—Então o Albano?

—Bem, está direito. Sabe o Sr. que é muito difficil responder ao seu inquerito? Tem tanta cousa! Começa logo com uma pergunta complexa a respeito de formação literaria. Tive duas creaturas que a fizeram,—meu pai e meu marido. Em solteira, meu pai dava-me livros portuguezes,—o Camillo, o Julio Diniz, Garret, Herculano. Já publicara livros quando casei, e só depois de casada é que li, por conselho de meu marido, os modernos daquelle tempo,—Zola, Flaubert, Maupassant.

—Maupassant causou-lhe uma grande impressão. *A Viuva Simões*...

—Eu li Maupassant depois de publicada *A Viuva Simões*. Sou de muito pouca leitura.

Era capaz de passar a vida lendo, mas uma dona de casa não pode perder tanto tempo. E até fico nervosa quando vejo livros por abrir. Seria tão agradavel gastar a existencia lendo!...

Quem entretanto cuidaria dos filhos, dos arranjos da casa?

— Como faz os seus romances, D. Julia?

—Aos poucos, de vagar, com o tempo. Já não escrevo para os jornaes porque é impossivel fazer chronicas, trabalhos de começar e acabar. Idealiso o romance, faço o *canevas* dos primeiros capitulos, tiro uma lista dos personagens principaes, e depois, hoje algumas linhas, amanhã outras, sempre consigo acabal-o. Ha uma certa hora do dia em que as cousas ficam mais tranquillas. É a essa hora que escrevo, em geral depois do almoço. Digo ás meninas:—Fiquem a brincar com os bonecos que eu vou brincar um pouco com os meus. Fecho-me aqui, nesta sala, e escrevo. Mas não ha meio de esquecer a casa. Ora entra uma criada a fazer perguntas, ora é uma das crianças que chora. A's vezes não posso absolutamente sentar-me cinco minutos, e é nestes dias que sinto uma imperiosa, uma irresistivel vontade de escrever...

—E apesar disso, diz Filinto, tem doze volu-

mes publicados e começa a escrever um grande romance.

—Oh! um livro muito difficil, apenas esboçado, sobre a vida das praias, dos pescadores.

D. Julia está sentada na sombra, fala dos livros e dos filhos ao mesmo tempo. Estou a crêr que os confunde e pensa nos personagens da phantasia creadora como beija os meigos fructos da sua vida. É calma, repousada, doce a sua voz, como são maternaes os gestos seus. Qualquer cousa de suave e de simples aureola-lhe o semblante, impõe a veneração. Uma grande sinceridade, tal que de certo, ao ouvil-a, as almas mais retrahidas lhe devem confessar a vida e pedir-lhe conselhos, como se pede aos bons e aos misericordiosos.

—E que me diz das escolas em luta, do socialismo, do nephelibatismo, do feminismo?

—Ha tudo isso?

—Pelo menos parece. A *Regeneração*, o *Ideo-logo*, Tolstoi, e logo depois Stirner, Nitzsche, o naturismo, o symbolismo...

—Deus do céo! É verdade que eu leio pouco. Alguns desses senhores entretanto (creio que os nephilibatas) são por demais complicados. A arte, para mim, é a simplicidade. Ser simples e sobrio é um idéal. Elles, ao contrario, confundem, torturam, torcem.

—A verdade é que nós atravessamos, um periodo estacionario, intervem Filinto Esse

mesmo nephelibatismo passou. A geração victoriosa é ainda ad e Bilac, Alberto, Raymundo na poesia e Machado de Assis, Netto, Aluizio na prosa.

—E o feminismo, que pensa do feminismo?

Parece-me ver nos olhos de D. Julia um brilho de vaga ironia.

—Sim, com effeito, ha algumas senhoras que pensam nisso. No Brasil o movimento não é comtudo grande. Acabo de receber um convite de Julia Cortines para collaborar numa revista dedicada ás mulheres. Descanse! Ha uma secção de modas, é uma revista no genero da *Femina*...

Já passa de duas horas o tempo em que eu, numa *causeuse* de coiro, interrogo inquisitorialmente os dois artistas. Levanto-me.

—Vaí-se embora? Tão cedo?

—Duas horas! Ha lá em baixo, naquella fornalha, uma outra fornalha que me espera—o jornal. Despeço-me.

—Ainda uma pergunta: dos seus livros qual prefere?

—Vai ficar admirado.

—É a *Fallencia?*

—Não.

—O primeiro?

—Não, é a *Casa Verde*, porque foi escripto de collaboração com meu marido. *A Casa Verde* lembra-me uma porção de momentos felizes...

—Imagina eu fazendo romances! Era porque ella queria. Tambem só me sentava á mesa depois que me dizia: tem que fazer um capitulo hoje com estes personagens, dando-lhe este desenvolvimento.

D. Julia sorri. Como o tramway passe, precipito-me, e, ao tirar o chapéo, já dentro do carro, vejo no terraço os tres airosos perfis dos tres petizes de Filinto, que adejam no ar as mãosinhas de rosas.

Então, emquanto o tramway descia a montanha, com a visão daquellas duas horas embaladoras, eu pensei que o adeus perfumado das crianças fôra como um resumo e um symbolo do espirito daquelle lar. Filinto dividiu o tempo entre o esforço material e o verso, para lhes dar o conforto. D. Julia, a creadora genial, tem a doce arte de ser mãi. E os seus livros não são outra cousa, na sua intensa verdade, que a evocação do Amor, do Amor multiforme, fatal como o viver, o Amor em que se desnastra como um harrpejo de alegria, como a esperança mesma da vida presente, crendo no futuro, o riso cantante das crianças...

SYLVIO ROMÉRO

Dez dias depois de mandar o meu questionario para a Campanha, onde o mestre refundia toda a sua obra, recebi uma carta telegraphica que se pode resumir em duas phrases : « É difficil. Vou ver sí faço. »

Passaram-se mais duas semanas e outra carta surgiu : « Tanto trabalho fez-me neurasthenico. Não posso responder nestes trinta dias. »

Fiquei descorçoado. Entretanto, não esperei muito. Ainda não decorrera metade do tempo marcado para o repouso do incansavel espirito, recebi com a resposta este simples bilhete : « Não pude esperar. Lá vai a coisa. Sí não servir, rasgue. »

A *coísa* era esta extraordinaria carta, cheia de mocidade e de fulgor :

« Meu amigo.—O seu *questionario* poz-me em serios embaraços. Logo que o recebi, suppuz ser cousa facillima o dar-lhe immediata resposta.

Quando me afundei em mim mesmo, para sondar como se me tinha operado o que se pode-

ria chamar a minha *origem e formação espiritual*, conheci que essa especie de *exame de consciencia* não era nada facil.

Achei, em minh'alma, meio velada, num semi-crepusculo subjectivo, tantas anthropologias, ethnographias, linguisticas, sociologias, criticas religiosas, *folk-loricas*, juridicas, politicas e literarias, que tive medo de bulir com ellas e me me er nesse matagal...

Conheci, sem esforço e para meu mal, que, sí não sou ao pé da lettra um *scientista*, não me cabe tambem a denominação de *literato*, no sentido restrictissimo que este qualificativo tem entre nôs e parece ser a intuição por v. abraçada, quando diz no auto de perguntas : *De seus trabalhos quaes as scenas ou capitulos, quaes os contos, quaes as poesias que prefere?*

Escrevi, é certo, algumas poesias, entre os dezoito e vinte e cinco annos, que andam ahi em dous volumes. Mas foi só.

Não tenho romances, contos, novellas, dramas, comedias, tragedias, folhetins, chronicas, phantasias...

Não, nada disso.

Conheci, mais e de subito, que essas *confissões de autores* são coísa perigosa : sí se diz pouco, parece simplicidade affectada e insincera; sí se diz um tanto mais, parece fatuidade e pedanteria.

Quiz fugir á resposta; mas estava preso pela promessa.

Palavra de tabaréo não torna atrás...

Ahi vai, pois.

Em mim o *caso literario* é complicadissimo e anda tão misturado com situações criticas, philosophicas, scientificas e até religiosas, que nunca o pude dellas separar, nem mesmo agora para lhe responder.

Não tive nenhumas precocidades literarias, scientificas ou outras quaesquer.

Quando escrevi a primeira poesia e o primeiro artigo de critica, tinha dezoito annos e meio bem puxados e já andava matriculado na faculdade do Recife.

Para lhe dizer tudo, devo partir do principio.

Faço-o com acanhamento, mas é indispensavel.

Nestes assumptos ou tudo ou nada. Não se assuste, serei breve.

Como carater e temperamento, sou hoje o que era aos cinco annos de idade.

Não se admire; é que sou, sí assim posso dizer, uma victima das duas primeiras, mais famosas e mais terriveis epidemias que devastaram o Brasil no seculo XIX.

Em 1851, anno em que nasci, foi nossa terra invadida por uma violenta epidemia de febres más, que se estendeu por varias provincias.

A villa sertaneja em que nasci, em Sergipe, o Lagarto, não ficou immune.

Minha mãi teve a febre (suppõe-se que já era a hoje nossa *patricia* mui conhecida—a *amarella*); esteve ás portas da morte, não me podia amaentar. Eu tinha seis semanas. Fui transportado para o *engenho* de meus avós maternos a quatro leguas de distancia, na região chamada o Piauhy, de um rio deste nome que alli corre aguas turvas e cortadas no tempo das seccas.

O sitio era delicioso, com trechos de matta virgem, bellos outeiros fronteiriços, riachos correntes e o *engenho*. Este era dos de *animaes*. São os mais poeticos nas scenas de sua movimentação especifica. Basta a *almanjarra* (manjarra—chama-se lá), para pôr em tudo uma nota festiva.

Fiquei no engenho *Moreira*, tal é sua denominação, até aos cinco annos. Dos tres em diante a *moagem* era para mim um encanto.

Quando os bois ou cavallos eram bem mansos, eu trepava tambem na *almanjarra* e ajudava a cantar a algum dos *tangedores*:

« Pomba vôou, meu camarada,
Avôou, que hei de fazer ?
Quem de noite leva á bocca,
De dia que ha de comer ? »

Ainda agora sinto no ouvido a melodia simples e monotona desses e de outros versinhos do genero; e invade a saudade, doce compa-

nheira a quem devo nos dias tristes de hoje as raras horas de prazer de minha vida.

Tudo que sinto do povo brasileiro, todo meu brasileirismo, todo meu *nativismo* vem principalmente dahi.

Nunca mais o pude arrancar d'alma, por mais que depois viesse a conhecer os defeitos de nossa gente, que são tambem os meus defeitos.

Outra coísa me ficou incrustada no espirito, e com tamanha tenacidade que nunca mais houve critica ou sciencia que dalli m'a extirpasse: —a *religião*.

Devo isso á mucama de estimação, a quem foram, em casa de meus avós, encarregados os desvelos de minha meninice.

Ainda hoje existe, nonagenaria, no Lagarto, ao lado de minha mãí, essa adorada Antonia, a quem me costumei a chamar tambem de mãí. É um dos meus idolos, dos mais recatados e mais queridos.

Nunca vi creatura tão meiga e nunca vi *rezar* tanto.

Dormia commigo no mesmo quarto, e, quando, por alta noite, eu acordava, lá estava ella de joelhos... *rezando*...

Bem cedo aprendi as orações e habituei-me tão intensamente a considerar a religião como coísa séria, que ainda agora a tenho na conta d'uma creação fundamental e irreductivel da humanidade.

Desgraçadamente, ai de mim! não rezo mais; mas sinto que a religiosidade jaz dentro de meu sentir inteiriça e irreductivel.

Muito diaphana, idealisa da, mas é sempre ella. Uma epidemia—a *febre amarella*—poz-me fóra do Lagarto, no *engenho;* outra a do *cholera-morbus*, em 1856, fez-me voltar definitivamente para a villa, para a casa de meus país.

Havia mais recursos na povoação do que no *engenho*, quasi despovoado na escravatura pela peste.

As scenas do cholera de 1856 foram dolorosissimas por quasi todo Brasil.

Lembra-me bem a chegada á casa paterna em meio da epidemia.

N'uma vasta sala (era a sala de jantar), junto a uma das paredes lateraes, em colchão posto no chão, agonisava minha irmã Lydia, a primeira deste nome.

Minha mãí, chorosa, sentada perto da doentinha, punha-lhe botijas de agua quente, fervendo, aos pés. Meu paí, ainda muito vigoroso, e um senhor que eu não conhecia (era o medico) preparavam numa mesa, ao meio da sala, um emplastro de não sei que substancias.

A menina, muito formosa, nos seus quatro annos, muito esperta, muito intelligente, muito pegada com minha mãí, so tinha, então, vida nos seus enormes olhos negros.

Que estranho olhar!

Allumiou-me tristemente a entrada na casa de meus pais—e tem-me brilhado através da existencia por cincoenta annos seguidos sem se apagar.

A volta á casa era assim feita em meio da tristeza.

A peste continuou a lavrar com intensidade. Lydia morreu; minha mãí, atacada depois, esteve a se partir tambem.

Muitos escravos de estima falleceram. Eu nada tive, mas accendeu-se-me n'alma uma tão intensa saudade do *engenho*, que me torturou por annos inteiros.

Quando, aos domingos, meus avós vinham á missa na villa, a minha alegria era sem par. Os encontros com Antonia eram festejados com lagrimas de contentamento.

Mas as separações, quando tinha de regressar ao engenho! Eram o inferno.

Eu, creado fóra até aos cinco annos, era, no principio, como estranho aos meus irmãos mais velhos, que me faziam troças e me maltratavam muitas vezes, com essa malignidade propria dos meninos. Dahi, um estado d'alma que se me produziu e ainda hoje perdura, digo-o á puridade, quer me acredite, quer não.

Habituei-me cedo a ser paciente, soffredor, ao mesmo tempo desconfiado, suspicaz, talvez, e, ainda por cima, resistente, bellicoso.

Algumas destas qualidades são boas, parece, outras inconvenientes.

Existem em mim, encerram os germens de minhas tendencias de analysta e *critico*. Alliadas ás que tiveram origem no engenho *Moreira*, explicam, em grande parte, toda a minha vida e toda a minha obra.

E eis ahi porque disse, em principio, que era victima das duas maiores epidemias que assolaram o Brasil no seculo XIX.

Não seria, talvez, sem razão affirmar, por outro lado, a existencia de certas predisposições hereditarias : a propensão analysta e *critica*, como devida, em grande porção, a meu pai, André Ramos Roméro, portuguez do norte, muito intelligente e muito satyrico; a *bonhomia* para não dizer de mim—a *bondade*, á minha mãe, Maria Vasconcellos da Silveira Ramos Roméro, cujo coração é uma herança de meu avô Luiz Antonio de Vasconcellos, outro portuguez do norte, de quem até hoje só descobri um igual na bondade nativa, inesgotavel, espontanea,—no velho Barão de Tautphœus.

Peço-lhe que me perdoe o ter aqui incluido os nomes de meus paes e avós.

Ha disso uma razão : é que meus desaffectos, por me eu assignar, a principio, Sylvio da Silveira Ramos, para abreviar o nome, e, depois, só Sylvio Roméro, por o encurtar ainda mais, andaram ahi a tecer uns libellos sem graça e sem verdade.

No Rio ha muita gente que conheceu e conhece toda a minha familia. Os senadores Olympio de Campos e Martinho Garcez são do numero.

A nova residencia na villa, onde meu pai era negociante abastado, dos cinco aos doze annos, fortificou em mim as disposições innatas e as adquiridas.

O Lagarto, n'aquelle periodo, era uma terra onde os festejos populares, *reisados*, *cheganças*, *bailes pastoris*, *tayêras*, *bumbas meu boi*... imperavam ao lado das magnificas festividades da igreja.

Saturei-me d'esse brasileirismo, d'esse *folklorismo* nortista. Não devo occultar certa acção de dous livros que foram, nos ultimos tempos de escola primaria, a base do ensino do meu derradeiro mestre de primeiras lettras.

Um—o *Epithome da Historia do Brasil*, de J. P. Xavier Pinheiro, por causa da descripção de nossa terra—de Rocha Pitta, que occorre logo nas primeiras paginas : « *O Brasil, vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos*... »

Outro, os *Luziadas*, por muitos trechos que me encantavam.

O Brasil da descripção de Pitta ficou sendo o meu Brasil de phantasia e sentimento; a poesia de Camões ainda hoje é uma das mais elevadas manifestações da arte no meu ver e sentir, e,

com seu ardente amor da patria, fortaleceu o meu nativismo.

Apezar das innumeras palmatoadas que apanhei na leitura e analyse dos dous livros, nunca perdi a sympathia por Luiz de Camões e pelo, mais tarde, traductor do Dante.

Da minha aprendizagem de preparatorios no Rio de Janeiro, de 1863 a 67, guardo saudosas reminiscencias de cinco homens que influiram assás no meu pensamento.

Padre Gustavo Gomes dos Santos, professor de latim, pelas muitas coísas que profusamente, com muito gosto e muito saber, communicava, em aula, não só das lettras antigas como das portuguezas e brasileiras.

Foi quem me despertou o *prazer literario*.

Joaquim Verissimo da Silva, lente de philosophia, pelas exposições da metaphysica allemã, principalmente de Kant, de que se mostrava grande sabedor.

Padre Patricio Moniz, mestre de rhetorica e poetica, pelas excursões que, em conversa, fazia tambem pelos dominios germanicos, de cuja philosophia era muito admirador, combinando-a, já se vê, com a escholastica. Estes dous fizeram-me divisar ao longe os *systemas philosophicos*.

Francisco Primo de Souza Aguiar, a cujo cargo estavam as cathedras de historia e geographia, no antigo *Atheneu Fluminense*, onde

eu estudava, por suas admiraveis lições em que salientava o papel e o valor historico das gentes germanicas, e pelas muitas scenas da terra allemã que, com intenso prazer e num accento muito communicativo, punha diante dos olhos de seus ouvintes.

Finalmente, o barão de Tautphœus, o idolo da mocidade do tempo, verdadeiro typo lendario, que a todos enchia de respeito, admiração e amor.

Não foi meu lente; mas, por ser a bondade em pessoa, deu-me a honra de innumeras palestras nos tempos dos exames, em que o procurava.

A philosophia da historia deste sabio tinha uma raiz *ethnographica* poderosa, que me fez logo impressão e me ficou até ao presente.

Aos dous ultimos, é claro, devo o meu *germanismo* historico, politico, social, diverso do allemanismo *literario*, pregado em Pernambuco, por Tobias Barreto, de 1870 em diante.

No Recife, onde aportei em janeiro de 1868, e onde permaneci até 1876, levei os dous primeiros annos calado, no estudo das disciplinas que, até aos dias actuaes, me têm preoccupado mais.

As influencias alli recebidas não fizeram sínão desenvolver o que em mim já existia, desde os tempos do *engenho*, da villa, da aula primaria e dos preparatorios.

As tres primeiras leituras que fiz no Recife,

por um feliz acaso, me serviram para abrir definitivamente o caminho por onde já tinha enveredado, fortalecendo as velhas tendencias.

Foram um estudo de Emilio de Lavelley a cerca dos *Niebelungen* e da antiga poesia popular germanica, um ensaio de Pedro-Lerroux sobre a *Gothe* e um livro de Eugenio Poitou sob o titulo—*Philosophos Francezes Contemporaneos*.

O primeiro metteu-me nessas encantadas regiões de *folk-lore*, critica religiosa, mythologia, ethnographia, tradições populares, que me têm sempre preoccupado.

O segundo nas accidentadas paragens da critica literaria moderna, que tanto me tem dado que fazer.

O terceiro no mundo aspero e movediço da philosophia, em que me acho nas mesmas condições. Mas tudo isso já vinha de trás.

Ahi ficam as varias scenas do 1º acto—*As Origens*—de minha vida espiritual.

Como, depois, me orientei de tudo isso, por entre as leituras e estudos que tenho feito por quarenta annos ininterruptos, o que aprendi dos mestres, o que tirei de mim proprio, isto é, o 2º acto do drama—*A Formação*—deixo de indicar, porque já me vou tornando seccante. A critica indigena que o procure por si mesma descobrir e refazer, sí achar nisso algum interesse.

Deixei para o fim a influencia em mim exer-

cida por Tobias Barreto, para ter o prazer de destacal-a com mais força.

Não recebi delle propriamente idéas; aprendiamos, por assim dizer, em commum.

D'elle aproveitou-me intensamente, e nunca fiz disso mysterio,o enthusiasmo de combater, o calor da refrega, o ardor da luta, o espirito de reacção, a paixão das lettras, o amor pela vida do pensamento, pelo espectaculo das idéas.

E assim, penso, meu caro João do Rio, tenho respondido ao seu primeiro quesito.

Ao segundo, pondo de parte uma fingida modestia que nunca tive, e sem perder a cabeça em julgal-os mui grande coisa, declaro que, sí se pode assim falar, de meus trabalhos *prefiro todos*, porque cada um d'elles visou um fim e teve funcção especial. *Me gustan todos*...

Desculpe a rude franqueza de nortista.

O terceiro ponto do questionario se me antolha coísa para ser discutida em estudo aprofundado.

O momento actual parece-me um momento de simples *parada*, não de decadencia.

O mesmo se deu em começos do seculo XVIII depois de Gregorio de Mattos e Antonio Vieira, que se pode considerar brasileiro pela acção; o mesmo nos principios do seculo XIX, após o surto da *escola mineira*. É o que se nota na propria Europa.

Fazendo mais de perto a distincção da *poesia*

e da *prosa*, não me parece que esteja esta pujante no momento de agora e a outra decadente.

Apurando bem os *prós* e os *contras*, eu me decidiria antes pela poesia.

Estão ainda vivos e na força da mocidade e vigor do talento seis, pelo menos, dos melhores poetas que o Brasil tem produzido. Fazem ainda verdadeira a sentença de ser o lyrismo a mais fulgurante manifestação da esthesia patria.

A' quarta pergunta respondo sem hesitar : a funcção literaria e intellectual de nossas antigas provincias não é a de *crearem literaturas á parte*, como, com alguma ironia, se alvitra no Rio de Janeiro, depois que o saudoso Franklin Tavora falou em *literatura do Norte*.

Não foi no sentido incriminado o seu pensamento, com o chamar a attenção para as tradições, os costumes, as scenas nortistas e com o alludir aos bons talentos daquella zona.

A satyra é escusada, ainda que parta principalmente de provincianos *acariocados*.

A funcção das provincias, prefiro lhes chamar assim, do norte, sul, centro e oeste, é a de *produzirem a variedade na unidade e fornecerem á Capital as seus melhores talentos*.

Sempre foi isto desde os tempos de Silva Alvarenga, dos Andradas, Cayrú, Odorico Mendes, até Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Coelho Netto, Raymundo Corrêa, Arthur e Aluisio Azevedo, Luiz Murat, José do Patrocinio, Graça

Aranha, Araripe Junior, Affonso Celso, Arinos, João Ribeiro, José Verissimo, Capistrano de Abreu, Fausto Cardoso, Mello Moraes, Teixeira Mendes... e duzentos mais, passando por Gonçalves Dias, Alencar, Porto Alegre, Macedo e as mais vivas figuras do romantismo.

Inutil é lembrar os politicos cujo numero é legião.

Pelo que se refere ao quinto e ultimo quesito, affirmo convicto, posto nunca tivesse sido um homem do officio, que o jornalismo tem sido o animador, o protector, e, ainda mais, o creador da literatura brasileira ha cerca de um seculo a esta parte.

É no jornal que têm todos estréado os seus talentos; nelle é que têm todos polido a linguagem, aprendido a arte da palavra escripta; delle é que muitos têm vivido ou vivem ainda; por elle, o que mais vale, é que todos se têm feito conhecer, e, o que é tudo, poderia ser mais sí houvesse um accôrdo e juncção de forças; é por onde os homens de lettras chegam a influir nos destinos deste desgraçado paiz entregue, imbélle, quasi sempre á furia de politiqueiros sem saber, sem talento, sem tino, sem criterio, e, não raro, sem moralidade...

E aqui faz ponto seu admirador. »

Não é preciso fazer o elogio desta carta cheia daquelle espirito que o philosopho chamava de eterno...

COELHO NETTO

Dez horas da manhã. O grande artista escreve. A sala forrada de cinza está atravancada de altas estantes de canella, de largos divans indianos, de vastas *rocking-chairs* de couro lavrado. Na secretária, um frasco de neurosina, um volume de Dumas, um pote de faiança com fumo rio-novo. Ao fundo, uma collecção de retratos de amigos. Muitos estão mortos. Os amigos que morrem levam para a sepultura um pedaço da nossa propria vida... A atmosphera morna é de inteira quietação. Na rua, o mormaço do céo, afogado em nuvens, parece abater as arvores; na sala ouve-se apenas o imperceptivel cicio da penna no papel de linho, emquanto um gato, muito gordo, muito branco, muito pelludo, lambe de vagar uma das patas. Coelho Netto levanta-se normalmente ás 5 da manhã, senta-se a escrever ás 6, trabalha até ás 12, vai para o duche frio, almoça e ás 3 da tarde recomeça para só terminar quando se accendem na cidade as primeiras luzes. Ha quatro horas já, impal-

pavel e divina, a phantasia impelle a sua penna de aço.

—Pode-se falar?

O artista levanta a cabeça.

— Oh! tu? entra... Aproveito e descanço um pouco. Estou a escrever agora uma peça para a companhia Lucinda e Christiano. A principio foi um prazer. Mas eu tenho um juiz, o meu primeiro publico, minha mulher. Outro dia sentei-a naquella cadeira e fil-a ouvir um acto. Sabes a sua opinião? É uma peça perversa. que me vai crear uma porção de inimizades! Verdade é que não ha nada de mais actual. Estudo aspectos da nossa sociedade ainda por estudar no theatro, e entre os quaes o mundo dos decahidos e a celebre questão dos casamentos... Minha mulher obrigou-me a rasgar uma scena inteira, entre um velho, que é o elemento honesto, representativo do nosso antigo fundo moral e o grupo moderno. Que tem Sr. Paiva?—Ora, o que tenho! Não sabe que o Souza casou?—Bom, e o que ha nisso para tristezas?—Mas a primeira mulher está viva... Começava assim.

Pois, rasguei a scena! Não imaginas como custa inutilisar um trabalho quando o sentimos vivo e exacto.

O meu publico porém é inexoravel. Senta-te, Tomas café?

Coelho Netto está de pyjama branco, meias

de seda, escarpins de pellica. Senta-se um instante.

—Sabes que inda não pensei no questionario? Ha lá um ponto muito grave,—a pergunta sobre a influencia do jornalismo.

—É dizer qualquer coísa: muito bom, muito máo, regular...

—Sem explicações?

—Pois sí é grave!

Netto sorri.

—Vamos a ver o questionario. Deve estar numa destas gavetas.

Procura-o. O papel branco em breve apparece dobrado em dous, e eu prevejo que daquellas simples perguntas a imaginação de Coelho Netto fará surgir a maravilha e o encanto. Sí é de pasmar o brilho, a scintillação de estylo no escriptor, a faculdade da imagem, o poder evocador, o commentario agudo e a torrencial phantasia do seu claro espirito como que se accentuam na conversa. Netto conversa irresistivelmente, kaleidoscopicamente. A palavra vive no seu labio com um poder formidavel e consciente. Ha momentos em que se tem, pela harmonia dos periodos, a rapida impressão dos malabaristas jogando bolas de metal de pesos differentes, e cada phrase sua em torno do assumpto traz, numa palpitação de encantos, a constante visão dos cultos mortos e dos deuses. Coelho Netto é, de resto, de uma rude franqueza meridional.

—Para a minha formação literaria, começa elle, não contribuiram auctores, contribuiram pessoas. Até hoje soffro a influencia do primeiro periodo da minha vida no sertão. Foram as historias, as lendas, os contos ouvidos em criança, historias de negros cheias de pavores, lendas de caboclos palpitando encantamentos, contos de homens brancos, a phantasia do sol, o perfume das florestas, o sonho dos civilisados... Nunca mais essa mistura de ideaes e de raças deixou de predominar, e até hoje se faz sentir no meu ecletismo. A minha phantasia é o resultado da alma dos negros, dos caboclos e dos brancos. É do choque permanente entre esse fundo complexo e a cultura literaria que decorre toda a minha obra, e dahi *Balladilhas*, *Rhapsodias*, livros de uma factura absolutamente especial.

—Ha, entretanto, uma parte da sua obra...

—Sim, a parte fescenina. É ahi, no *Fructo Prohibido*, que começo a ter a responsabilidade do meu trabalho. O amor pelas lendas, pelo phantastico ficou porém. O livro que mais me impressionou foi *As Mil e Uma Noites*. Depois toda a obra de Shakespeare, *o Dom-Quixote*, os poetas gregos, Plutarcho que releio constantemente...

—E dos modernos?

—Flaubert, o admiravel Maupassant, Taine, que é a base da minha visão critica, e os ingle-

zes contemporaneos, com especialidade os dramaturgos.

—Quanto a Portugal?

—Todos os classicos, Eça de Queiroz... Eu estudo com grande amor a lingua portugueza, mas sou pela liberdade, fujo aos estudos propriamente chamados classico-grammaticaes. As linguas evoluem, e eu admitto, como necessidade de representação de idéas, o estrangeirismo. Tenho a respeito da palavra uma theoria : a palavra falada é a palavra viva, livre, solta de todas as cadeias, capaz de por si só definir, pintar, colorir; a palavra escripta é a palavra agrilhoada, morta, sem a expressão immediata. A primeira tem a intenção que é tudo e a inflexão que é a realidade da intenção. Toma por exemplo a palavra Deus. Deus tem uma côr no juramento solemne, outra no auge do pavor, outra na ironia, tem todas as cambiantes do sentimento, graças á inflexão e, ás vezes, apezar de sagrada, falta-lhe moralidade, como quando uma rapariga, comida de beijos pelo amante, murmura tremula—Meu Deus!

A palavra escripta vive do adjectivo, que é a sua inflexão. Dahi a grande necessidade de disciplinar o vocabulario.

Coelho Netto é no Brasil o que Ruydar Kipling é na Inglaterra,—o homem que joga com maior numero de vocabulos. Alguem ja lhe calculou o lexico em 20.000 palavras.

—A questão não é de vocabulario; é de disciplina. Os russos têm uma porção de diccionarios de soldados e para nada lhes serve o possuil-os. Eu consegui disciplinar o vocabulario. Dada uma certa impressão, concluida uma idéa, posso sentar-me e escrever. A idéa sahe vestida e os termos exactos juntam-se no perfeito reflexo da impressão. Estou a tomar uns ares dogmaticos... Perdoa. É quasi uma confissão. Vem desse esforço, que foi a pouco e pouco desbastando do meu estylo os guisos de muitos adjectivos para substituil-os por um só, exacto, o emprego de certos termos populares como *sarrilho* e de palavras desejosas de dar a idéa mais onomatopaica do facto, como *buchorno* com a significação de mormaço—dous substantivos victimas em tempo da critica... Accusam-me de preciosismo, meu caro amigo. Não sabem elles que o artista é o resultado de mil influencias desencontradas...

—Qual dos seus volumes prefere?

—O *Pelo Amor!* Não se admire. Prefiro o *Pelo Amor!* por uma questão de momento. Ainda naquelle tempo julgava-me capaz de alguma coísa no Brasil. Foi uma batalha perdida, mas de que me lembro com saudades, como certos generaes velhos recordam nostalgicos as derrotas. Em todo o caso foi uma perda que accentuou a scisão e determinou uma corrente literaria.

—Mas só o *Pelo Amor!?*

—E no romance *Inverno em Flôr*. A verdade é que, emquanto escrevo, sinto um grande prazer e depois fico assustado com os defeitos. Tenho um processo de trabalho constante. Só as novellas foram acabadas e retocadas antes de serem entregues aos editores. O resto da minha obra tem sido escripto dia a dia para os jornaes. Assim fiz a *Capital Federal*, o *Rei Phantasma*, o *Turbilhão*.

—Mas é impossivel!

—É a verdade. Devo muito á *Gazeta* e ao *Paiz*, que receberam os meus primeiros ensaios. A critica, quando foram dados á luz alguns volumes meus com intervallos apenas de dias, gritou contra o que ella chamava mercenarismo. Não sou infelizmente conhecido nem do publico nem da critica. O publico não sabe a capacidade do meu trabalho, a critica ignora porque trabalho tanto. A publicação do *Rajah de Pendjab* levantou então uma celeuma. Não sabem elles que, subordinado o estylo á concepção, a penna trabalha quasi mecanicamente, não querem recordar que muitas obras primas foram escriptas em dias como o *Hamlet* de Shakespeare e principalmente recusam comprehender a necessidade de um escriptor que resolve viver apenas da propria penna.

Não conheces a historia do *Rajah?* Eu entrava na *Gazeta* precisando de dinheiro e encontrei

o Araujo zangado. Por que? Tinham perdido um novo e sensacional folhetim. Não se incommode doutor, faço-o eu. Qual! Tens muitas psychologias... Faço sem psychologias! Fomos dalli tomar um sorvete. Então fazes? *O principe encantado* serve? Tambem é um titulo velho. O *rajah* seja, o *Rajah de Pendjab*. Para depois de amanhã? Para depois.

E a *reclame* foi feita para um romancista francez, de que a *Gazeta* deu o retrato reproduzindo a cara do Humphreys...

Rimos os dous alguns instantes. Coelho Netto continúa :

—A critica não fala só da abundancia de atavios, do mercenarismo com que confunde a realisação immediata de uma idéa acabada, fala tambem do numero dos meus volumes.

Neste paiz, onde se tem, não a preguiça mental, mas a preguiça physica que inhibe de escrever, o Sr. Coelho Netto tem cerca de trinta volumes. Pois, não senhor. Coelho Netto tem acabados 50 volumes.

—Cincoenta?

—Sim, e a todos préso, sim, 50! Bastava que em cada um houvesse uma pagina digna para que os publicasse.

Levanta-se machinalmente para mostrar-me a lista dos volumes a apparecer. Nesse momento febril, com o olhar brilhante, o labio grosso,

cheio de juventude e de esforço, é impossivel deixar de admiral-o.

—Sou um trapista do trabalho, a *bête de somme* dos francezes—quero, e mourejo como um servo da gleba... Ah! meu amigo, o artista não é o zoilo das confeitarias á cata de jantar.

Preciso de um relativo conforto, preciso rodeiar os meus filhos de bem estar. Trabalho! Creio que só a tenacidade e o querer têm obstado a minha morte. Hei de ir até o fim com o prazer de ter pago sempre as minhas dividas...

Ficamos um tempo calados. Netto mostrame as provas dos seus livros, agora editados em Portugal—*A Treva*, *Agua de Juventa*, o *Mysterio do Natal*, a *Pastoral*. Que extraordinaria actividade! que prodigioso cerebro!

—E quanto a escolas, a lutas?

—Não ha nada. Vejo no Brasil uma coísa curiosa: dous grupos, um muito pequeno, dos que podem; outro, enorme, dos que não podem. Lembram-me a historia da princeza Parizat nas *Mil e uma noites*. No alto da montanha havia tres talismans: a arvore que canta, o passaro que fala e a agua amarella. Quem subisse até lá seria possuidor de todos tres, mas o caminho era asperrimo e as pedras faziam um estranho clamor. Quem attendesse ao chamado das pedras em pedras se transformava. Só a princeza chegou ao pico da montanha. O clamar das pedras é aqui o nephelibatismo, o occultismo, o criti-

cismo, o torcido, o escabujamento, o hysterismo... Acho, entretanto, que chegaremos a ter uma *Escola Brasileira*, não o indianismo mas a idéa brasileira, o costume brasileiro, numa lingua que terá a clareza do Eça, e a maneira franceza na mais plastica de todas as linguas—a lingua portugueza. Para isso, é preciso antes de tudo o prestigio official. A transformação far-se-á violentamente, porque nós somos um povo de explosões. No dia em que a protecção official fôr uma realidade, o publico admirará a arte no theatro e no romance, como se encaminhou para a Avenida, e o artista, tendo-se deitado num grabato, acordará num leito de purpura.

—Falei-lhe da literatura dos Estados.

—O Euclides da Cunha já dividiu magistralmente o norte e o sul. É incontestavel. Daqui para alguns annos teremos duas litteraturas distinctas: a dos trovadores ao norte, a dos troveiros ao sul. O norte não é bellicoso. Um profundo lyrismo vive na sua alma, e tanto as alegrias como as dores são sempre postas em canto. Daquelle pedaço de terra o sol nunca de todo se arreda, porque, sí a luz foge, fica o calor acalentando o solo, as arvores e os céos. Os homens vivem com os elementos, são dispersivos e crêm nas divindades. No sul, ao contrario, a terra fria faz a concentração, a luta, e os elementos estrangeiros vão se accentuando. O norte é virgem e bravio; ao sul, os homens de musculos bran-

cos e cabellos de metal vão escorraçando a raça primitiva. O norte, para onde emigram os pretos, os caboclos e os descendentes delles, será o reservatorio fatal da grande poesia natural do Brasil. Prevejo no futuro o Rio como um grande celleiro e a divisão da literatura em duas literaturas distinctas— a do sertão e a da campina...

Eu interrompi sincero:

—Como é difficil ser sceptico ao lado do corypheu da esperança!...

Havia na sala confortavel o encanto das nobres emoções. Netto parou.

—Falemos então do jornalismo, já que é preciso. O jornalismo foi sempre, no Brasil, politico. Cansado o publico, a mania politiqueira foi attenuada pelos processos industriaes. O jornal deixou de ser a urna para ser...

—Para ser?

—... uma officina. Tem sido para a nossa literatura um grande bem relativamente. Como nunca teve audacia para educar, acceita um trabalho, não pelo genio do auctor, mas sempre de accordo com o agrado do publico. A's vezes é perverso. A decadencia do theatro é devida exclusivamente ao jornal e aos proprios escriptores dramaticos jornalistas. O publico é um animal que se educa. A principio ia aos theatros bons. Veiu o annuncio, o balcão dominou, começaram os incentivos para o *trololó*. Hoje o publico está acostumado e não quer outra cousa.

Quanto á literatura que publicamos nos jornaes, lembra os livros impressos no tempo do Santo-Officio. Não têm o visto da Inquisição, mas têm o visto do redactor-chefe.

—Uma ultima pergunta: é religioso?

—Muito. Não sei sí creio em Deus Christo, sí em Deus-natureza, mas creio no principio immanente da divindade. E por isto, talvez seja neste paiz um dos raros homens que esperam...

Tornou a sentar-se, poz-se a escrever. Pela janella aberta entrava o dia abafado e só o gato impassivel, muito gordo, muito branco, muito pelludo, olhava os céos com um perturbado olhar da sua verde pupilla côr de topazio verde...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

O illustre Sr. Medeiros e Albuquerque escreveu-me dous dias antes de partir para a Europa esta longa e admiravel carta:

«Recebi o seu inquerito e vou procurar responder com toda a sinceridade. Acho-o muito interessante—não, porém, para o grande publico, que de certo se importa muito pouco com tudo o que a meu respeito se lembrou de me perguntar. A mim o caso interessou, por me obrigar a fazer um verdadeiro exame de consciencia, em que eu nunca pensára.

Aqui, ao alcance de minha mão, tenho dous livros em que se fizeram a grandes homens da Inglaterra e da Italia perguntas em parte analogas á primeira do seu inquisitorial interrogatorio. O primeiro livro chama-se *Books which have influenced me* e o segundo *I cento migliori libri italiani*. Assim, si eu quizesse *épater le bourgeois*, ou tomar um certo parentesco intellectual com pensadores notaveis, poderia copiar alguma

dessas listas. Mas quasi todas começam por nomes illustres da antiguidade classica.

Ora, eu declaro humildemente que conheço poucos classicos e que esses não tiveram sobre mim nenhuma influencia. Tenho verificado em palestras literarias, comparando confidencias intimas com declamações publicas, que o meu caso é o de muita gente; mas todos acham feio confessar claramente esse facto... Como, porém, o auctor deste inquerito, pela cara rapada e pela vastidão do abdomen, tem um certo ar fradesco, não tenho duvida em derramar-lhe no seio esta envergonhada confissão...

Evidentemente, eu não quero negar valor aos classicos. Provaria apenas minha inintelligencia. Pensando na época em que elles viveram, recordando o estado dos espiritos e da instrucção daquelles tempos, qualquer pessoa é forçada a admiral-os. Mas o que eu não creio é que elles dêem hoje emoções fortes a ninguem. E é so isto o que eu digo.

Em todo caso, esse veneravel pessoal antiquissimo nada influiu sobre mim. Só um me pareceu assombroso: foi Lucrecio. Aliás, eu o li modernisado na traducção em verso de André Lefèvre.

Ha algum livro de literatura—romance, poesia ou contos—que tenha influido decisivamente sobre mim? Creio que não. Li muito, li gulosamente centenas de romances e de livros de poesias, mas não tenho idéa de que nenhum

marcasse uma data na evolução do meu espirito. Admirei extraordinariamente *Germinal*, que ainda hoje acho um livro soberbo; *Trois cœurs*, de Edouard Rod; *L'Adorée*, de René Maiseroy; *Pierre et Jean*, de Maupassant; *Daniel Valgraive*, de Rosny, e *Mensonges*, de Paul Bourget. O Paul Bourget, que escreveu este ultimo, não era ainda o pedante abominavel, que um casamento rico e o desejo de entrar na aristocracia fizeram depois desse auctor, a partir do *Disciple*. *Pierre et Jean*, pelo seu estylo de uma limpidez sem igual, claro e simples, me parece a obra prima de Maupassant. Foi talvez leendo-o que eu tive mais pronunciadamente a sensação de que o ideal do estylo é a clareza e a simplicidade. Aliás, embora não se fale desse livro, é de crer que o auctor o apreciasse muito, porque foi justamente para elle que escreveu uma proclamação literaria.

Na poesia ninguem me causou maior admiração do que Victor Hugo e Lecomte de Lisle, sobretudo nos *Poemas Barbaros*. Depois, conheci Harancourt, em *Ame nue* e *Seul*, e o fiz um dos meus companheiros habituaes de trabalho. Digo «companheiros habituaes», porque sobre minha mesa ha sempre alguns volumes de versos, e entre dous artigos de jornal, que tantas vezes tenho de escrever a seguir, eu intercalo a leitura de algumas poesias, lidas em voz alta.

Dos poetas da lingua portugueza, de nenhum gosto tanto como de Anthero de Quental.

Mas, ainda uma vez: é evidente que a quantidade enorme de obras literarias em prosa e verso, que eu tenho lido, ha de ter influido sobre mim. Não vejo, porém, nenhuma que possa destacar para dizer que foi meu guia, meu idéal. Nenhum poeta ou romancista me deu as grandes emoções de certas obras de sciencia. Apenas Richepin poude, talvez, pela circumstancia que referirei, ter uma tal ou qual primazia.

Foi assim. Eu vim, sózinho, aos 18 annos, de Lisboa para o Brasil. Vim num vapor allemão. Era timido e acanhadissimo. Pouco antes de embarcar, por simples acaso, comprei dous livros: *Força e Materia*, de Buchner, e *Blasphemias*, de Richepin. Os outros volumes, que eu trazia, foram para o porão do navio, em um caixote. Assim, a bordo, isolado como sí estivesse num deserto, tive amplo tempo para ler e reler varias vezes esses dous volumes, que se completavam maravilhosamente. Já então eu conhecia a *Origem das especies* de Darwin e admirára a bella introducção que para esse volume escreveu Clémence Royer e de que ainda hoje, mais de 20 annos depois, sei de cór alguns trechos. Mas o livro de Buchner foi para mim um assombro, uma revelação, um deslumbramento! Na segregação em que eu estava só

sahia delle para lêr as *Blasphemias*; e as impressões que me vinham do philosopho e do poeta se completavam. Percorri varias vezes esses dous volumes, meditei-os longamente e não posso dizer todo o abalo que produziram sobre o meu espirito, no qual fizeram realmente uma revolução; mas o poeta era subsidiario do philosopho, porque a belleza que eu achava em Richepin vinha, sobretudo, da sua philosophia.

Depois, outros livros que contribuiram decisivamente para formar meu espirito foram a *Historia da Creação Natural* de Hœckel, o *Exame da Philosophia de Hamilton*, por Stuart Mill, e os *Primeiros Principios* de Spencer. Não me lembro de que nenhuma obra de literatura me tenha dado a sensação de intensa alegria, quasi direi : de embriaguez intellectual, que eu tive ao ler a parte do *Incognoscivel* daquelle livro de Spencer.

É evidente que eu não pretendo ennumerar as obras que apreciei, mas unicamente as que fizeram sobre mim uma impressão violenta, as que mudaram o rumo do meu pensamento, fixando-o no que elle hoje é.

Talvez fosse licito mostrar que tanto os literatos como os scientistas que eu citei se caracterisam por uma qualidade : a clareza do estylo. As philosophias e as literatices obscuras sempre me repugnaram.

Depois, uma ordem de leituras me attrahiu :

o hypnotismo e o occultismo sob, todas as suas formas. Foi Bernheim quem me levou para ahi com o seu livro sobre a *Suggestão*. Creio, porém, que o meu espirito já estava a bom caminho, porque, embora tivesse praticado muito o hypnotismo e devorado quanto escriptor arrevesado escrevia a respeito de sciencias occultas, tive sempre a ambição de entender nitidamente essas cousas complicadas e o resultado foi que sahi de todas essas leituras tão agnosticista e materialista como para ellas entrara. Aliás, o livro excellente de Bernheim é, por isso mesmo, o melhor dos guias. Chega a ser um pouco estreito. Mais vale, porém, isto que a divagação aventurosa dos typos como o Coronel De Rochas e outros charlatães.

. . . . . .

Mas esta resposta está degenerando em uma auto-biographia.

Passo, portanto, muito mais resumidamente á sua segunda pergunta.

Em regra, os auctores preferem, não as suas melhores obras, mas aquellas que lhes deram mais trabalho. É o caso dos pas díe varios filhos que têm maior predilecção pelo mais doentinho e grandes rigores para os sadios e fortes. Flaubert tinha acabado por detestar *Madame Bovary* e proclamava o melhor dos seus trabalhos a *Tentation de Saint-Antoine*. Sully-Prudhomme creou um verdadeiro horror

ao *Vase-brisé*, que, entretanto, não ha quem desconheça. Não é de crer que Olavo Bilac prefira o seu soneto *Ouvir Estrellas...*, nem Raymundo Corrêa *As Pombas*.

Quanto a mim, de tudo quanto tenho escripto nada me desagrada menos que o prefacio do livro de Coste—*Phenomenos psychicos occultos*, livro editado pela casa Garnier. Esse prefacio, que tem cerca de 80 paginas, mereceu criticas do Dr. Manuel Bomfim, do Dr. Araripe Junior, e suscitou diversos outros reparos. Espero um dia responder a elles. Nessas paginas eu penso ter formulado uma lei digna de estudo. É certo que a palavra *lei* se presta a varias accepções. Mas Ribot chama *leis empiricas* as que « consistem na reducção de um grande numero de factos a uma formula unica, embora sem dar sua razão explicativa. » E isso pelo menos eu suponho ter conseguido. Mas seja ou não um engano da minha presumpção de auctor, o certo é que nada escrevi com alegria maior.

Dos meus contos, os que eu acho menos ruins são : *Flôr Secca*, *As calças do Raposo*, *O presente de Vôvô* e *Noivados Tragicos*. Das minhas poesias? *Resposta a uma propaganda*, *NoivaPerdida* e o soneto *Pudica*.

E agora a terceira pergunta.

Francamente, eu não distingo neste momento em nenhuma das literaturas que conheço « escolas litterarias », na accepção estreita que

d'antes tinham estas designações. No Brasil, menos do que em outra qualquer parte.

É natural que seja assim. Nós somos uma nacionalidade em formação. Não, porém, em uma formação regular, orientada para um certo ideal, para um estadio futuro que seja possivel presentir desde já. Sí fosse assim, teriamos uma literatura original e forte. Mas somos uma nação que se vai formando anarchicamente, sem rumo. Na indecisão geral das idéas universaes, que ha neste momento em todo o mundo, nós, no caso especial do nosso Brasil, ainda temos a nossa indecisão, propria de uma evolução, que ninguem sabe para onde se orientará.

Em regra, quando uma nação está na imminencia de uma grande transformação historica esse estado é fecundo. Acontece com os povos o mesmo que com os individuos.

A adolescencia é uma época de fortes enthusiasmos. O homem não está ainda formado de todo, mas sente o que vai ser dentro em pouco, e é o confuso desabrochar de todos os sentimentos que devem apparecer mais tarde que faz a belleza dessa idade. Mas si—figurem a hypothese—chegando á adolescencia, um ser, que até ahi tivesse tido a evolução de um homem, não soubesse sí ia passar a homem, ou a peixe, ou a ave—é natural que esse monstro, em vesperas de uma brusca e incerta transformação, não tivesse nenhuma grande aspiração,

porque, precisamente, não saberia a que aspirar.

Creio bem que esse é o nosso estado.

Continuaremos unidos? Continuaremos independentes? Da fusão de todos os elementos ethnicos que se vão misturando em proporções irregulares no nosso territorio, que povo sahirá? Não sabemos nada disso...

Dir-se-á que um poeta ou outro qualquer artista, sentado á sua mesa de trabalho, não precisa indagar nada disto para rimar uma poesia? É verdade. Mas para haver uma corrente literaria, em qualquer nação, é necessario que haja um grande numero de sentimentos communs entre todos os que nella habitam. E é o que nós não temos. Tanto não temos que um pedaço do Brasil poude ainda ha pouco, pelo laudo iniquo do rei de Italia, ser desmembrado delle sem causar no nosso povo a minima emoção.

Dir-se-á que o nosso caso nada tem de novo e todas as nações dependeram da fusão de varios contingentes ethnicos? É tambem verdade. Mas essa fusão se fez lentamente, aos poucos, durante seculos. Sempre, porém, que, de um modo brusco, houve, em uma nacionalidade qualquer, irrupção de elementos estrangeiros, toda a vida literaria ou desappareceu ou se amesquinhou. E a nossa nacionalidade se está fazendo por essa invasão tumultuaria de elementos diversos, estranhos, variegados, mal distribuidos pelo territorio.

Parecemos um cadinho, ao fogo, em que todos os chimicos do mundo fossem atirando ingredientes varios. Que combinação sahirá de udo isso ?

Por ora, somos uma « mistura », sem propriedades definidas... Para dizer mais claramente : é impossivel pensar em literatura nacional—caracteristicamente « nacional »—quando ainda não somos uma nacionalidade, nem temos um ideal definido do que poderia ser a futura *nacionalidade brasileira*.

E chego á quarta pergunta :—ha probabilidade de se crearem literaturas á parte, com o desenvolvimento dos centros literarios dos Estados?

—Não! Nunca! Mesmo as grandes nações européas, tendo tradições seculares, cada vez offerecem menos caracteristicas especiaes que as differenciem umas das outras. Quanto mais os nossos pobres Estados!

O que ha entre nós é falta de meios de communição e falta de instrucção primaria. Quasi ninguem lê, quasi ninguem se vê. D'ahi a existencia ephemera desses grupinhos estaduaes, que sáo forçados ao elogio mutuo e exaggerado pela estreiteza do meio e pela difficuldade de serem conhecidos no resto do paiz. Mas desde que um livro publicado no Amazonas fôr tão facilmente lido lá como aqui ou no Rio Grande do Sul, ninguem pensará mais na phantasia das literaturas estaduaes.

O ideal de cada artista será sempre o de fazer vibrar o maior numero possivel de creaturas humanas. Como querer, á vista disso, tendo uma lingua já tão pouco falada, fazer obras de um sabor meramente local? É tolice...

Na Belgica, ha, por exemplo, quem tente desenvolver, em contraposição ás producções em francez, as producções em flamengo. Que resultado tem tido essa propaganda? Nenhum. E no entretanto, o flamengo é uma lingua que tem tradições.

Facto identico na Italia. Em vão, diversos auctores procuram reviver os dialectos locaes dos velhos reinos de cuja fusão resultou a Italia moderna. Mas embora esses dialectos tenham tambem antigas literaturas já hoje nada podem. A lingua italiana a todos supplanta.

Os sentimentos modernos tendem a ser os mesmos em todo o mundo. Os paquetes a vapor, as estradas de ferro, os automoveis, a imprensa e o telegrapho, os mil e um processos que augmentam a sociabilidade humana, tendem a reproduzir em todos os cerebros do mundo o que a physica ensina que succede com o nivel dos liquidos nos vasos communicantes. Ha bem pouco tempo, uma circumstancia me fez pensar nisso. Um facto local, o assassinato do ministro Plehwe, em S. Petersburgo, me deu a mim um prazer tão intenso, como me daria o assistir á melhor scena dramatica : vibrei de alegria. E

ao mesmo tempo que isto me succedia—a mim, que estava aqui longe, aqui desinteressado, lendo em um banco de bonde essa noticia, em Berlim, em Cracovia e em Londres (disseram-no os telegrammas no dia immediato) milhares de pessoas organisavam passeatas e *meetings*, commemorando esse assassinato redemptor. Ha assim, a todo momento, dispersos pelo mundo inteiro milhões de pessoas animadas simultaneamente pelos mesmos sentimentos.

Ora, literaturas locaes corresponderiam a sentimentos locaes, e estes só ainda existem por falta de meios de communicação, de uma perfeita intelligencia entre os povos ou entre as varias fracções do mesmo povo.

Quanto a mim, eu creio que caminhamos não só para a *universalisação* de todas as idéas, como para o emprego de uma só lingua. O *Esperanto*, que é ainda imperfeito, já, entretanto, provou a possibilidade de uma lingua literaria universal.

Mas nisto, nem muitos crêem, nem o inquerito falou. Fica, portanto, a resposta á sua pergunta : não ha a menor possibilidade de que se venham a crear literaturas locaes nos nossos Estados, seja qual fôr a evolução posterior do Brasil. O facto só se poderia dar si uma zona delle fosse conquistada e povoada por uma nação estrangeira. Mas, nesse caso, mudada a lingua, não haveria ahi uma literatura local. Far-

se-iam nessa zona obras na lingua e na literatura do povo conquistador.

Realmente, pelo que ficou dito em resposta ás duas questões ultimas, que me parece completarem-se, creio que se pode affirmar que actualmente não temos propriamente o que se possa chamar *literatura nacional*, embora haja livros escriptos em excellente portuguez por bons poetas e bons prosadores brasileiros. Não ha tambem literaturas regionaes, nos Estados.

Nenhum delles é um fóco de civilisação e parte, bastante forte e autonomo, para sustentar uma escola.

Quando, pela diffusão geral da cultura, nós passarmos a ter uma literatura brasileira e orientada de qualquer modo, a nacionalidade brasileira se tiver constituido, tambem os meios de communicação com o resto do mundo já serão tão activos e constantes que a literatura brasileira será apenas o reflexo no Brasil de idéas universaes, sem nada de muito caracteristico.

As condições para a formação de literaturas nacionaes estão cessando: ellas só eram possiveis em centros de civilisação com uma forte unidade de sentimentos e um grande isolamento das nacionalidades visinhas. Foi assim para as literaturas franceza, ingleza, allemã, etc., de seculos passados.

Dentro em pouco, entretanto, não succederá mais isso para ninguem. Ainda que subsistam

as differenças da lingua, não subsistirão as de sentimentos. Por isso se pode dizer que não temos nem teremos literatura nacional : não temos, porque nos falta cultura, embora ainda permaneçamos bastante isolados para conservarmos alguma cousa de caracteristico ; não teremos, porque quando chegarmos a ser uma nacionalidade e attingirmos ao gráo de cultura precisa, o mundo, em torno de nós, terá tambem caminhado e nós, embora o façamos em portuguez, exprimiremos apenas sentimentos analogos aos de todos os intellectuaes civilisados d'aqui, da França, do Japão... de toda a terra.

Resta a sua ultima pergunta : a influencia do jornalismo.

Ha, é certo, muita gente que lhe queira mal e delle diga horrores. Ha um pequeno numero de prevenções razoaveis. E ha, sobretudo, os *ratés* e os *fruits secs*, que, produzindo com largos intervallos, pequenas coísinhas chôchas, fazem de si mesmos uma alta idéa, attribuindo a raridade da producção á sua preciosidade. E como o jornalismo não se compadece com esse regimen de reclusão intellectual, elles o atacam.

Quanto a mim, nunca me lembrarei de elogiar os intestinos de um cidadão, sujeito á constipação chronica. Guardo o mesmo criterio para recusar elogios aos cerebros, tambem « constipados », que só excretam alguma cousa com raros intervallos e violentos tenesmos...

De um modo geral, a prevenção dos literatos contra o jornalismo é a mesma dos pintores de quadros pelos de taboletas, dos esculptores pelos marmoristas... Sempre que uma profissão usa dos recursos de qualquer arte para fins industriaes, os cultores da arte se indignam e depreciam systematicamente os profissionaes, que assim se põem na sua visinhança. Quanto mais o emprego dos meios é o mesmo e ha, portanto, perigo de serem ás vezes confundidos, mais tambem os artistas ostentam o seu despreso e procuram cavar um fosso profundo entre os dous dominios. Mas em uma taboleta se podem pintar figuras tão bonitas e tão artisticas como em uma téla destinada á moldura no mais rico dos museus. Hoje ha cartazes melhores que muitas télas celebres. O marmorista faz ás vezes estatuas que muitos esculptores lhe invejariam.

Com o jornalismo succede o mesmo. Como os jornalistas têm de ser prosadores, os artistas da palavra escripta, achando que elles a empregam para fins de immediata utilidade, procuram desdenhal-os. Demais, no afan da vida moderna, que nem a todos dá tempo para as lentas meditações, o jornal se fez um concurrente temivel do livro. Dahi o ciume, a inveja.

Mas os livros bons sobrenadam apezar de tudo. Os que acham que não produzem obras-primas, porque estão jungidos aos trabalhos de imprensa, sí dispuzessem de todo o tempo preciso e não

tivessem necessidade de trabalhar, talvez não produzissem nada nem na imprensa nem na literatura...

E certo, entretanto, que a necessidade de ganhar a vida em mistéres subaiternos de imprensa (sobretudo o que se chama « a cozinha » dos jornaes : fabricação rapida de noticias vulgares), mistéres que tomam muito tempo, póde impedir que homens de certo valor deixem obras de merito. Mas isso lhes succederia sí adoptassem qualquer outro emprego na administração, no commercio, na industria... O mal não é do jornalismo : é do tempo que lhes toma um officio qualquer, que não os deixa livres para a meditação o a producção.

A imprensa comporta para os que nella trabalham com certo amor uma grande dose de arte.

Que é o essencial em uma obra artistica? Dar emoções. Pois bem : é um prazer superior pregar uma doutrina, sustentar uma opinião e vêl-a seguir, diffundir-se, infiltrar-se no espirito publico, através de mil obstaculos, commovendo as multidões, abalando-as, dando-lhes um ideal e forçando-as a agirem de accordo com elle.

Para isso não se pede talvez a perfeição da fórma. Pede-se, porém, a clareza dos conceitos, o aproveitamento das opportunidades, a repetição. Um poeta se dá por sufficientemente pago do seu trabalho sí esgotaram uma edição de mil

exemplares dos seus versos e acharam magnifico um dos seus sonetos. É justo. Mas porque, um jornalista que defendeu um individuo accusado por todos, que sustentou uma doutrina rejeitada, não ha de ter uma grande e legitima emoção quando vê que a sua defesa mudou as accusações, ou em perdão ou em applauso, ou quando sente que a doutrina, outr'ora rejeitada, vai creando enthusiasmo, abrindo caminho? É de tão boa arte como o soneto do nosso poeta. Não da mesma, porém tão digua de respeito como a delle.

—Mas o jornalismo muitas vezes não se faz por convicção e sim por negocio.

—É verdade. Mas ha poemas friamente rimados por individuos que não vibraram absolutamente nada ao fazel-os e, entretanto, commovem, emocionam. Assim como se pode fazer poesia boa, por acaso, sem sentimento, tambem se pode fazer jornalismo nas mesmas circumstancias. Ou jornalismo ou qualquer outra cousa. Talma, que foi acclamado como um actor perfeito, não sentia nas scenas mais tragicas o minimo abalo. Emquanto a platéa delirava de enthusiasmo, elle grace=java com os outros actores.

—Mas os recursos do jornalismo são grosseiros.

—Não vejo bem porque. São differentes dos do romance ou do conto, mas visam o mesmo

fim : usar de palavras escriptas para impressionar cerebros humanos, fazer vibrar intelligencias e corações. Quanto a mim, eu comprehendo que se possa fazer com todo amor certas propagandas de idéas elevadas, insinuando hoje um argumento no meio de uma simples noticia, amanhã no commentario de um telegramma, depois num folhelim, depois num artigo solemne... E é com uma verdadeira emoção que, mais tarde, se encontra aquelle argumento, que appareceu anonymo, perdido em duas linhas de noticiario, repetido aqui e acolá, fazendo o seu caminho... Por que razão ha nisso menos arte do que em amassar meia duzia de substancias coloridas, borrar uma téla, e dar assim a impressão de uma paysagem, uma scena qualquer ? Com aquellas linhas semeadas aqui e além o jornalista creou em muitos milhares de cerebros a impressão de uma sociedade futura, constituida de outro modo, com uma vida diversa da actual. Pois essa obra de creação e emoção não é artistica ?—Ninguem o devia negar!

Não é verdade que o jornalismo prejudique em nada a nossa literatura. O que a prejudica é a falta de instrucção. Sem publico que leia, a vida literaria é impossivel. O jornal faz até a preparação desse publico. Habitua alguns milhares de pessoas a uma leitura quotidiana de alguns minutos, dando-lhes amostras de todos os generos. Os que têm gosto e tempo come-

çam por ahi e passam para os livros. Mas o jornal é o iniciador. Em nenhum paiz de grande literatura deixa de haver grande jornalismo. Sem este, aquella é impossivel. Os que atacam a imprensa o que deviam fazer era atacar a falta de instrucção.

E parece que já respondi mais que muito, de sobra... »

LIMA CAMPOS

O Sr. Lima Campos forma com o poeta Mario Pederneiras e o notavel artista Gonzaga Duque uma antiga trilogia da mutua admiração, como que á parte na nossa literatura, pertencendo aos novos pela ousadia das idéas e aos velhos pela idade, pois são todos tres contemporaneos da geração de 1890.

O Sr. Lima Campos é um artista e vive como tal, *goncourtisando* as horas da existencia com apuro e encanto.

Vou encontral-o numa *brasserie*, que a vontade dos tres resolveu tornar um retiro de bohemia espiritual. Lima Campos recebe-me num reflo-reio de phrases raras. Depois, como me sento, definitivamente resolvido a ouvil-o, o auctor do *Confessor Supremo* pergunta com um gesto melancolico :

—Então, sempre quer saber a minha opinião. Valerá a pena? Ha tres perguntas—as tres primeiras—cujas respostas podem ser breves. Ahi está a primeira, sobre a formação literaria...

—Não acha que a contemplação da natureza e a observação constante de todas as suas manifestações na vida tenham sido e sejam os melhores e, talvez, os unicos formadores do individuo espiritual e, por conseguinte, do individuo literario?...

Eu creio assim, e dos primeiros auctores lidos, os preferidos são, apenas, iniciadores, apenas um incentivo que vem despertar, a um dado momento, o que já existe formado, por outros processos, no individuo mental.

—Mas ha de haver influencias mais fortes —as da mocidade...

—Que me occorram de prompto—e isso já lá se vai pelos meus bons tempos de máo preparatoriano: Bernardo Guimarães, no romance nacional; Fagundes Varella, na poesia, e um *conteur* hespanhol de costumes, Antonio Trueba; mais tarde, porém, empolgaram-me de todo Hugo, Gœthe, Balzac com as suas deliciosas *Illusões Perdidas*, esse adoravel Maupassant com *Pierre et Jean* e com *Sur l'eau*, Garrett, Camillo, Fialho e ah!... mestre Dante e mestre Flaubert.

Ao proferir este ultimo nome, Lima Campos ergueu-se, ligeiramente, em pequena mesura.

—E a critica? Nunca o preoccupou a critica?

—Ah! João! A critica é sempre a agua da analyse pedantocratica vasada malevolamente na açorda saborosa da producção.

Imagina tu uma *purée* deliciosa de grãos de

bico ou uma *juliana* de caldo louro, quente e cheiroso, em que se vase, de repente, um copo de agua fria e salobra!... Em todo caso, ella tem o seu papel e tem os seus mestres...

O Dr. José Verissimo por exemplo. Esse é o mais proeminente dos nossos criticos. Admiro-o pelo peso dos conceitos, pela circumspecção discreta do seu espirito analytico, pelo criterio do seu methodo expositivo e pela fluencia canora e flebil do seu estylo, que nos lembra o deslisar marulhoso de aum lympha.

É profundo, é, incontestavelmente, profundo! não fosse a existencia de um outro critico eminente, o Sr. Medeiros e Albuquerque, e, sem duvida, o Sr. José Verissimo seria sem rival. Chamo a tua attenção para o artigo em que o Sr. Verissimo, em um dos ultimos numeros da revista *Kosmos*, escacha, com clava de mestre, Camillo Castello Branco. Sí o autor do *Eusebio Macario* já não estivesse morto, seria caso para ir direitinho adubar as terras municipaes do cemiterio de San Miguel de Seide.

Mudo o curso á conversa.

— E os seus trabalhos? Qual delles prefere?

—Só tenho um livro publicado, o *Confessor Supremo*, e um em preparo,—romance de época, de costumes e de typos —. O mais consta de trabalhos avulsos em jornaes e revistas. Gosto de todos e, sí assim não fosse, não os teria dado á publicidade; a preferencia, por conseguinte,

sí=não impossivel, é, pelo menos, para mim, difficil. Amo-os; agora, os que foram victimas em lel-os é lá outra cousa : devem tel-os achado detestaveis...

—Andam a dizer que atravessamos um periodo estacionario para a arte.

—Não; não me parece que a prosa nem a poesia contemporaneas estejam estacionarias aqui. Quando uma literatura conta prosadores como Gonzaga Duque, Virgilio Varzea, Coelho Netto, e poetas como mestre Luiz Delfino, Alberto de Oliveira, Mario Pederneiras, Emilio de Menezes, Olavo Bilac, B. Lopes, Annibal Theophilo, Raymundo Corrêa, Machado de Assis, Luiz Murat, João Ribeiro, Daltro Santos, ella vive, ella progride, evolue, ganha, dia a dia, feições novas. Quanto a escolas, felizmente, não existem; mas existem, infelizmente, algumas assimilações, feitas com talento, de outros autores, já nacionaes, já estrangeiros, desvirtuando o cunho original de auctoria que a obra deve ter; e, mais infelizmente ainda, existem grupos e a luta, a repulsa desses grupos, que occultamente se guerreiam e, por vezes, de modo mesquinho, sob o disfarce da desintimidade. É doloroso, é lastimavel, é uma porcaria em que só aproveitam os mediocres, os *moendas-seccas* e os *attachés* de uns e de outros lados.

—Entre os prosadores não citou Machado de Assis...

—Propositalmente. Admiro-o, leio-o com prazer, com immenso prazer mesmo, mas julgo-o na prosa, além de demasiadamente pessoal, um estacionario; não podia, portanto, incluil-o entre os prosadores que citei, como permittime não incluir tambem Ruy Barbosa e Euclides da Cunha, porquanto a prosa de ambos não pode, a meu vêr, ser considerada prosa artistica. Serão, antes, escriptores notaveis que, a rigor e propriamente literatos, considerando esta ultima classificação em relação a coísas de arte, que é do que se está tratando.

—Não podia precisar quaes sejam os grupos de que ha pouco falou?

—Elles existem; todos os conhecem. Para que citar nomes?

—Pertence a algum?

—Nunca. Ligo-me, apenas, de um modo accentuadamente intimo a dous dos nossos mais admiraveis artistas, um da prosa e outro do verso: Gonzaga Duque e Mario Pederneiras; amo-os, tenho-os como dous irmãos; mas, nas intimas relações pessoaes que nos ligam, as nossas individualidades de arte, embora se admirem e sejam affins na orientação, se independem; não formamos, por conseguinte, um grupo, uma *coterie* literaria, mas um trio de velha affectividade duradoura e carinhosa.

Comprehendo, e passo aos Estados. A' minha pergunta Lima, Campos sorri...

—Todos os legitimos meritos literarios que se revelam nos Estados convergem sempre para aqui. O Rio no Brasil, como Paris na França, e como todas as capitaes de todos os paizes, com excepção da Allemanha, cujo verdadeiro centro intellectual artistico é Munich—é e será sempre a grande attracção das intellectualidades provincianas; d'ahi a superioridade do meio literario do Rio sobre os dos Estados; elle é o nucleo dos meritos mais apurados de todo o Brasil. Pondo de parte, pois, o caso de uma excepcionalidade intellectual tão intensa e tão apuradora de si propria, que em qualquer parte se revele e se mantenha a mesma, todos os demais meritos literarios, por mais legitimos que sejam, sí persistirem em se conservar nas provincias, ou nunca se libertarão de uma certa feição incipiente que caracterisa a literatura provinciana, ou, sí ja estiveram e brilharam em centros superiores, se estiolarão gradualmente até o atrophiamento, o estacionamento completo. É que lhes falta o incentivo, de que resulta o apuramento, o *entrain*, a continua evolução, e que só nos grandes centros intellectuaes podem encontrar; somente os grandes excepcionaes, os supertalentos, os possuem innatamente. A esses é até indifferente Paris, o Sahara ou o Pajehú das Flôres, Munich ou o Quebra-Cangalhas. Olha, João, eu sí fosse um genio, preferiria até a solidão; arranjaria, a geito, uma phebaidasinha a

meu modo, e emquanto abrissem avenidas cá por baixo, pirava-me por esses suburbios acima e só reappareceria com cinco tomos em 8°, já promptos, para metter figas á *Literatura Brasileira* do Sr. Sylvio Romero.

Aquillo é que havia de ser obra de folego, João, de folego e de volume!...

Apezar da maldade, esse desejo de silencio, entre arvores, na solidão, faz-me comprehender que, mesmo não sendo genio, Lima Campos começa a preferir que o não importunem. Faço com açodamento a ultima pergunta sobre o jornalismo, e o escriptor responde, de vagar, fumando:

—O jornalismo, como se acha constituido actualmente, não me parece dos melhores, mas já houve tempo em que foi excellente, não direi como *factor*, porém como elemento *animador* —isso no tempo dourado, em que os espiritos scintillantes, robustos, limpos, sem invejas, sem receio de *sombra* e, sobretudo, sem snobismo, eternamente moços e eternamente bohemios, de Patrocinio e de Ferreira de Araujo, eram as duas vidas, as duas almas simples e claras, as duas forças sadias da imprensa. Hoje, comtudo, elle produz ainda, embora com menos frequencia, bellas organisações literarias, e nós ahi temos para provar o quanto o jornalismo pode, não criar, mas evidenciar o literato.

E voltando para mim, calmo, perfeitamente

serio, o Sr. Lima Campos começa a elogiar-me. Quero impedir as phrases, mudar a conversa. Dos seus labios sobe, como uma estranha harmonia, esse saboroso som do elogio. Entonteço, quasi convencido. Vou mesmo dizer :

—Mas, qual! não é tanto...—quando lembro o seu desejo de ficar só... Então recuo, afasto-me, fujo.

Saio cheio de felicidade e venho por ahi a pensar que não ha outro homem com tanta penetração e um tão lindo estylo...

A literatura! o momento literario! Sim, tudo isso, sem o elogio mutuo, que seria, Deus de Bondade?

AFFONSO CELSO

Do eminente Dr. Affonso Celso, o auctor de tão bellos quanto apreciados livros, recebi a seguinte carta, datada da Villa Petiote, alto da Serra, Petropolis :

« Prezado confrade. — Respondendo á sua obsequiosa missiva e ao questionario que a acompanhou, direi o seguinte :

I

Para sua formação literaria quaes os auctores que mais contribuiram ?

—Sinceramente, não o posso indicar com precisão. Desde muito novo, tenho, mais que o habito, o vicio da leitura.

Calculo em milhares os volumes de todos os generos e procedencias compulsados por mim. Qual o resultado ? A' parte a corroboração de algumas verdades fundamentaes e eternas, antes de ordem moral que intellectual, em tudo apuro apenas nomenclatura. Escriptores das mais di-

versas e antagonicas tendencias me deleitaram e absorveram a attenção. Ignoro qual delles actuou de preferencia sobre o que o meu digno confrade denomina—*a minha formação literaria*. Ignoro mesmo em que é que consiste e até se dispõe de vida propria essa formação.

II

Das suas obras qual a que prefere ? Especificando mais ainda : quaes, dentre os seus trabalhos, as scenas ou capitulos, quaes os contos, quaes as poesias que prefere ?

—Em março de 1756, escrevia Voltaire aos irmãos Crame, seus editores : « Não posso deixar de agradecer-vos a honra que me dispensais, imprimindo as minhas obras; mas, nem por isso, sinto menos pezar por havel-as composto. Quanto mais a gente se adianta em idade e conhecimentos, tanto mais se arrepende de ter escripto. Nenhuma das minhas obras me satisfaz; algumas eu quizera nunca as ter feito... »

Isto escrevia Voltaire, no apogeu da nomeada. Que direi eu dos meus opusculos ?! Sem falsa modestia—*je m'en veux de n'avoir pas dit, d'avoir trop dit, d'avoir mal dit.*

Por que, nesse caso, continuar a escrever ? Francamente, não sei. A verdade é que me regosijo quando elogiam os meus trabalhos, e soffro, durante algumas horas, quando os deprimem :

sobretudo sí, a meu ver (e, de ordinario, assim me parece), o praticam de má fé. Tomo então o firme proposito de nada mais escrever. Na manhã seguinte, surprehendo-me com a penna na mão...

III

Lembrando separadamente a prosa e a poesia contemporaneas, parece-lhe que, no momento actual, no Brasil, atravessamos um periodo estacionario, ha novas escolas (romance social, poesia de acção, etc.), ou ha a luta entre antigas e modernas? Neste ultimo caso, quaes são ellas? Quaes os escriptores contemporaneos que as representam? Qual a que julga destinada a predominar?

—Encarregado pelo ministro da instrucção publica e bellas artes de redigir um relatorio sobre o movimento poetico francez, de 1867 a 1890, Catulle Mendés, depois de copiosa dissodação, assim concluiu:

« Após o esplendor dos genios romanticos, a que se juntaram as glorias parnasianas, surdiu acaso um poeta muito alto, muito vasto, muito pujante, dominador dos espiritos e dos corações, digno do universal triumpho? Não, infelizmente.

Não ha motivo para desespero ante o numero extraordinario de sonhadores singulares, prosadores originaes, almas commovidas, artistas exquisitos ou violentos, de que se honram os ulti-

mos annos e a hora actual. Quantos mestres! O Mestre, não! Já Victor Hugo, no declinio da idade, exclamava, a um tempo com orgulho e com tristeza : O fim do seculo é o fim de um dia enorme, glorioso, resplandescente, o occaso de prodigioso sol : depois em seguida, luminosas, faiscantes, diversas, finas, deliciosas, as pequenas estrellas innumeraveis... »

Guardadas as proporções, a observação applica-se ao Brasil. Atravessamos uma quadra de incontroverso talento e actividade. Sobresaem duas ou tres estrellas de formoso brilho, em qualquer região da terra.

Nenhuma producção, porém, magnifica, soberana ; nenhum incontestavel centro planetario. É, aliás, a situação literaria de todo o Occidente. Salvante Tolstoi, a quem agora caberá sem exaggero o summo epitheto de genio?

No tocante a escolas, penso, tambem com Mendés, que ainda e sempre só ha e só houve duas fórmas supremas para os surtos divinos do homem: a ode e a epopéia, o genero lyrico e o genero epico.

IV

O desenvolvimento dos centros literarios dos Estados tenderá a crear literaturas á parte?

—Mesmo nos paizes compostos, ethnica e historicamente, de elementos heterogeneos,

nunca a expansão local da literatura foi factor de desagremiação.

Entre as superioridades do Brasil, avulta a da sua homogeneidade, rara e extraordinaria, comparada á de outras nacionalidades. Não comprehendo bem o que signifique *literatura á parte*. Ou as obras literarias têm valor, ou não têm valor. Si não têm valor, claro está que não prevalecem, em nada inflem, nenhum effeito determinam. Si têm valor, o seu primordial e insupprivel caracter é serem humanas, geraes, propagadoras de sympathia, estreitadoras da solidariedade nacional e universal.

V

O jornalismo, especialmente no Brasil, é um factor bom ou máo para a arte literaria?

—Houve quem definisse o jornal um archivo de bagatellas, ou, mais complacentemente, familiar e rapida conversação quotidiana sobre tudo quanto occorre. Declara Emile Faguet, ao mesmo tempo eximio critico e insigne periodista: « O jornalista é um vulgarisador. Deve ter qualidades mediocres, porém eminentes em sua mediocridade. Não é preciso que seja um pensador, mas é preciso que á maioria do publico pareça mais pensador do que aquelles que o são. Não é preciso que seja original, mas é preciso que possúa cunho pessoal entre os que

não são originaes. Não é preciso que seja muito sabio, porque, então, apenas saberia uma cousa, mas é preciso que saiba superficialmente, e bem nitidamente, grande multidão de cousas differentes. Não é preciso que seja bom escriptor, mas é preciso que apresente todas as qualidades médias do estylo,—clareza, precisão, vivacidade, movimento,—e as apresente em gráo assás elevado. »

Sendo assim, tornar-se-á benefico ou nocivo o jornalismo (e o do Brasil não differe do dos outros paizes) á arte literaria?

No meu conceito, depende a solução do modo como se concebe a arte. Sí arte é, como pretendem muitos, o conjunto de processos e meios de que o homem se serve para suscitar no coração de seu semelhante emoções e impressões, especialmente o sentimento do bello, não poucos jornalistas realisam o ideal artistico e não se mostram somenos aos artistas de outras categorias.

Será o exercicio do jornalismo compativel com o de diversa manifestação da arte, com o de romancista, de historiador, de dramaturgo, por exemplo?

Penso que não. O jornalismo é exclusivista, é exhaustivo.

A' semelhança da constituição vigente não admitte accumulações.

A pratica honesta e sincera de qualquer arte

reclama o homem integralmente. « Si queres ser genuino artista, doutrinava o velho Leonardo da Vinci, repelle quaesquer inquietações e cuidados alheios á tua arte. Seja tua alma como o espelho que reflecte todas as cousas, ficando sempre polido, immovel, radiante e puro. »

Ahi está o meu depoimento no seu curioso inquerito, meu caro Sr. *João do Rio*. Muito de industria, apoiei os meus assertos em outros de maior auctoridade. Foi para lhes emprestar alguma probabilidade de justeza, mutuando a galanteria do convite.

Queira apertar a mão que cordialmente lhe estende. »

É, como se vê, o proprio encanto, a propria modestia...

LUIZ EDMUNDO

Luiz Edmundo é o mais sympathico dos nossos poetas. Alto, com uma physionomia muito pallida, onde branquejam os dentes e scintillam os chrystaes das lentes, é a figura obrigada das primeiras sensacionaes, dos hoteis *up to date*, das partidas de campo aristocraticas, dos *five-o'-clock* com senhoras distinctas. Não ha quem não goste do seu perfil, quem o tenha visto discutir, quem o tenha atacado. O elogio envolve-o. O primeiro livro de versos que resolveu publicar exgotou-se. O segundo tambem. O terceiro tambem. Um bello dia, diante de um absyntho, o poeta, cujo excesso de elegancia o faz comparavel ao conde de Fésansac e a Wilde, resolveu partir para Paris. Ia continuar a sua philosophia de descrença amavel, ia pôr em pratica e em exercicio—essa alma da geração que tão bem pintou no seu profundo soneto :

Na garupa e febril desse animal possante
Que me lembra um centauro enraivecido e bruto,
Vejo o Mundo passar, veloz e palpitante,
E a voz humana e a voz da Natureza escuto.

Perguntam-me : — Onde vaes, ó Cavalleiro andante?
Que ardor te leva assim, tão forte e resoluto?
Buscas acaso a flor de um sonho extravagante?
Que vae comtigo? O Bem? o Mal? a Guerra? o Lucto?

E eu deixo este animal de tragicos furores,
Que é o Desejo e que tem as azas dos condores,
Na corrida veloz que me tira do Mundo.

Pouco importa saber onde me leva a Sorte,
Corra embora, febril, para as portas da Morte,
Para o profundo Céo, para o Inferno profundo!

Cheguei, entretanto, ainda a tempo de lhe exigir antes da partida a resposta ao questionario.

—Cinco perguntas? indagou elle. Mas são as Vogaes do Rimbaud!

É uma questão de estado d'alma. Eu posso sentir *A* branco, quando outros o sintam vermelho ou amarello.

—Isso é que seria interessante.

O poeta pensou.

—Mas é difficil. Não tenho cores simples, tenho nuanças da mesma desillusão.

—Manda-m'as em verso.

—Mando-t'as em prosa.

Alguns dias depois eu recebia cinco tiras de papel.

Desdobrei a primeira.

Eis o que dizia :

A

Um monsenhor Fructuoso, cura em terras mineiras, chegado aos meus por parentescos distantes, senhor de grande saber e muita moral e de quem trago de memoria a figura sempre irriquieta e biliosa que lhe vinha de annos passados em rixas politicas e perseguições de partido, foi quem me poz primeiro entre as maõs os livros que me ensinaram a amar a arte com o ardor com que elle entendia e amava.

Monsenhor, que tinha poucas predilecções, parecia ter, na vida, duas, decisivas, fataes e serias : a caça ás pacas e o amor aos classicos. Ora, quanto a suggestão da caça eu me podia furtar, porque então habitava um sobrado na rua da Alfandega, logar de poeira e não de pacas, mas quanto aos classicos a coísa era outra; eu estudava latim e monsenhor me inundava de Horacios, de Ovidios e de Virgilios.

Phœbus volentem prœlia me loqui
Victas et urbes, increpuit lyra...

Tudo isso me vem á memoria n'uma evocação suave, onde vejo o gesto de monsenhor, o seu nariz de ave rapace, a sua mão esqueletica e a sua barba mal feita.

Eu adolescia e nessa idade, em que eu todo era um rebento de aspirações e espinhas car-

naes comecei a ter, então, pelos classicos, a noção do que era literatura. Mas apesar das palavras de monsenhor não, os amava, mais por uma idiosyncrasia especial que por uma razão fundada.

Foi como comecei. Depois veiu o internato com os livros em voga nos collegios urbanos d'aquella epocha e que liamos á socapa pelos dormitorios e recreios — Julio Verne, Hugo, Boisgobey, Eça e Balzac, n'um cahos profundo de onde a literatura picaresca, ás vezes, surgia n'uma brochura de Rabellais ou n'um opusculo de versos pornographicos, sempre de auctor desconhecido. Isso apenas prova o meu inicio incolor e apagado como o de quasi toda gente, que vem desde o padre que ensuina os classicos e préga moral até ao livrinho obceno de literatura de alcova, que a gente põe nos forros e cavas da manga, na ancia importante de escondel-o aos bedéis.

Liberto dessa primeira e cahotica leitura entrei noutra ainda mais cahotica e tremenda. Lia, lia muito, tudo que me cahia entre as mãos com o *cachet* das edições da *Plume Mercure*, *Stock*, *Charpentier* ou *Lemerre*.

Devorava brochuras francezas com ancia e a febre intellectual que absorve os espiritos para um paiz fóra do mundo. Li parnasianos, romanticos, decadentes, symbolistas, satanicos, naturalistas, naturistas e magos, mas sem entanto

reler um auctor por predilecção, sem a preoccupação do proselytismo, do apostolado.

Como sou um pouco cheio de arrebatamento e paixão, é natural que já dissesse, ou mesmo escrevesse—X é o meu auctor predilecto, é o molde do genio ou a bandeira de arte que tenho que defender, mas com sinceridade hoje affirmo—nunca tive modelador de arte que me fascinasse.

Não posso, portanto, meu caro João do Rio, dizer-te a fonte onde fui beber a phantasia com que eu, mais por boa intenção que por maldade, malho pelos jornaes e pelo livro, a minha arte tão sem expressão e sem côr.

E

Nenhuma. Digo sem pseuda modestia ou preoccupação de originalidade. Sou dos que não se satisfazem jamais com o que produzem e vivem sempre na febre anciosa de escrever coísa que preste. O meu melhor livro será o de amanhã. Isto é o que digo hoje e certamente o que hei de dizer aos trinta, aos quarenta ou aos sessenta annos.

Fenho tres pesadelos n'alma, profundos e inapagaveis, taes os de ter tado em lettra de fõrma tres livros de versos que, máo grado a sua feição melosa e vasia, obtiveram da critica indi-

gena applausos que mais tarde me fizeram uma reputação rasteira e manhosa com caricaturas em jornaes illustrados e citações nos retro-spectos literarios da terra.

Não que eu desame esses pobres versos que me brotaram d'alma como flores ao sol, mas porque não vejo nelles esse toque que eu sonho como o brilho que deve irradiar da boa e sadia arte. De=mais, a minha *bagagem literaria* é curta, é curtissima; venho de ha tres ou cinco annos apenas, na turbamulta de uma geração que ainda não se firmou e que ainda deve ser a *promessa risonha* dos artigos de critica nos jornaes.

I

Não creio que haja enthusiasmo como desanimo entre os que escrevem no Brasil. O que ha é indifferença. O ardor das velhas pugnas literarias é cousa que jà não existe entre nós. A não ser o Sr. Medeiros e Albuquerque, que se diverte, às vezes, com a leviandade de certos escriptores novos e que transforma as suas chronicas literarias em theatrinho Guignol, onde os desgraçados que lhe cahem nas mãos dansam o velho desengonço do Paí João, nada mais se ouve ou se vê. Porque, em tirando o Snr. J. dos Santos, quando o poeta B. estréa com os *Cantos*

do fundo d'alma ou a *Lyra do meu soffrer*, o jornal entre um annuncio de pilulas e uma prisão em flagrante nunca deixa de avançar: *O livro do jovem estreante é dos que não se confundem com a vulgaridade; o artista que espere o logar que lhe compete entre a pleiade illustre dos que formam os homens de letras desta terra.*

E os poetas fervilham.

O jornal de polemica, o pamphleto literario, desconhecemos por completo. As celebres bengaladas de Camillo fazem rir ás barrigadas escriptores e criticos, como uma historia sobrenatural e engraçada.

Chegamos mesmo, ás vezes, a acreditar que somos todos boas e inoffensivas pessoas.

Já não se diz mais—Fulano é uma besta.

Velhos e novos são saldunes que passeiam pela trilha literaria, *bras dessus bras dessous*, risonhos, calmos, indifferentes...

E dessa santa e pacata união nada avulta que impressione ou que fique: os velhos abandonam as letras e os novos dizem com ar de enfado, isto aos vinte annos, com bonitas cores no rosto: —Já não tenho velleidades...

E vão ser empregados publicos.

O

Centros literarios dos Estados parece pilhe-

ria, quando o proprio paiz não póde crear ainda um centro de literatura á parte. Nós temos, é verdade, no Paraná, em Minas, em S. Paulo, no Maranhão e na Bahia, facções literarias com moços de bastante talento; mas não é crivel que elles formem nucleos caracteristicos capazes de determinar centros de literatura á parte. De resto, os olhos estão todos voltados para o Rio, onde a Academia assenta quarenta immortaes que officialisam a Literatura Naional.

U

É pessimo, e penso como toda gente.

Nós temos nesta terra duas instituições fatidicas para os homens de letras : uma é a politica, a outra é o jornalismo.

O desgraçado que tem talento, ou cahe na columna diaria a matar a sua arte a tresentos mil reis por mez ou vaí apodrecer n'uma cadeira de Congresso a ganhar setenta e cinco diarios entre os discursos sobre a lei do orçamento e sobre o imposto do gado.

Talvez isso atteste soberanamente a nossa fraqueza intellectual; mas como o paiz é de analphabetos os desviados desculpam-se dizendo, —que não podem morrer de fome.

E em parte elles têm uma forte e pensada razão.

CLOVIS BEVILACQUA

O eminente Sr. Clovis Bevilacqua manda-me do Recife a seguinte resposta:

I

« Ainda no collegio, em Fortaleza, dos 12 aos 14 annos, deliciavam-me os versos e as novellas que podia obter. Como é de imaginar-se, o regimen do estabelecimento não nos permittia sínão a leitura dos livros de lição e uma ou outra leitura anodyna. Chegava-me, porém, aos ouvidos o ruido da literatura como o echo de um movimento realisado em mundo longinquo. E, augmentando o meu desejo de conhecer esse mundo ignorado e seductor, fui conseguindo ler, apesar da vigilancia do pessoal administrativo, romances de Dumas, pai, alguns livros de informações como os *Varões Illustres do Brasil*, de Pereira da Silva, e outros de certo valor artistico.

Pedro de Queiroz deu-me a ler, nesse tempo,

o Gœthe, más nessa primeira approximação não pude comprehender as bellezas transcendentes do grande poeta.

Passando em 1875 a estudar no lyceu, tive mais facilidade de travar conhecimento com os escriptores da moda: Gonçalves Dias, Varella, Alencar, Alvares de Azevedo e Castro Alves. Mas, justamente quando me ia docemente engolphando na região phantastica da poesia e do romance com os auctores citados e quantos me cahiram nas mãos, foi minha attenção despertada pelo movimento literario que então se operava no Ceará e a cuja frente se achavam Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Junior, João Lopes e Amaro Cavalcante. Desse grupo foi Rocha Lima o escriptor que mais sympathicamente actuou sobre o meu espirito. Por elle comecei a amar a critica literaria e a ter uma comprehensão mais verdadeira da literatura. Lendo Taine, Theophilo Braga, Quinet e Luciano Cordeiro, os meus horizontes literarios se dilataram e apoderou-se de mim forte desejo de penetrar as literaturas exoticas, isto é, a portugueza e a franceza, recebendo através desta ultima o conhecimento dos grandes mestres allemães e inglezes, George Sand, com a sua empolgante *Lelia*, com o *Isidora*, o *Aldo*, a *Indiana*; Gauthier, com o *Fortunio* e *Mlle Maupin*; Byron, com o *Corsario*, *Manfredo*, *Giaur* e *D. Juan*; foram os auctores da minha predilecção, nessa

quadra. Isso quanto a estrangeiros, apesar do muito que me encantava Herculano; entre os nacionaes, Alencar tinha para mim o prestigio de uma superioridade offuscante.

Em 1876 fui continuar os meus estudos no Rio de Janeiro, tendo por companheiros Feijó, que se finou antes de revelar todas as refulgencias de seu grande talento; Paula Ney e Silva Jardim. Fui assiduo frequentador, ao lado deste ultimo, da Bibliotheca Municipal, situada então no campo de Sant'Anna, esquina da rua Conde d'Eu; mas lia sem methodo e com pouco aproveitamento. Não fazia selecção nem talvez pudesse fazel-a. Absorvia Hugo e Schiller de mistura com Escrich e consocios; Musset e Lamartine interessavam-me tanto quanto Michelet e Buchner; irmanava Shakespeare e Macedo.

No Rio, começára a interessar-me pelo positivismo, de que me davam conhecimento os escriptos de Miguel Lemos; mas foi no Recife, para onde me transportei em 1878, que me familiarisei com Littré, cujas obras ainda hoje me ornam a estante e da meditação das quaes comecei a extrahir uma segura intuição da ordem universal. Por algum tempo o positivismo seduziu-me, e passaram-me pelos olhos, além dos volumes de Comte, os trabalhos de Wyrouboff, Roberty, Bourdeaux, Robinet e Poly. Comecei depois a sentir as falhas do systema e, ao concluir o meu curso de direito em 1882, mi-

nhas leituras predilectas, em materia philosophica, eram Hœckel, Spencer, Lange e Soury. Mais tarde é que Schopenhauer, Noiré, Bain, Mill e Wundt haviam de ser estudados.

Com Martins Junior, Clodoaldo Freitas, João Freitas, Orlando, José Carlos e outros excellentes companheiros, embora me preoccupassem as investigações philosophicas, mantinha o culto da literatura amena e da critica literaria. Dos nossos, ia lendo os antigos, os romanticos e os naturalistas, que começavam a apparecer com Aluizio, e acompanhava com muito interesse as tentativas de romance historico, sob a excellente feição de um naturalismo tradicionalista, que ia publicando Franklin Tavora. Dos estranhos, Flaubert, os Goncourt, Daudet, Sully Prudhomme, Lecomte de l'Isle, alguns inglezes e italianos, mas principalmente Zola, o romancista e o critico, eram os auctores literarios que mais doces emoções me despertavam.

Foi nesse momento que os estudos de Sylvio Romero me fizeram comprehender que essa alta funcção da vida intellectual dos povos—a literatura—somente á luz do criterio social e ethnographico se póde bem apreciar.

Depois de concluido o meu curso de direito foi que, por assim dizer, comecei a interessar-me por essa bella sciencia, ao lado da qual passára cinco annos sem lhe perceber os encantos. Devo a Tobias esse inestimavel serviço de me

ter aberto a intelligencia para ver o direito. Durante o curso academico, estudei apenas para cumprir as minhas obrigações e transitar pelas solemnidades escolares sem apoio estranho, mas não podia dedicar affeição profunda a uma sciencia na qual não descobria o influxo das idéas que me davam a explicação do mundo.

Incitado pelo ensino de Tobias e guiado por JHERING, vi o direito á luz da philosophia, da sociologia e da historia. Savigny, Bluntschli, Roth, Glasson, Cimbali, d'Aguano, Cogliolo e Post, para citar sómente os mais caracteristicos, deram-me a educação juridica.

No direito penal, as minhas sympathias se declararam, desde os primeiros momentos, pela *terza scuola* de Tarde, Alimena e Liszt.

Mas, ainda que a historia e a legislação comparada me dessem a contemplação do phenomeno juridico no seu maximo brilho e em sua plenitude, é bem de ver que eu não me podia segregar do direito patrio, cuja expressão me davam, principalmente, Coelho da Rocha, o mais completo discipulo de Mello Freire, e Teixeira de Freitas, o maior dos nossos jurisconsultos.

Talvez pareça longa esta resposta. Mas não a podia dar mais concisa. A formação de um espirito se faz lentamente, por assimilações e adaptações successivas.

A historia do espirito de cada um de nós reproduz, em miniatura, a historia do pensa-

mento de uma época. Mas eu me resumo, afinal. Os auctores que mais contribuiram para a formação do meu espirito foram :

Em literatura :—Alencar, Taine, Sylvio Romero e Zola.

Em direito :—Tobias Barreto, Jhering, Post, Savigny e Glasson.

Em philosophia :—Littré, Comte, Spencer e Hæckel.

II

Qual das minhas obras prefiro ? Julgo-as todas imperfeitas, não simplesmente em relação ao que deviam ser, mas até em relação ao que era licito esperar que fossem.

Mas, para não fugir á interrogação, direi que o *Direito da familia* e a *Criminologia e Direito* me satisfazem um tanto mais do que as outras minhas producções; o primeiro, pelas questões de ordem social que me permittiu enfrentar, e a segunda, porque nella poude meu espirito accentuar mais a sua individualidade.

No emtanto, o *Direito das obrigações* é mais synthético do que o *Direito da familia*; si me pedissem um trecho para uma collectanea, eu o iria colher, de preferencia, nos *Juristas philosophos*; e, si fosse falar como technico, talvez devesse dar a primazia ao *Direito das successões*.

Falo somente das obras juridicas, porque fiz do direito a minha especialidade, e portanto são as obras produzidas nesse dominio que devem dar a medida do meu espirito, quaesquer que sejam as minhas predilecções literarias ou philosophicas.

III

Penso que a literatura patria não atravessa um periodo estacionario. Os nossos grandes escriptores estão em actividade : Sylvio, como Araripe e Verissimo; Bilac e Netto, como Arinos; Machado de Assis, como Domingos Olympio ou Euclides da Cunha.

Quer-me parecer que em poesia os moldes estão gastos, porque o artificio matou a espontaneidade do sentimento, mas dahi talvez resulte uma vantagem : muitas intelligencias deixarão o Parnaso, onde somente os verdadeiros poetas ficarão empunhando a lyra eterna das emoções reaes.

No romance, a escola naturalista perdeu os tons rudes e as arestas mais asperas: tornou-se flexivel e adaptavel a todas as lutas de sentimentos, sejam individuaes e intimos, sejam sociaes e externos.

Machado de Assis, Domingos Olympio, Graça Aranha e Xavier Marques, pois que Inglez de Souza está recolhido ao silencio, são os nomes

que me vêm á lembrança ao considerar esta nova feição de romance nacional.

O conto é genero que reclama esforço menor e, por isso mesmo, se mostra mais abundante. Arthur Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Lucio de Mendonça, Arinos, Netto, Freire, Neves e tantos outros vibram todas as notas.

Fujo de uma forçosamente deficiente nomenclatura; indico tendencias apenas para mostrar que não estacionamos.

IV

A literatura brasileira é uma só; mas, como as condições do meio physico e da composição ethnica não guardam uniformidade em toda a vasta extensão do paiz, é natural que, em alguns centros, se accentuem variações que, aliás, pela constante permuta de idéas e pela influencia reciproca exercida pelos maiores nucleos, tendem a ser assimiladas ou a desapparecer no fim de pouco tempo.

V

Leitor constante de jornaes, não sou muito sympathico ao jornalismo. Sem negar-lhe o valor cultural, acho que, em relação aos que nelle trabalham, esgota as energias, dispersa os esforços e alimenta a superficialidade; e, em rela-

ção aos que nelle bebem idéas, mais vezes perturba do que bem orienta, mais vezes agita paixões do que esclarece opiniões.

É uma forte projecção de luz envolvida em densa fumarada. »

NESTOR VICTOR

Recebo-o na volta da sua longa viagem. Nestor Victor está transformado. A violencia, aquelle ar de pedagogo zangado com que procurava convencer os discipulos, desappareceu. É um cidadão que passou por Paris, que viveu em Paris, que civilisou todas as arestas do temperamento na polidez de Paris.

Tres annos antes faria reflexões a proposito do meu inquerito, reflexões onde haveria de certo alguns desaforos, alguns axiomas, algumas ironias e muito talento. No momento em que lhe pedia as suas idéas, entretanto, sorriu.

—Já?

—Quando quizer. O tempo de reflectir. Os jornaes não deixam á gente tempo para muita coisa.

Passou os olhos pelo questionario.

—Mas é grave!... Mando-lhe a resposta, amanhã. E sabe? encantado, positivamente encantado...

No dia seguinte recebia a seguinte carta:

« Meu caro João do Rio. O *terceiro livro*, de

Abilio, adoptado na escola em que aprendi a ler, é que me proporcionou os primeiros arrebatamentos que o verso me produziu. A *Minha Terra*, de Casimiro de Abreu, o *Adeus aos meus amigos do Maranhão*, de Gonçalves Dias, e a *O de aos Bahianos*, do primeiro José Bonifacio, incluidos naquella miscellanea, deixavam-me fóra de mim quando eu os lia, ou mesmo simplesmente ouvia ler, tanto mais si a leitura era feita em vóz alta e com certa emphase. Eu cahia quasi que em verdadeiro paroxismo, tal a deliciosa exaltação que se apoderava do meu espirito.

Nessas occasiões nunca me passou pelo cerebro a ambição siquer de algum dia poder fazer coisa assim. Aquelles homens estavam aos meus olhos muito acima de quanto me fosse dado nesse sentido aspirar.

Na escola eu só fiz jornalismo manuscripto. Podia por fim tirar umas vinte ou trinta copias, tendo conseguido comprar um polygrapho. A influencia dos nossos poetas só dois annos depois é que fructificou, com o estimulo de um jornalzinho, *A Violeta*, que rapazes mais velhos do que eu publicavam então na minha terra :

« As flores são lindas,
São castas, são bellas,
São lindas estrellas
Que brilham no ar... »

Lembra-me que foram estas as minhas pri-

meiras trovas, benigna, indevidamente elogiadas pelos mocinhos que me acceitaram para seu collaborador.

Depois comecei a frequentar o club literario que havia na nossa cidade e ainda hoje existe, em cuja bibliotheca pude encontrar-me com a literatura nacional e portugueza.

Os poetas e os romancistas, elles e alguns criticos mais accessiveis, é que conquistavam a minha maior attenção, principalmente Gonçalves Dias, Castro Alves, Fagundes Varella, José de Alencar, Bernardo Guimarães e o auctor de uma historia da literatura portugueza, cujo nome esqueci. Li *Os Luziadas*, por indicação do meu professor de linguas; mas, de todo, não pude achar-lhes sabor.

Foi Gonçalves Dias quem sobrepujou as demais influencias dessa epoca. Pelos meus quatorze annos de idade compuz um poemeto, em não sei quantos cantos, ingenua imitação ás poesias indianistas do auctor do *Y Juca Pyrama*:

« Qual per' la mimosa da nacar córada,
Que nasce encoberta no fundo do mar... »

Era assim que começava.

Depois que fui sabendo traduzir do francez, ao mesmo tempo que manuseava Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro,—os versos *da Morte de D. João* produziram-me um grande abalo,—fui lendo Victor Hugo, Cha-

teaubriand, Madame de Stael, os livros da historia da literatura de Villemain, fóra os classicos, que tinha de traduzir em estudo, por obrigação.

De Victor Hugo, mais do que a d'*Os Miseraveis*, deliciou-me a leitura de *Nossa Senhora de Paris*, e, ainda mais do que esta, a do *Homem que ri* e d'*Os Homens do Mar*. Seu livro, porem, que eu não me limitei a ler apenas uma vez, mas que volta e meia tinha ás mãos, porque elle me interessava particularmente, era o seu *William Shakespeare*, que obtive de uns salvados, com um grosso volume das obras dos grandes auctores italianos, mais os de Villemain a que já me referi.

Esse *William Shakespeare*, e depois os primeiros volumes de versos de Hugo, que andei procurando de proposito, foram dos livros em que mais meditei até aos meus dezesete annos de idade, já ahi com a louca, em todo caso nobre ambição que obras taes tão facilmente, na idade em que eu estava, inspiram. Devo juntar a estes os livros de Stael, principalmente os de critica e de historia,—as paginas em que ella se refere á sua vida, aquellas outras, excellentes, sobre a Allemanha, suas reflexões relativas á Revolução Franceza, etc.

Em todo caso já me achava então um tanto impressionado com o naturalismo, tendo lido principalmente muitos volumes de Zola. Cus-

tou-me a principio acceital-o. Lembra-me de ter feito, aos quinze annos talvez, um ensaio intitulado *Victor Hugo e Emilio Zola*, em que me declarava francamente pelo primeiro.

Chegando ao Rio com o proposito de preparar-me para o curso annexo da Escola Polytechnica, estudos que iniciei num estabelecimento particular, um dia, por acaso, vi e comprei num livreiro *A Philosophia d'Arte*, de H. Taine, quasi pelo mesmo tempo em que adquiria as *Flores do Mal*, de Beaudelaire. Estas eu já conhecia um pouco de leitura superficial que fizéra na provincia, levado pelo enthusiasmo essencialmente communicativo de um meu amigo, Emiliano Pernetta, que chegava de S. Paulo, em periodo de ferias.

As duas obras seduziram-me a tal ponto que eu reneguei as mathematicas e resolvi entregar-me de corpo e alma á literatura, participando isso mesmo a quem me cumpria dar satisfação a tal respeito.

Dahi por diante entreguei-me ao estudo das sciencias, da philosophia e da literatura em geral, com a decisão e o ardor proprios de quem julga que emfim encontrou o seu caminho. Ao mesmo tempo ia produzindo alguma coisa, mais verso do que prosa, então.

Não devo calar que Alberto de Oliveira, e Machado de Asis um pouco, principalmente na sua traducção d'*O Corvo*, de Edgar Poë, exerce-

ram a maior influencia de que me lembre, tratando-se de auctores nossos, nas minhas producções dessa época.

É claro que depois disso, convivencias e tantas outras leituras vieram que foram actuando e têm vindo a actuar mesmo até hoje na minha formação. De quantos amigos intellectuaes tenho podido contar, nenhum como Cruz e Souza, por exemplo, concorreu principalmente para me dar estimulo e inspirar-me paixão na minha phase de combate aqui no Rio. Mas quando nós nos encontramos, as minhas tendencias já se achavam definidas nas suas linhas geraes. Foram, pois, esses de que acima falo que me deram o que se chama o impulso inicial.

Das minhas obras qual a que prefiro?

Sempre tive predilecção pela que ainda não produzi. As outras só em dias especiaes é que as posso reler. Depois, não me parece que valha a pena falar de coisas que fiz, tendo eu sempre a impressão de que o publico não se lembra dellas, tanto mais que a maior parte dos leitores as desconhece por completo.

Si atravessamos ou não um periodo estacionario em literatura?

Estamos mais ou menos nas mesmas condições de todo o occidente. Neste instante é mais em Roosevelt que se concentra a attenção universal, representante como elle é, ainda não de uma caracteristica renascença, mas de um mo-

mento de crise, o planeta inteiro achando-se na perplexidade de quem não sabe ao certo para onde irá.

Ha forças poderosissimas em acção—ha o movimento industrial e o movimento socialista; mas quem pode connhcer antecipadamente o que vaí resultar da incubação formidavel a que assistimos?

Parece que o mundo terá dentro em pouco o seu eixo de influencia inteiramente deslocado da posição em que se achava, e o governo da humanidade irá cahir em outras mãos que não aquellas de quem mais dependeu até agora a marcha da civilisação.

Mas até que ponto e como essa deslocação se ha de produzir? Quaes os seus resultados praticos? Que abalos ou cataclysmas hão de provir d'ahi, que modificações soffrerá com isso a geographia politica e até o destino das differentes racas humanas?

Nós outros, brasileiros, não temos sido de todo indifferentes a essas graves preoccupações.

A maior parte dos nossos escriptores, é certo, poetas, auctores de contos, romancistas, ainda obedecem ao programma de ha vinte ou trinta annos atrás. Seus amores, ou então o esplendor da nossa natureza e a poesia dos nossos costumes, os absorvem quasi por completo. Elles são mais ou menos parnasianos no verso e naturalistas fazendo contos ou romance. Como exem-

plo, dois excellentes auctores, Alberto de Oliveira e Coelho Netto.

Mas ha outros que já acordaram mais vivamente para a hora.

Por emquanto, preoccupado franca e directamente com essas perspectivas de que falo, só ha um livro de arte, —*Chanaan*, do Snr. Graça Aranha.

O romance tolstoïsta, *Ressurreição*, do Snr. Curvello de Mendonça, tambem é caracteristico do momento, embora muito pouco no Brasil, onde ainda nem quasi se pensa sobre essas coisas.

É de citar tambem *A America Latina*, do Dr. Manuel Bomfim, corajoso livro de critica e doutrinamento, palpitante de actualidade.

Além desses, ha outros que ígualmente vêm a sua hora, porque nascem das circumstancias da occasião.

Por exemplo, producto da indecisão ou perplexidade de que falei, e do nervosismo que ella determina, está-se creando em todo o mundo um novo ramo literario, que, bastardo como seja, merece no emtanto esse nome, quando praticado por homens de talento e de capacidade artistica. Refiro-me á literatura de informação, aos productos de interessantes reportagens, primeiro publicados na imprensa e depois colligidos em volume, abrangendo os mais varios e, ás vezes, os mais curiosos e importantes assumptos.

Ora, *As Religiões no Rio* e este livro em que

v. me dá a honra de collaborar, pertencem ao genero, e, como eu já disse noutra occasião, não encontram competidores no nosso meio. De modo que de v. tambem se póde dizer que é legitimamente um representativo.

Os trabalhos criticos dos Snrs. José Verissimo, Sylvio Romero e Araripe Junior, homens, todos tres, que estudam incessantemente e têm o senso do tempo em que vivem, devem ser por isso mesmo considerados como agentes positivos na nossa literatura.

Seria injusto não lembrar o apparecimento de um livro de muito valor, e com elle o de uma forte individualidade, até então ignorada, como era a do Snr. Euclides da Cunha antes de publicar *Os Sertões*, que é a obra a que me refiro.

As valiosas paginas desse seu volume inicial, além do raro rebrilhamento da fórma, são concebidas num espirito todo moderno, de informação e psychologia que procura ser honesta e certa, de um realismo, ás vezes mesmo de um pessimismo, que fazem violento contraste com as basofias, de boa fé, porém ingenuas, que tanto caracterisam a atmosphera do segundo reinado. Mas nem por isso se deixa de sentir que estes inflexiveis, talvez mesmo ás vezes demasiado rigorosos, modos de ver do escriptor de hoje, nascem do mais fundo e sério sentimento de amor e interesse pela terra brasileira que um filho della possa nutrir.

Tambem o bom livro do Snr. Oliveira Lima, *No Japão*, é obra lida entre nós com o mais justo interesse. Elle nos poderá aproveitar não pouco no decisivo momento que atravessamos.

Não devemos, por fim, esquecer aqui o grupo de jornalistas que ora mais influencia estão exercendo em nosso meio; é com toda razão que elles conseguiram esse predominio. Homens do talento e preparo de Alcindo Guanabara, Eduardo Salamonde, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac e alguns mais, obteriam vencer em qualquer parte, uma vez collocados na imprensa.

Menos politicos do que tiveram de ser os jornalistas de ha quinze annos atrás, os Quintino, os Patrocinio, os Ferreira de Araujo,. os Ranjel Pestana, mais desillusionados e realistas, em todo caso elles são os representantes dos novos ideáes de accordo com o espirito da época.

Hoje nos é talvez mais indispensavel acompanhar este ultimo e precaver-nos á altura das suas exigencias, do que o era a propria obra da abolição e a victoria do principio republicano. Sem estas duas coisas a nação poderia perfeitamente subsistir então,emquanto que ella corre hoje em dia riscos os mais sérios, si não souber ver a hora e não tiver a energia necessaria para collocar-se como exigem os seus problemas vitaes.

É claro que de quanto se faça em letras, quer

no novo sentido, quer continuando ou completando a obra que foi a novidade anterior, só o que seja realisado superiormente é que ha de ficar, como sempre tem acontecido. Digo isto, meu caro João do Rio, para responder ao seu ultimo quesito dos que se prendem a esta questão.

Não me parece que os centros literarios constituidos nos Estados de ha uns annos para cá ofereçam tão cedo o perigo ou a vantagem—conforme se encare—de crear literaturas á parte.

O centro, seja como fôr, ainda exerce tal influencia sobre a peripheria em nosso paiz, que Estados ha onde se é mais orthodoxo em relação a uns quantos preconceitos creados nos grupos literarios do Rio, do que mesmo aqui.

A creação desses centros prova, pois, que elles, na sua maioria, não são mais do que productos de imitação, devidos á influencia da nossa Academia de Letras.

Terminando, sobre a questão de saber-se si o jornalismo é um bom ou máo factor para a arte literaria, direi que si elle não existisse, si a evolução das coisas já tivesse podido eliminal-o, substituindo-o por instituição melhor, seria bem bom para a arte literaria. Mas como isso ainda não se realisou, e pelo contrario, o jornalismo resiste de cada vez mais vivaz, parece-me que hoje ella não o póde dispensar.

Muito cordialmente ».

PEDRO DO COUTO

O Sr. Pedro do Couto, critico bem conhecido, manda-me estas opiniões sensatas e cheias de discreta reflexão :

« Correspondendo ao vosso gentil appello, passo a responder o que julgo cabivel nos moldes do questionario que me foi presente.

No primeiro quesito pedis-me indicação dos auctores que mais influiram para a minha formação literaria. Ser-me-ia difficil, mesmo quando fôra de grande monta o meu valor nas lettras, tal dizer, visto que a nenhum dos mestres ou dos chamados taes devo determinada orientação. Iniciado no dominio da mathematica e tendo, portanto, o espirito educado convenientemente, facil me foi julgar com precisão dos trabalhos literarios cuja leitura fiz.

Em uns apreciava o vigor da fórma, a elegancia do estylo; em outros, o valor da these estudada e o brilho com que era apresentada. Nenhum delles, porém, cooperou para o meu juiso esthetico, de modo a filiar-me a tal ou qual orien-

tação literaria. Tendo noção assentada sobre a funcção da arte e seu destino, julgava as obras que lia segundo o modelo philosophico de antemão traçado. Ora, assim sendo, facilmente comprehendereis que era mui precaria a influencia que em mim poderia produzir qualquer auctor, por mais valor artistico que a evidencia manifestasse.

Penso ter respondido á vossa primeira pergunta do modo mais consentaneo com a minha individualidade e segundo a interpretação que dei ao espirito do quesito.

Em relação ao 2º, cumpre dizer-vos que não dou aos meus trabalhos importancia tão subida que valha uma preferencia por este ou aquelle—reputo-os todos ephemeros, sem nenhum destaque especial. Resta-me, no entretanto, a consoladora certeza de que nas condições dos meus se acha a mór parte dos que por ahi andam, sem excluir, é bom lembrar, os de muitos *medalhões* pretenciosos. A estes, coitados! nem sequer resta a convicção da mediocridade de seus esforços intellectuaes.

Bom seria que a minha franqueza actuasse de algum modo em muitos dos nossos contemporaneos que a ignorancia propria e de seus iguaes arvora em esthetas e mesmo em mestres. De mestres só têm a catadura e a empafia, porque lettras e sciencias, sobretudo estas, andam delles tão afastadas como nós do Sol.

Deixemol-os, porém, em paz, e continuemos nossa palestra.

O 2º quesito exige resposta mais detalhada, o que passo a fazer-vos gostosamente.

No momento actual, no Brasil, dá-se um facto de ordem sociologica mui natural : como deveis saber, o movimento esthetico, em todas as suas modalidades, é funcção do movimento social. O conjunto reage sobre as partes, determinando esta ou aquella manifestação, neste ou naquelle typo. Assim sendo, as grandes obras d'arte só se podem effectuar quando a situação social o impõe taxativamente. Ora, o periodo de dissolução que atravessa o mundo moderno não póde determinar o apparecimento de obras de relevancia, capazes de por si sós caracterisar uma época, isso não só em nossa Patria, como mesmo nas nações que occupam a vanguarda do movimento progressivo. Posto assim o problema, julgo que a situação—da poesia, da prosa, da musica, da pintura e da esculptura no Brasil como na Europa, tem de ser, na melhor das hypotheses, um apuro de factura, nada traduzindo que manifeste grandeza de concepção.

Quanto á existencia de novas escolas, e lá luta entre ellas, cumpre que eu estabeleça uma preliminar :—que se deve entender por escolas? Existem ellas bem discriminadas?

No rigor do termo, não existem escolas; e quanto á sua differenciação é mais apparente do

que real. Notam-se maneiras diversas de *fazer*, modos diversos de expôr o pensamento, em regra, sempre o mesmo. A luta é, pois, entre índividuos, como representação de *modos de ser* literarios.

A um exaggero de fórma oppõem alguns um completo deleixo della, como sendo a verdadeira arte. A uma crueza de expressão, tocando as raias da licença, como alguns comprehenderam o *realismo*, segue-se um emmaranhado de palavras, procurando veladamente traduzir sentimentos dos chamados, permitti que os englobe, nephelibatas.

Os primeiros deleitam-nos muita vez pelo vigor da fórma, pela correcção do estylo; os segundos inebriam-nos com a musica de suas palavras. É claro que, assim dizendo, me refiro aos primazes, unicos que podem servir para uma analyse precisa da these que propuzestes.

Como vêdes, não ha entre elles distincção de principios, de idéas, de orientação—divergem exclusivamente na maneira de exprimir os mesmos pensamentos.

Pedis-me entre os contemporaneos brasileiros os representantes dessas pretensas escolas. Entre os poetas cultivadores da pura fórma, occupam logares Salientês os Srs. : Alberto de Oliveira e Olavo Bilac; entre os modernos, salienta-se Cruz e Souza.

Representando um facto unico no nosso meio

literario, destaca-se o Sr. Luiz Delfino, que vem atravessando todas as correntes, revelando sempre uma pujança intellectual digna de admiração.

Dos romancistas filiados ao primeiro agrupamento, evidencia-se pelo vigor do talento o Sr. Aluizio de Azevedo, hoje infelizmente demasiado entregue ás suas funcções consulares; da segunda categoria não ha, que eu saiba, nenhum romancista que possa ser considerado typico.

No romance, porém, obedecendo a uma orientação social, isto é, tendo em vista a solução do problema moderno, já se começa a sentir algo de interessante:—cansados de fazer arte pela arte, espiritos emancipados da rotina, tendo estudado a crise que assoberba a sociedade moderna, entregaram-se á solução da questão, pondo seus meritos literarios ao serviço do movimento de reforma, que se impõe de mais em mais. Discorde eu embora das soluções apresentadas, pouco importa; o que é innegavel é que uma preoccupação alevantada os impulsiona, libertando-os da esterilidade a que se veriam entregues não fôra um nobre amor pela especie a que pertencem.

Pelo numero se não salientam elles, mas pela qualidade são dignos de nota.

E veso collocar entre estes o Sr. Graça Aranha, cujo livro é mais, a meu vêr, uma apologia bem escripta, com muito estylo, do *germa-*

nismo, como poderá sentir quem imparcialmente ler *Chanaan*. Não sei mesmo porque o classificam como escriptor socialista, classificação esta que o meu pobre espirito ainda não poude comprehender. Nessa categoria podemos, no entretanto, incluir os Srs. : Fabio Luz e Curvello de Mendonça, cujos trabalhos, se não têm o vigor de fórma de *Chanaan*, cousa aliás facil de adquirir, obedecem, todavia, á determinada orientação, prégam novos ideaes, propugnam pela reforma da sociedade mercantilisada em que vivem.

Em referencia ao 4º quesito, tenho a responder-vos negativamente. De facto, não creio que os Estados possam crear literatura sua. Isto admittir seria desconhecer a influencia que a Capital Federal exerce intensamente nos varios departamentos do Brasil, em todos os ramos de actividade. É ella que, como intermediaria, lança aos Estados, mais ou menos modificados, os fructos do meio literario europeu, sobretudo francez. O que se poderá talvez dar é haver nos trabalhos literarios alli surgidos uma certa côr local, isto é, certo cunho regional em que as paizagens e os costumes respectivos sejam apresentados com carinho, seja dito de passagem, bastante acceitavel e até necessario.

Nunca, porém, poderá existir uma literatura em cada Estado, o que desde hoje, com os elementos existentes, se pode terminantemente assegurar.

Eis-me, finalmente, chegado á ultima interrogação que me fizestes. Perguntais-me sí « o jornalismo, especialmente no Brasil, é um factor bom, ou máo, para a arte literaria. »—Encarado como funcção habitual, evidentemente anniquila boas vocações literarias, obrigando-as a trabalhos ligeiros, ao sabor do publico, de quem se torna cada vez mais dependente. Assim considerado, prejudica de facto o jornalismo a boa literatura, o que infelizmente se accentua em um forte *crescendo* pela maneira por que se o faz modernamente, em que se exige mais um bom *reporter* do que um optimo redactor.

Sí o encararmos, porém, como meio mais simples e mais prompto de entreter entre o literato e o publico convivencia necessaria, inilludivelmente serviços reaes elle presta ás letras. Se não fôra elle, como poderiam começar a apparecer bellos talentos que posteriormente chegam a impôr-se até aos editores?

Sim; não fôra elle, como conseguiriam imprimir seus trabalhos intelligencias que surgem, mas que os gananciosos editores não conhecem e a quem, portanto, não acolhem sequer com a devida cortezia?

Não, meu talentoso confrade, seja como fôr, não podemos negar que o jornalismo é um factor favoravel ao desenvolvimento das boas letras em nossa Patria.

Com maxima lealdade e tão resumidamente

quanto possivel, penso ter respondido ás vossas interrogações.

Isto feito, ponho-me, como sempre, á vossa disposição. »

ARTHUR ORLANDO

O insigne auctor do *Pan-Americanismo* responde-me com uma longa carta em que dá explicações e leves conselhos. Infelizmente responde apenas a dois quesitos. Sobre o jornalismo, o pensador illustre diz:

« Depois da descoberta da imprensa e outros meios de communicação do pensamento, a instrucção scientifica, esthetica, moral e philosophica passou da escola para o jornal. A escola deixou de ser um instrumento de cultura, um factor de progresso para se restringir a ensinar a ler e a escrever machinalmente palavras.

Hoje a instrucção transbordou da escola e espalhou-se pelo vasto campo da vida; hoje só ha uma escola na altura dos tempos modernos, que é o jornal, escola *sui-generis* sem penas disciplinares, escola verdadeiramente livre, que o alumno não é obrigado a frequentar, que penetra todos os dias pelas janellas no interior do lar como os raios do sol, escola que é a mais elevada expressão das relações livres entre as

pessoas, umas que sentem necessidade de aprender, outras de ensinar... »

A respeito da sua formação literaria, o philosopho é mais extenso.

« Não sei se posso falar em formação literaria; porém, a instrucção que possuo devo mais á natureza e á vida do que aos mestres e aos livros.

Em regra, tive pessimos professores, com excepção do velho José Soares de Azevedo, que me ensinou portuguez e francez, e do dr. José Austregesilo Rodrigues Lima, que leccionava philosophia como os philosophos antigos—por amor á sciencia.

Até onde vae a claridade de minha memoria, posso dizer que a Capunga com a doçura e poesia de sua paizagem foi a materia prima de minha educação.

Evocando as pessoas e as coisas no seio das quaes passei minha infancia, não diviso as primeiras senão através de densas brumas, de vagas nebulosidades, emquanto a natureza se me apresenta ao espirito com toda a elegancia de suas fórmas, com todo o brilho de suas côres, com toda a suavidade de seus perfumes.

O *eu* é menos independente do mundo exterior do que geralmente se pensa.

Nós commungamos com a natureza até mesmo depois da morte, a integra potestade que restitue á terra o que veiu da terra, e com a podri-

dão dos corpos produz o fermento de todas as incessantes metamorphoses, de todas as fecundas eclosões.

Não é na escola que se aprendem as verdadeiras lições de coisas, e sim na vida, a grande mestra de tudo que existe no mundo.

Que me seja permittida a tão espontanea quão sincera confissão retrospectiva, que vou fazer, a qual, valendo como penitencia, serve ao mesmo tempo de prova do que venho affirmando. Assim é que não faço theoria pedagogico-philosophica, mas falo por experiencia propria.

Todos os dias, pela manhã, surgia, como por encanto, no terreiro de casa o vencedor nunca vencido das capoeiras vizinhas. Era um formoso gallo, que contava as victorias pelos logares por onde passava, e se orgulhava de ser o terror dos poleiros.

Imaginei que era preciso decretar a paz para os gallinheiros, como a Convenção decretou a victoria para a França, e deliberei queimar o bico, cortar os esporões e arrancar as garras do invencivel guerreiro.

Foi o que fiz certa occasião, em que haviam sahido todos os de casa; mas o radiante triumphador, com o bico queimado, as garras e os esporões decepados, caminhando tropegamente, afigurou-se-me um monstro, e minha alma ingenua de criança um monstro ainda mais horrivel.

Depois, como se não bastasse aquella figura de Bank para meu castigo, disse-me o dono do animal :—Olhe, se apanho o malvado que praticou tamanha perversidade, corto-lhe as orelhas.

A' noite, custei muito a dormir, e quando pela madrugada conciliei o somno tive um horrivel pesadelo. Sonhei que estava com as orelhas cortadas; e se realmente não as perdi, sentenciou no dia seguinte minha Mãe, não foi porque não merecessem ser arrancadas a puxões, mas para que as sentisse arder todas as vezes que me lembrasse daquelle crime.

Outro exemplo illustrativo : aos dez annos, quando entrei para a escola, pois meus paes tinham tido o bom senso de não me subtrahir durante a primeira idade ao viver livre, que a natureza impõe ao desenvolvimento da infancia, eu não sabia A nem B; mas em compensação conhecia toda a passarada, desde a funebre coruja até ao petulante beija-flor.

Ora, em face de todas as galas e esplendores da avifauna pernambucana, que encanto podia ter para mim a aula com o seu monotono e aborrecido B... A—BA?

O preto Calixto era um grotesco typo de mestre-escola : usava cartola cinzenta, casaca preta e calças brancas. Compromettera-se com meu pae a ensinar-me primeiras letras em troca de uma flauta de ebano com chaves de prata.

A seducção do campo, trepando-me nas arvo-

res, enchendo os bolsos, e ainda mais o estomago, de fructas, espreitando os passaros, perseguindo as borboletas, inspirava-me horror a escola.

Entretanto, o Laurentino, cria de casa, filho mais velho da escrava Antonia, era accusado de distrahir-me dos estudos com a sua estimada criação de canarios brigadores, e, em um bello dia de sol, bem me recordo, ao voltar da escola, ja não encontrei ás voltas com os seus queridos passarinhos o Laurentino, que havia sido embarcado para o Sul.

Com os olhos cheios de lagrimas, abri a porta das gaiolas, e deixei ganharem o espaço livre aquelles outros captivos. Desde aquelle momento fui abolicionista de coração.

No curso de preparatorios o livro que concorreu mais para a formação de meu espirito foram as Fabulas de Phedro.

E um livro, em cujas paginas se reflecte nitidamente a Natureza como em um espelho, e que não se pode dizer escripto para a escola e sim para a vida.

D. Quijote de la Mancha, com seu inseparavel companheiro de jornada, o pacato Sancho Pança, e a formosa Dulcinéa del Toboso, tão radiante como só podia imaginar o cerebro exaltado de seu incomparavel cavalheiro, marca a segunda *etape* de minha evolução intellectual.

Miguel Cervantes, provocando o riso a custa

das loucuras e ridiculos humanos, ha feito mais bem a humanidade que todas as escolas, em que o professor abomina o riso e está sempre disposto a sacrificar a originalidade e mais attributos superiores á submissão a umas tantas conveniencias, que não raras vezes tocam as raias da hypocrisia.

A disciplina baniu da escola a funcção do riso, quando é o riso que torna o homem superior aos outros animaes. Ha coisas na vida que somente se corrigem a custa de muita gargalhada, e o riso, pode dizer-se, é exclusivo da especie humana.

Entretanto, o professor, por força da disciplina escolar, capricha em não rir, muito embora o riso seja o mais poderoso e humano instrumento de selecção social.

Um outro genio, que produziu em meu espirito uma verdadeira embriaguez intellectual, com o nectar de seu divino *humour*, foi Henri Heine, auctor de *Alta Troll*, satyra politica superior a tudo que tem sido escripto a respeito desde Aristophanes.

No ponto de vista philosophico, devo tudo, por um lado a Kant e a Tobias Barreto, por outro lado a Spencer e Sylvio Romero.

Taes foram os elementos que concorreram para a formação de minha acanhada cultura de espirito ».

E concluindo a tratar de preferencias litera-

rias, com uma habilidade de diplomata deante do impossivel, Arthur Orlando termina :

« Julgo-me incompetente para responder a este quesito.

É uma questão difficil de resolver como os *casos* dados para concursos de vigarios.

Ensinou-me, porém, o meu professor de Direito Ecclesiastico que desde longa data a jurisprudencia canonica instituiu a prohibição dos actos emulativos, negando o direito, que envolve peccado.

Para que se construir um edificio, que é *inutil* ao proprietario e *prejudicial* aos vizinhos?

A Egreja resolveu bem que é preciso não consentir a abertura de janellas, que, no dizer do ponderado Cino de Pitoia, não têm outro fim senão descobrir os segredos dos frades ou devassar a mulher bonita do vizinho.

Tenho as minhas sympathias, mas entre umas e outras *mon cœur balance*, ou melhor, entre umas e outras confesso francamente, estou como o burro de Burindan, o mais philosopho dos burros : não sei para que lado me vire.

Porém, que importa que entre as minhas sympathias meu coração oscille?

O pendulo do relogio oscilla constantemente de um para outro lado, e nem por isso os ponteiros cessam de ir sempre adiante e as horas de correr velozes como que tangidas por invisivel mão de fugaz divindade.

PADRE SEVERIANO DE REZENDE

Encontrei o padre Severiano preoccupado com a traducção de Isaias. Esse escriptor realista, como elle o julga, tem tido até hoje traducções abjectas. O padre, com as suas finas mãos, trabalhava o buril da fórma na vernaculisação da prosa ardente.

— Já pensei na *enquête*, sabes?

O padre Severiano de Rezende, um raro talento, fala suavemente, com a voz passada em seda. E, porém, o nosso Huysmans. São bem conhecidos os dotes violentos do seu estylo combativo e plethorico. Ha paginas nas suas historias de santos que lembram o *Là Bas*. Ainda ultimamente, contando a virtude de um asceta veneravel, affirmava que o pobre homem se entregava a *esbornias de jejuns*. São bem notaveis as suas preciosas qualidades oratorias.

Ha tempo, em Nictheroy, tendo que prégar, e como a multidão não fizesse silencio para ouvir a sua homilia, ergueu-se e, com voz retum-

bante, disse: — Meus senhores. Apresento-lhes um dilemma. Ou os senhores calam ou eu me retiro!

Sei por consequencia que vou ouvir de Severiano coisas imprevistas.

— De S. Paulo mandaram-te muitas respostas? pergunta o padre. Não mandaram. Era natural. Eu expatrio S. Paulo do Brasil. Houve um tempo que a Paulicéa era um viveiro de poetas e prosadores. Tempos idos! Hoje ha na Academia uns bachareis em germen muito bem vestidos e muito pedantes, e o escol literario vive em retiro. No emtanto, em S. Paulo podia haver um grande movimento literario, havendo lá, como ha, talentos raros. Não falo por exemplo de um Garcia Redondo, que é o archetypo do imbecil relapso na sua mania de literatejar *à outrance*, mas si eu disser que em S. Paulo ha um Freitas Valle, um Antonio de Godoy, um Herculano de Freitas, que são esthetas a valer, todos comprehenderão que a Paulicéa podia brilhar nas letras.

E temos ainda como poeta e como chronista Adolpho Araujo, que tem sonetos que eu assignaria e prosa que rivalisa com a de qualquer bom prosador excellente.

Ha poetisas tambem: Francisca Julia, por exemplo, que não tem comtudo originalidade e vive a imitar todo o mundo, o que não acontece com uma outra poetisa, muito bizarra crea-

tura essa, —Athalia Bianchi-Betoldi, que faz de vez em quando uns sonetos dignos de serem lidos.

Houve uma pausa. Eu estava atordoado.

—Has de me perguntar porque é que estou esquecendo o Wenceslão de Queiroz? Mas este, meu caro, é super-abominavel. Pretencioso e orgulhoso, este detestavel escriba é capaz de matar a quem disser que os seus versos são máos. E não ha quem os faça peior, fazendo-os, com abundancia, ha mais de trinta annos... Hoje toda a gente o deixa versejar livremente, ninguem faz mais caso delle. A verdade é que S. Paulo possue condições para lá se crear um nucleo litterario e não o cria. É hoje um povinho de rastacuéros...

Parou : a catilinaria acabara. O padre apanhou a manga larga no seu gesto habitual e deu dous passos. Estava seraphicamente calmo, e sorria.

Atrevi-me a indagar.

—Então, desde que começamos por S. Paulo, as literaturas dos Estados?...

Severiano interrompeu-me.

—Eu detesto tudo quanto é centro literario, como detesto tudo quanto é conciliabulo de literatos em via de perpetrações literarias. Como penso que o talento que é real tem fatalmente que se revelar na hora marcada, acho toleima essas concentrações perigosas de plumitivos que ensaiam vôos em gremios. Os gremios

dos Estados são fócos de insupportaveis esperanças das letras e acostumam o espirito á estreiteza das egrejocas em que o elogio mutuo cria irreductiveis pedantes e pretenciosos mestrunculos de synagogas improductivas, em que se cultiva a flôr da rhetorica convencional. A prova é que tudo quanto é talento aqui não se formou em centros literarios. O talento apparece quando tem que apparecer, e a sua evolução por meio dos centros literarios é uma illusão. Os centros literarios dos Estados são perigosissimos e alarmantissimos. Acho bom não bulir nisso. É horrivel.

Começo a ter medo de continuar. Entretanto, tento uma perguntasinha vaga:

—Atravessamos um periodo estacionario para as letras?

—A prosa estacionou como um navio entre gelos, e quanto á poesia, as lyras estão por ahi penduradas. Não vejo nada de novo, de original e, sí umas tentativas surgem, são esperanças que ainda não se corporisaram. Os representantes da prosa, entre nós, quaes são? Eis o nome de Ruy Barbosa. É um escriptor que se deixou hypnotisar pela molle archeologica dos bons classicos que a gente desinfecta antes de manusear, para que o archaismo não venha agitar, no nosso estylo, os seus lenços de alcobaça. Ruy Barbosa agora não passa de um Cuvier das letras, não é um revivedor de fórmas, é um excavador

de formulas. Ha Machado de Assis : a gente o lê confiantemente, a sua psychologia calma calça uma fôrma elegante, e a sua linguagem, que é delle, podia ter por divisa o *in medio consistit virtus*, que, sí não enthusiasma, não escandalisa. É o unico prosador honesto que temos e o unico observador de almas que possuimos. Mas não è um profundo. Aluisio Azevedo zolaisou assás, num estylo em que eu reconheço o relampejo de um estro real.

Depois desta tirada, vulcanicamente, o padre Severiano começa a distribuir premios de louvor aos seus amigos e cacetadas nas pessoas com que não sympathisa.

Assim na prosa João Luso tem fleugma e é *chic*, Bilac encantador, Coelho Netto vibrante e merece o nome de artista, Euclides. Cunha é vibrante. Araripe Junior é o unico critico que se pode ler, pois tem argucia, graça, leveza e clareza ; Sylvio é redundante e labyrinthico, mas em todo caso herculeo e poderoso ; José Verissimo arqueia-se sysiphicamente sob as densas arroubas dos seus periodos plumbeos, eriçados de angulos. Na poesia Alphonsus de Guimaraens é um genio, Bilac o primeiro, Raymundo e Alberto tambem primeiros, Luiz Delphino é o incomparavel nababo da poesia, Cruz e Souza teve influencia, Emilio de Menezes pode ser chamado o mestre bohemio do soneto, B. Lopes é adoravel na sua *pose*, Luiz Murat...

O padre Severiano não termina a lista, desanimado.

—Eu não posso evidentemente lembrar-me de todos! confessa com amargura. Ha tantos poetas, tantos prosadores! Mas falas da poesia de acção? Essa poesia é tola.

—E quanto a escolas?

—Creio que não as houve no Brasil, ao menos que se não queira chamar de escolas—conjunctos de imitadores de Castro Alves, o insupportavel metralhador de syllabas, os nephelibatas, etc.

De novo, Severiano faz-me o elogio do prodigioso Alphonsus de Guimaraens.

Eu indago:

—Deve ser curiosa a sua formação literaria?

—Eu positivamente não sei bem como foi a minha formação literaria. Não estou mesmo certo sí houve ou sí ha em mim isso que o amigo chama respeitosamente « uma formação literaria ». Só sei de uma cousa: é que desde cedo tive sempre uma insaciavel necessidade, ou para melhor dizer, uma intensa ancia de cultura, que me levou a lêr, lêr, lêr, e dessas leituras varias, mas bem orientadas, me ficaram, creio, uma esthesia e um estylo—esthesia ainda a corporificar em synthese e estylo ancioso de realisar a Fórma. A minha formação literaria é feita pois de um amálgama em que são ingredientes as obras-primas que eu admiro e que eu amo. Porque eu entendo que a coísa literaria,

como os dilettantes a tomam, será sempre mesquinha e desinteressante si não fôr elaborada com o intuito de reproduzir o Bello, e o que reproduz o Bello é a Obra Prima, ou seja palavra falada ou escripta, ou seja som, côr, linha ou bloco. Por isso é que esta expressão « formação literaria » me sôa mal. « Formação literaria » parece querer indicar pretenciosamente o quer que seja que se assemelha, *verbi gratia*, á « collação de gráo »; ha nessa formula de aula de rhetorica, um perfume de bacharelice compenetrada da sua canonisação literaria. Fico, por conseguinte, tonto, instado para dizer quaes os auctores que mais contribuiram para a minha formação literaria. Estou certo que o Sr. barão de Loreto ou o Sr. barão de Paranapiacaba, versicultores cobertos de cans, não hesitariam, um minuto, na resposta. Eu hesito, porque, francamente, não tenho formação literaria, e acho que ninguem deve tratar de ter.

A minha formação literaria é isto : uma grande revolta e uma grande aspiração—revolta contra o pedantismo inactivo do medalhão e a maçonaria nulla das *côteries*, aspiração á luta sincera pela Arte e pela supremacia do Talento. A minha formação literaria inspira-se pois nessa direcção e a minha doutrina bebo-a nas fontes supernas que borbulham nos pincaros : Homero, Eschylo, Virgilio, Dante, Shakespeare, Cervantes, Gœthe, Balzac, e, sobretudo, *a tout*

seigneur tout honneur, Ricardo Wagner, o mestre dos mestres, o colosso sobrehumano, o descobridor dos novos-mundos da Arte, o unico a quem é imprescindivel pedir licença quando se quizer dissentir de idéas.

De novo ahi vulcanicamente, Severiano distribue louros aos escriptores contemporaneos que mais admira. Começa assim :

—Está claro que não despreso Hugo...

Cita Peladan, Huysmans, Lecomte, Verlaine, Mallarmé, D'Annunzio, Flaubert, Chateaubriand, Heredia, Petrarcha, Poë, e termina aggredindo os homens que fazem selectas de auctores celebres.

—Esta exploração no terreno de Charles André póde tentar o Sr. João Ribeiro, a mim não me tenta.

Resta-me fazer uma pergunta—a da influencia do jornalismo. Padre Severiano de Rezende, jornalista, responde assim :

—O jornalismo no Brasil é para a arte bom e máo. No estado actual da nossa cultura, é o jornal que se lê mais, e não o livro. Quem quizer, pois, fazer alguma coisa pela arte—extensivamente considerada—ha de ter um jornal em que escrever. Nem a revista nem o folheto preenchem a funcção do jornal, que é o que todos lêem. O poeta ou o prosador que quizer vêr a sua obra passar de coísa escripta a coísa

impressa tem que se submetter ao jornal. O jornal é inevitavel, precisamos soffrel-o.

É elle que abrirá caminho ao livro, ou melhor, é elle que tem aberto caminho ao livro. Entretanto, para quem vive *disto*, de escrever para a imprensa, não ha nada peior, como meio esterilisante e dispersivo. Esterilisante, porque o trabalho *au jour le jour* esgota as forças desorientadas e exhaure o tempo desmethodisado; dispersivo, porque não admitte a reflexão, a concentração da idéa, o apuro e o esmero da Fórma, que é a ambição de todo artista. Assim, o jornalismo é um factor bom, porque é só por elle que o artista se pode manifestar, e é um factor máo porque, como Saturno, devora a vida dos seus proprios filhos. Que bello não seria haver aqui no Rio um jornal em que um grupo de artistas mostrasse que è ainda pelo jornalismo que, entre nós, poderia um estheta viver e trabalhar, illuminando almas e arejando espiritos. É o meu sonho em breve realisavel.

E Severiano termina com essa esperança.

GUIMARÃES PASSOS

O Sr. Guimarães Passos é o conhecido poeta dos *Versos de um Simples* e das *Horas Mortas*. Ultimamente publicou um *Diccionario de Rimas*. Alagoano, Alagôas tem por elle a mais profunda admiração. Ha na terra do marechal Floriano centros literarios, clubs de propaganda, o diabo, com o nome de Guimarães Passos. Cremos mesmo que se fundou agora, na capital do Estado, uma sociedade recreativa Homenagem a Guimarães Passos. Outro dia encontrei na mala do Correio um masso de jornaes com o seu endereço. O conterraneo encarregado da expedição não se pudera conter e escrevera :—Ao immortal poeta Guimarães Passos...

Sebastião de Guimarães Passos sente-se bem nesta atmosphera e corresponde á admiração da terra com um carinho especial. Quando lhe entreguei o questionario disse gravemente :

—Vou pensar.

Dous dias depois não se lembrava mais.

—Oh! filho, é verdade, amanhã sem falta.

Afinal, uma tarde de chuva, sentados ambos diante de um « bock », o poeta desdobrou imperialmente o questionario e julgou-o irrespondivel.

—Muito difficil, meu caro, muito difficil.

Para a sua formação literaria quaes os auctores que mais contribuiram? Sí eu fosse responder, diria : O primeiro poeta que eu li e admirei, ainda na escola, foi Nicolao Tolentino.

—Ainda hoje a influencia se faz sentir.

—Depois li Camões e Bocage. Finalmente comecei a estudar o grande padre Antonio Vieira.

Guimarães Passos tem uma absoluta adoração pelo extraordinario prégador, o maior diplomata e o maior artista da lingua portugueza. Sabe-lhe sermões inteiros de cór.

—Está a primeira pergunta respondida.

—Quanto á preferencia pelas minhas obras, tenho quatro volumes publicados.

Aqui o poeta fala vagamente dos seus versos, das criticas elogiosas, dos prefacios celebres no mundo, de Araripe Junior, que lê muito...

—Das minhas obras gosto da outra metade— a metade que o publico não gosta.

É obscuro mas *chic*. Bato palmas.

—Cá temos a segunda resposta.

—O Brasil atravessa um periodo absolutamente estacionario. Não ha lutas de escolas,

não ha mesmo escolas novas, poesia de acção e outras historias. Ainda estamos com que os traquinas de café chamam os velhos—Aluizio Azevedo no romance, Bilac e Alberto de Oliveira no verso.

Neste ponto Guimarães Passos dá as suas impressões sobre os homens representativos da literatura patria :—Coelho Netto, por exemplo, é um admiravel artista, mas não é um romancista; Aluizio não tem um romance verdadeiramente romance com a nota individual; Araripe Junior anda a ler tanto que acaba não sabendo como escrever. A impressão da França esmaga tudo.

—E a literatura dos Estados?

—Uma *blague*. Não é possivel.

—E o jornalismo?

—O jornalismo?

—É um factor bom ou máo para a arte literaria?

Guimarães Passos diz duramente :

—Pessimo. O jornalismo é o balcão. Não pode haver arte onde ha trocos; não pode haver arte onde o trabalho é dispersivo.

E, abrindo os braços, Sebastião de Guimarães Passos conclue uma terrivel catilinaria contra o jornal.

Ai de nós!

CURVELLO DE MENDONÇA

O Sr Curvello de Mendonça estende-se longamente :

I

Este primeiro quesito reporta-me a um tempo já afastado, longínquo, impalpavel, de que me resta hoje apenas uma consciencia nebulosa, mas ainda assim carissima ao meu espirito. Evoca-me a bucolica vida provinciana, os nobres esforços de um pai amante das letras, grande espirito de philosopho, tolhido em meio de sua carreira scientifica pelas necessidades da vida material.

Eis ahí o vago e indeterminado theatro em que se me descerraram os horizontes intellectuaes. Em casa faziamos todos os irmãos os primeiros tirocinios de estudo. Era uma escola viva e espontanea, onde os nossos mestres liam comnosco os livros didacticos, os romances e as revistas. *Os Miseraveis*, de Hugo, e os *Mysterios do Povo*, de Eugenio Sue, lembram-me

ainda como as leituras mais decisivas na formação de meu espirito actual.

Era o mesmo paé, mestre e amigo, que nos iniciava no cultivo dos bons auctores, commentando as passagens empolgantes, vivificando maneirosamente os seus ensinamentos, construindo suavemente a sua boa philosophia da vida, que se traduzia e expressava no amor dos homens, dos animaes e até das coisas ambientes.

Era isso em plena roça, numa fazenda modestissima de assucar, no seio amplo e livre desse norte brasileiro que dá o fogo crepitante das seccas e queimadas, mas que produz igualmente o mel dulçuroso das abelhas e o da canna. Esse foi o primeiro nucleo de minha formação literaria, sí é que tenho uma, tanto a julgo ainda imprecisa e falha. Tudo o mais quanto veiu ao depois-outros homens, outros ares, outros livros-dilataram os raios da minha visão objectiva. E, como *nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*, d'ahi novas idéas, novas concepções em debate, empolgando-me a alma sonhadora e contemplativa de meridional, mas, prescrutando-me bem dentro do intimo, tudo vejo partindo d'ali, d'aquella escola de amor, daquelle céo estrellado e sereno, a quem atirei os primeiros anceios dolorosos de minhas rudes e prematuras meditações.

Tenho dito, pois, qual a fonte onde bebi a primeira agua que me fez saltar para a vida.

Os caminheiros que, pelos dias adiante, nella tenho encontrado, muitos são e de varios pensares. Cada homem, cada livro, cada acontecimento de pequena circumstancia, em que me achei envolvido, constitue certamente uma nova fonte onde bebi um pouco com tal ou qual soffreguidão. Por fim, tantos foram os mananciaes, que lhes perdi a conta e o nome. Com firmeza, com sinceridade, só me posso reportar a um forte elemento creador da minha desvaliosa formação : aquella primeira fonte limpida, doce como o mel das abelhas e o da canna, fonte pura onde quizera beber sempre toda a minha vida.

II

Evito dizer-lhe qual das minhas obras prefiro. Seria uma coisa triste e desinteressante ao leitor acompanhar-me nessa miragem subjectiva, nessa contemplação intima dos meus passos de escriptor incipiente. Tenho publicado tres livros, e sí de nenhum delles me envergonho hoje, não os tenho como padrão de gloria na vasta cultura literaria do paiz. Deram-me elles a alegria extraordinaria da producção, esse prazer ingenuo e simples, que independe do acolhimento da critica e do meio.

Sou, aliás, um optimista irreductivel. Por mais humilde que seja a minha parte na litera-

tura moderna do meu paiz, julgo-me fartamente, sobejamente pago dos meus esforços e do meu trabalho.

Escrevendo sem ambicionar triumphos, procurando apenas enveredar pela trilha de uma literatura util, quero dizer, de um exercicio intellectual applicado ás necessidades sociaes, tive a felicidade de receber a sympathia e o estimulo em proporção tal que jamais poderia imaginar. Attribúo essa generosidade ambiente á corrente de idéas que defendo e que julgo bastante espalhadas no Brasil, mesmo muito mais espalhadas do que geralmente se acredita. Quasi não ha dia em que a leitura ou a observação me deixe de trazer novos factos e documentos em abono dessa verdade para mim inconcussa.

Este paiz é fadado a realisar o sonho do paraiso humano. Não digo que seja isto amanhã; mas digo que isso será, não porque me queira dar ares de propheta, mas porque observo em redor e vejo uma somma maravilhosa de esforços latentes que se fazem heroicamente nesse sentido. Ha coisas que não vemos, porque não queremos olhar. O Sr. José Verissimo disse uma vez que o christianismo puro, o christianismo sem padres nem dogmas, o christianismo sublime á maneira de Tolstoi, não tem cabimento em nosso meio, é uma coisa que « offende ao sentimento do real ». Não é elle só que assim

pensa, bem o sei eu. Alguns outros, não em grande numero, subscreverão o seu juiso ; mas eu acredito que estão redondamente enganados. O seu talento e a sua observação estão voltados para coisas diversas. Não reparam bem os factos e as correntes sociaes que trabalham a nossa civilisação.

A doutrina de Tolstoi não é privilegio delle nem da Russia. Si no Brasil, assim como na França e em todo o mundo civilisado, toda a gente lê e aprecia Tolstoi, é porque elle soube traduzir em boa linguagem moderna a anciedade universal dos povos. As mesmas forças sociaes actuam em toda parte. Renova-se o mundo inteiro em busca da solidariedade e do amor puro nas relações humanas.

O Brasil tambem vai sendo ha muito tempo abalado por taes idéas.

Ha cerca de vinte annos, uma modesta mocinha de S. Paulo acolheu em seu coracão de virgem o doce socialismo christão. Que poderia fazer essa debil força de mulher, si o seu sonho fosse um desvairamento incompativel com o meio brasileiro?

Pois bem. Essa joven delicada e meiga trabalhou a principio só. Fez-se professora particular e publica, escreveu livros, abriu escolas para instruir as crianças e educar a mulher brasileira, retirando-a da confabulação miseravel nos confessionarios dos padres. É preciso reparar

nesse facto, que é expressivo. Os sacerdotes se levantaram e moveram-lhe uma guerra estupida de todos os dias, servindo-se da ignorancia e do prestigio rotineiro das formalidades do culto catholico. A mocinha fraca não esmoreceu. Lutou, persistiu, venceu. Fez discipulos e discipulas numerosas. Só na capital as suas escolas sustentam e educam perto de dois mil alumnos. Pelo interior do Estado nascem e multiplicam-se escolas filiaes da propaganda central tenacissima de D. Annalia Franco. Ninguem no Rio de Janeiro falou nisso. Os livros, os romances e a revista, que essa brasileira notavel tem escripto e dirigido, nem um só momento appareceram em nosso meio literario, porque é proprio das coisas serias e profundas vicejarem modesta e occultamente. O Sr. Verissimo e os outros criticos ignoram tudo isso. Que importa! A obra não fica sendo menor, nem menos valiosa. Quando no futuro essas coisas apparecerem, toda a gente se espantará, duvidando da realidade.

Entretanto, a coisa está ali em S. Paulo. Ninguem a vê, porque não quer ou não sabe. Ha poucos annos, tambem, morreu na Bahia Luiz Farquinio, que ahi fez uma obra semelhante, differente nos processos, igual no fundo e no pensamento dominante. Da sua immensa fabrica fez uma vasta escola de amor e trabalho. E' possivel que não tenha deixado continuadores en-

tre os discipulos numerosos, por elle salvos da ignorancia e da miseria ? Duvido, porque acredito no contrario.

No Rio Grande do Sul, em Pernambuco, e até em Sergipe, ha esforços mais ou menos vastos para um semelhante trabalho social. Que importa, si os nossos intellectuaes do Rio de Janeiro fecham os olhos a essas coisas? Digo somente que a vaidade e o orgulho cegam desgraçadamente os homens de mais talento e saber.

Foi o meu justamente esquecido romance, *Regeneração*, que me poz no encalço desses movimentos fecundos, que agitam a sociedade brasileira. Muito mais do que poderia acreditar, toquei nessa ordem de idéas e de aspirações, que já tinham orgãos numerosos disseminados em todos os ambitos do nosso paiz. Vi então que o meu trabalho era apenas o echo amortecido de uma força pujante que anima o nosso povo.

Eis porque, consciente da nullidade literaria daquelle romance, sou entretanto apaixonado ardentissimo das idéas que nelle puz. Por ellas, tenho amigos desconhecidos que me communicam os seus esforços e as suas impressões, embellezando-me a vida e dando-me a coragem de trabalhar com um prazer encantador, que não trocaria pelas glorias mais retumbantes no mundo da arte.

A literatura não é o meu fim. Si a faço um

pouco, é como um instrumento de acção social, aliás bem menos poderosa, assim feita, do que por outros meios de propaganda e luta, que outros homens e mulheres assombrosas empregam com successo neste mesmo Brasil.

III

Creio, pois, muito felizmente, em face do que fica dito, que não atravessamos um periodo estacionario para as nossas letras. É o contrario que succede: movimento e vida, como jamais o tivemos em outra qualquer época. O Brasil todo se agita em um trabalho pujante de renovo e progresso. Não é só no Rio de Janeiro que a vida economica e industrial se expande, como parece que acreditam alguns enclausurados da rua do Ouvidor e da Avenida Central.

A novidade das coisas reflecte-se nos corações e nos espiritos. Abrem-se novos horizontes aos moldes acanhados da velha literatura. Passaram os classicos, os romanticos e as pequeninas escolas realistas, naturalistas, symbolistas, e outras, mais ou menos extravagantes e precarias. O que hoje se ensaia, se esboça e já se faz, é alguma coisa de mais forte e grandioso do que essas tentativas de uma literatura em formação. É o Brasil que adquire a consciencia de si mesmo e aborda as grandes correntes universaes do pensamento moderno. Somos mais

nacionaes assim, isto é, sendo mais habeis e mais originaes na collaboração que prestamos ao movimento mundial.

Emquanto a Europa nos manda o excedente da sua população, acaso desejando retalhar-nos em pequenas colonias, o Brasil absorve essas gentes todas que lhe chegam da Italia e da Allemanha. As nossas escolas são o grande factor activo dessa nacionalisação empolgante.

É o Brasil, de todos os paizes novos, aquelle em que o estrangeiro se sente mais a vontade, onde menos existe o preconceito de côr, de raça ou de fortuna.

A nossa joven literatura reflecte já esse sopro augusto de fraternidade. Não é so de uns tres ou quatro annos a esta parte, como pensam alguns, que se far entre nós o romance e a poesia de acção. A não ser que se queira fazer questão de palavras, menosprezando as idéas, essas coisas se encontram já, em lampejos geniaes, nas poesias de Castro Alves, Gonçalves Dias e Domingos de Magalhães, assim como nos poemas de Basilio da Gama e Varella. Apenas, agora, o movimento é mais consciente e energico na geração de novos que nelle toma parte.

Os criticos, que dessas coisas se incumbem, menoscabam orgulhosamente dos pensadores e literatos dos Estados. Cada novo dia, entretanto, vê surgir um novo batalhador. Alguns se

revelam com vigoroso talento e uma capacidade forte de trabalho. É difficil e perigoso citar nomes, como pede o quesito, pelo risco de se commetterem injustiças; mas as promessas ahi estão vibrantes. O Brasil é um immenso campo verde que aspira cobrir-se de flôres. As sementes foram plantadas, chega a hora pressurosa da colheita.

Seria preciso uma critica nova, partindo dessas mesmas correntes, para dar-nos conta dessa phalange de trabalhadores. Não mais os criticos frios com as suas criticas frigidissimas, pesadas e accommodaticias. Essa velha arte está agonisante. Com excepção dos conscienciosos estudos, infelizmente raros, de Araripe Junior, della se salvam apenas os materiaes amassados no desalinho e na indifferença, que precisam ser refundidos por um espirito de amor. A velha critica, repito, está morta. Os seus livros dogmaticos e oraculares dormem pelas livrarias em companhia das traças. E os antigos editores já lhe torcem a cara, convencidos afinal da sua inutilidade. Havemos mister de alguma coisa mais bella, mais humana, uma semelhança dos *Precursores e Revoltados*, de Eduardo Schuré.

Elysio de Carvalho, em um livro de critica original, completamente diverso do que se tem feito entre nós nesse ramo da literatura, parece bem tel-o comprehendido com o seu talento agudo e a sua alma vulcanica de apostolo dos

novos ideaes. Pelo que vi, pelo que se acha parcialmente publicado de sua formosa obra, não trepido em consideral-o como um dos iniciadores de mais essa campanha, a investigação carinhosa das nossas correntes sociaes, que o joven Brasil pede anciosamente.

Pedro do Couto, que é um positivista livre, desabusado e ardente, sabendo separar o joio do trigo, tem no prélo um livro congenere, cujo conteúdo desconheço ainda. Mas considero a concepção positiva da arte como a mais bella, a mais vasta e a mais grandiosa que se tem imaginado. É uma das faces mais geniaes, talvez a unica que se possa acceitar sem restricções, da immensa obra de Augusto Comte. Tenho, pois, que seja uma novidade auspiciosa para as nossas letras o apparecimento de um livro bafejado por essa influencia, aliás perturbadora e nociva a outros respeitos. A sua critica ampla e erudita, talhada por um largo sopro social, será mais um golpe na outra : a velha, a sediça, a fossil, a inutil e felizmente moribunda.

Trabalhos assim feitos deixam de ser superfetações livrescas, porque têm os seus logares previamente indicados em a nossa moderna literatura.

IV

Não creio que esteja na indole dos brasileiros

tentar a formação de literaturas estaduaes ou provincianas. Ao contrario de muitos outros, penso que fóra do Rio de Janeiro se fazem muito bellos trabalhos literarios; mas todos esses movimentos particulares se prendem ao movimento geral das nossas lettras. A formosa lingua de Camões e o sentimento innato da unidade nacional, que todo o bom brasileiro em regra possúe, salvam-nos dessas velleidades ridiculas de literaturas divergentes. Nem ha entre nós razão historica que assim o determinasse. Nenhuma das nossas antigas provincias realisa no Brasil o caso da Polonia que, opprimida e esmagada pela Russia, conserva por isso mesmo a sua literatura e as suas tradições particulares.

Quasi todos os nossos grandes Estados tiveram, ou vão tendo, as suas épocas mais ou menos importantes de actividade literaria : Bahia, Minas, Maranhão, Pernambuco, São Paulo, e até um pouco tambem o Rio Grande do Sul, o Pará e outros. Podos esses movimentos, porém, passam ou se deslocam, e o seu acervo aproveitavel se incorpora afinal no patrimonio commum da literatura brasileira. Não vejo symptomas que nos façam receiar phenomeno diverso para um futuro proximo.

Nos recantos do interior, pois que tenho viajado um pouco, hei visto muitos letrados desconhecidos devorando anciosamente as ulti-

mas novidades da casa Garnier. Os romances de Machado de Assis, as grammaticas de Maximino Maciel, Hemeterio dos Santos e João Ribeiro, até as *Paginas de Esthetica* deste ultimo, penetram as populações ribeirinhas do São Francisco.

É inacreditavel, diante disso, que essas mesmas gentes abandonem os seus mestres, os seus idolos queridos, para fundar literaturas sertanejas.

V

Mais algumas palavras para satisfazer ao ultimo quesito. O jornalismo é uma força, o grande instrumento de acção social nas sociedades modernas. Ora, de que uma força é mal empregada ou dirigida, não se póde nem se deve concluir que ella seja ruim.

Acontece isso, muitas vezes, com a imprensa. Mercantilisam-na, exploram-na os vendilhões do templo. Mas é necessario reconhecer os seus serviços prestados á literatura brasileira.

Quasi todos os nossos homens de lettras, os mais eminentes, os mais activos, passaram pelo jornalismo. Coelho Netto viveu e vive nelle, e d'ahi mesmo retira os seus romances e os seus contos finamente lavorados. O mesmo se pode dizer, mais ou menos, de muitos outros. Quem póde negar a influencia civilisadora do jornalismo nacional, conhecendo os grandes talentos

que ahi afiaram as suas armas e, por elle, exerceram tão poderosa acção na vida intellectual brasileira? Evaristo da Veiga, Patrocinio, Ruy Barbosa, Alcindo Guanabara, falando somente daquelles que rapidamente me occorrem, póde ser que tivessem feito alguns livros a mais, si não fôra a absorpção da imprensa. Duvido, porém, que houvessem sido mais uteis.

O trabalho diuturno e exigente do jornal conduziu esses e outros espiritos a acompanharem de perto a vida nacional. Batendo, insistindo, ensaiando, sondando o terreno e apalpando as idéas, fizeram o que não cabe fazer aos isolados, que escrevem pachorrentamente no conforto dos gabinetes domesticos. Sem a imprensa, o Brasil não seria o que é hoje, as nossas letras não poderiam ter chegado ao que são agora.

Não acredito, portanto, que o jornalismo seja inimigo da literatura, sobretudo si não se quizer circumscrever e limitar essa palavra ao dominío restricto de romances e poesias. Muitos romances, aliás, escreve um grande publicista nas paginas dispersas dos jornaes. E' a vida do paiz, em suas variadas faces, que elle ausculta todos os dias. Si o faz superiormente, com amor e a sêde ardente do progresso, muitos erros se lhe devem perdoar.

São agentes mais poderosos do nosso movimento literario do que os egoistas que, in-

sensiveis ao meio, de quando em quando se apresentam, vaidosos, de ponto em branco, com um livro na mão. Esses livros, algumas vezes, são tão uteis ao Brasil... como á China.

Assim respondo eu, sem suspeição, porque não sou jornalista.

FELIX PACHECO

O Sr. Felix Pacheco é, como toda a gente sabe, uma das figuras proeminentes do symbolismo. Em tempos que já lá vão, o bizarro poeta foi quasi o sacerdote magno de uma Igreja que tinha por Deus Cruz e Souza. Era a época da nevrose. Os literatos andavam pelos jardins dos delirios, surgiam diariamente revistas em que o nucleo nephelibata esgrimia tendo na dextra o cacete do desaforo mostrado com orgulho ao vacuo, e afivelado á sinistra, o broquel d'oiro da rima exotica.

O medievalismo, o intencionismo e outros males provenientes do preraphaelismo carcomiam a alma dos infantes poetas, e todos esses infantes, alguns dos quaes ainda nos preparatorios, eram de uma ignorancia religiosa e sesquipedal.

Um desses meninos vociferava de manhã á noite, na rua do Ouvidor, os quatro pontos cardeaes da poesia universal, os quatro grandes e assombrosos genios da rima.

Sabem quaes eram esses pontos cardeaes?

Homero, Dante, Shakespeare e Cruz e Souza! Tudo o mais cavalgaduras!

Foi nesse meio que appareceu o Sr. Felix Pacheco. Mas, emquanto os outros eram o cachoeirar de uma escura agua que pára, espuma e em espuma se perde, elle trazia nalma, além do branco lirio do sonho, figura da rhetorica symbolica, a capacidade de Vencer. A capacidade de Vencer é cousa relativa. Ha por este mundo muita gente empregando o verbo. O Sr. Felix Pacheco, entretanto, venceu como queria vencer, com a consideração, o applauso e o carinho dos que o circumdam.

Homem em taes condições devia ser fatalmente um orgulhoso. Juntem a isso a certeza de que o Sr. Felix Pacheco é redactor do *Jornal do Commercio*, profissão que tem a propriedade de desenvolver nos seus possuidores a hypertrophia da vaidade e uma altissima noção dos proprios meritos.

O Sr. Felix Pacheco guarda um certo orgulho, isto é, manifesta um certo egoismo numa larga e acertada cultura do seu Eu; mas longe de se solemnisar, como lhe ordenava a boa sorte acarinhadora, continúa *frondeur* e batalhador.

Logo depois deme mandar sentar numa das cadeiras do seu severo gabinete, o joven poeta põe os dedos nas cavas do collete, um collete lindo, e falla:

—Não acredito que a prosa e a poesia contem-

poraneas no Brasil atravessem um periodo estacionario, pois, tanto importa no absurdo de acreditar que no começo de seculo XX, em uma éra de vida intensa e num paiz que não é propriamente a Botoculandia, o pensamento parasse!

O estylo, a Botoculandia, o absurdo, annunciavam uma descarga, eram o esperado introito combativo. Approximei a cadeira.

—Então ha escolas?

—Escolas? Mas o meu amigo está doido!

Approximei ainda mais a cadeira.

—Pois haverá ainda quem acredite em escolas?

Recuei a cadeira. Hein? O chefe do symbolismo sem escolas? Deus louvado! afinal encontrava a franqueza, essa coísa tão rara que nem o proprio Diogenes se achou com coragem de a procurar!

O Sr. Felix Pacheco passou os dedos pela face escanhoada, limpou o *pince-nez*.

—O triumpho hoje é do individualismo. Isso de grupos literarios são verdadeiras lérias para embahir meninos. A unica escola que conheço no Brasil é a dos alhos com bugalhos.

—A dos alhos?

—Sim, quero dizer a Academia.

—Oh!

—Qual oh! meu caro! Essa escola nem sí-quer tem mobilia, soffre de um mal que não sei sí existe em medicina, mas que é positivamente a tuberculose dos recemnascidos.

—Nossa Senhora!

—Qual Nossa Senhora! Medeiros e Albuquerque, que é director da instrucção, faria uma obra de caridade sí olhasse um pouco para a pobresita. Porque com o Zé-Verissimo, positivamente a coísa não vae lá das pernas!

—Mas o Dr. José Verissimo...

—O homem é dos taes que não enchergam uma pollegada adeante do nariz. Dahi talvez seja preferivel : é o caso do « quanto peior, melhor ». Os immortaes já tiveram casa e franquia postal...

Interrompo o poeta de subito :

—Quaes foram os auctores que mais contribuiram para a sua formação literaria?

O Sr. Felix Pacheco pára ; um leve sorriso põe-lhe no labio o amargor da ironia. Que pensará elle? É lá possivel saber o que pensa um homem por mais que o interroguemos?

Entretanto, a sua voz rouca perde os tons de colera, e elle começa num ar de narrador, o ar que teria o eminente membro da Academia, Sr. Silva Ramos.

—Sí não fôra o receio de que me tomasse por vaidoso, dir-lhe-ia que só dous auctores concorreram para a minha formação literaria : o Amor, que é a razão de tudo, e o Tempo, que é o melhor mestre, o unico talvez capaz de ensinar como havemos de dizer o nosso segredo á vida.

Significa isso que evolui como deve fazer quem quer que traga na cabeça um sonho de arte.

Este pedacinho gracil e perfumado é breve como os oasis na terra do sól. O Sr. Felix volta para mim o seu olhar.

—Estou a vel-o explicar com ironia que fui militante e esforçado amigo de contendas e descomposturas, com a pretenção de quem vinha botar abaixo a Academia e salvar o mundo da grande praga dos *Signos*. Que quer?

No Rio as cousas são assim. Quem deseja vencer, deverá começar demolindo, porque, no fim de contas, só essa furia iconoclasta póde ter a virtude de arrombar a porta e facilitar a entrada. Fóra disso, o que resta é apenas a docilidade passiva, o respeito aos medalhões, a subserviencia miseravel e ignobil—elemento seguro e infallivel para a subida rapida.

Imaginem o atroz dilemma! — Devora ou és devorado.

O poeta continúa, entretanto.

—Não sei quaes os auctores que mais contribuiram para a minha formação literaria. Sei apenas que essa formação, ainda não ultimada, ha de proseguir como começou, isto é, num vôo livre, soberano, para a suprema belleza, que é tão inattingivel como o sol, mas que constitue, como elle, a explicação da vida, a luz, a gloria...

Parece um discurso. O Sr. Felix Pacheco,

porém, desce dos páramos onde voava e, mais razoavel e humano, acaba concordando com algumas influencias menos elevadas.

—Recordo-me, entretanto, de alguns poetas que foram ou são de meu agrado e com os quaes talvez tivesse tido, em épocas successivas, e ainda hoje tenha, a illusão de haver encontrado longínquas affinidades.

—É quasi pol-os á margem. E quaes foram?

—Fagundes Varella, o meu predilecto em criança; Lamartine, Hugo, Richepin, Luiz Delfino, companheiros das noites de vigilia do internato, e finalmente Baudelaire, Rimbaud, Regnier, Quental, Francisca Julia, Cruz e Souza, C. D. Fernandes.

—Ora esta!

—Para desencargo de consciencia devo accrescentar que, a despeito de minha boa vontade, ainda não consegui ler nem Gonçalves Dias nem Machado de Assis...

—Qual prefere das suas obras literarias?

Sinto que esta pergunta enternece o poeta.

A sua voz avelluda-se, e, enleiado numa suave modestia, elle diz devagar :

—É boa... Das minhas obras?

Mas esta phrase é o preludio de uma *berceuse* que começa pianissimo, tem de vez em quando accordes violentos, e cujo desenho é o arabesco subtil da consciencia censurando por *chic* coísas que ella, a consciencia, acha razoaveis, boas

ou talvez, quem sabe? para a idade, mesmo muito boas...

—Ainda não tenho obras. Espero ter. Por ora nada do que escrevi merece tão pomposa denominação. Obra é o que fica. Na minha bagagem ha por emquanto meros ensaios. Estreei com um folheto ruim, em prosa detestavel e verso peior, as *Chicotadas*, que escrevi por occasião da morte de Canovas. É um mixtiforio de collegial apressado...

Ahi o primeiro forte na orchestra :

—Talvez um pouco no genero das *Vergastas* do meu cordial inimigo, o Dr. Lucio de Mendonça, que aliás nunca tive a fortuna de ler, ao contrario do que acontece com as *Harmonias Errantes* do Dr. Francisco de Castro, amigo e quasi parente de um conhecido homonymo de um illustre ministro do Supremo Tribunal...

E a *berceuse* recomeça :

—Fiz depois *O Publicista da Regencia*, trabalho de jornal, com dia certo para ser publicado. Releio ás vezes o volume e, palavra de honra! não desisto de tirar-lhe algumas infantilidades, retocal-o, amplial-o e fazer delle uma Obra, quando mais não seja, em homenagem aos reparos e á sarabanda tremendissima de um certo jornalista meu amigo, que viera das mesas do café Paris e irrompera desabusado pela *Cidade do Rio*, numa fulgurante promessa de altos vôos...

Outro vôo!

—Traduzi as homilias de piedade, de Bossuet; atamanquei uma versão da *Verdade*, de Zola; escrevi o *Periplo de Hannon* para a edição especial que o *Jornal* deu no dia do Centenario. Mas tudo isso precisa de largas emendas e correcções... Em 1901 publiquei *Via Crucis*, que não é positivamente uma obra.

O meu romantismo ficára na collecção do *Debate*, sepultado juntamente com um amor que era feito de mel rosado e borboletas. A critica applaudiu o volume, mas, em meio desse côro de bençãos, houve um berro que me desconcertou um pouco. Com uma ingenuidade de Calino meditei na razão do necrologio e vi que o homem não deixava de ter razão : o contrapeso do assobio é necessario para que as palmas não embriaguem...

O facto é que *Via Crucis* não era sem falha, e tanto assim que depois de publicado ainda emendei muita coisa, como terá occasião de vêr na edição definitiva.

Dei finalmente o *Mors-Amor*, que é de hontem e a respeito do qual julgo desnecessaria qualquer referencia... A pagina melhor de *Via Crucis* é o *Symbolo dos Symbolos;* em *Mors-Amor* o que mais me agrada é a *Canção do Louco*.

Tenho dous livros de prosa que ainda não sei quando virão a lume, mas que se acham

promptos; *Robles* e *Cogumellos* (figuras contemporaneas) e *Cartas de Amor* (prosa passional).

A *berceuse* terminára. Iamos recomeçar as coísas graves.

—Não lhe pergunto o que acha do jornalismo.

—O jornalismo, como o praticam hoje na Europa e um pouco por toda a parte, é uma grande escola. A elle devo tudo o que sou e tudo o que aprendi. Dirão que entre nós ainda paga muito mal, mas é bom não esquecer que estamos num paiz de analphabetos, onde a circulação das grandes folhas é verdadeiramente irrisoria. Toda a melhor literatura brasileira dos ultimos trinta e cinco annos fez escala pela imprensa. Uma ou outra excepção servirá apenas para confirmar a regra. Raros são os homens que não maldizem a propria profissão. Eu não penso assim...

—O jornalismo é um vehiculo de Suggestões, como me disse o mago Shondall. Acha que seja o vehiculo para a formação de literaturas estadoaes, para a poesia scientifica, para o romance social?

O Sr. Felix Pacheco riu.

—Não creio que no Brasil o romance social dê coísa melhor que o *Chanaan*, obra estupenda e gloriosa. Ignoro o que significa poesia de acção. Deve ser muito complicada, mais complicada e obstrusa que a musa scientifica do

Sr. Martins Junior ou do que as *Rezas do Diabo* do Sr. Wenceslão de Queiroz.

Sei que houve uma Mina no Pará, como sei que ha varias minas por este Brasil afóra; sei tambem que houve uma Padaria no Ceará, cousa naturalissima onde quer que chegue um pouco de farinha de trigo; mas nenhuma dessas, ao que me conste, deu indicio de creação de literatura á parte. Na Bahia ha escriptores de merito; em São Paulo e Paraná tambem. É possivel que o tempo e o meio estabeleçam differenciações, mas a verdade é que estas ainda não appareceram.

E o Sr. Felix Pacheco levantou-se. Estava muito bem disposto. Eu tambem. E talvez, quem sabe? aquelles a quem zurzira...

SILVA RAMOS

Silva Ramos é modesto e delicado, quasi tão modesto quanto delicado. Conversa como sí estivesse no salão de Mme Geoffrin, em pleno XVIII seculo¡ usa um bigode branco que lembra o de Edmond Goncourt e a sua vóz guarda um sonoro sotaque alfacinha. Como é possivel que esse homem, sendo professor, tendo concorrido para a plethóra de bachareis, conserve a inalteravel distincção e a aristocratica affabilidade? Não ha no mundo coísa que mais enerve do que ensinar meninos, e estou em acreditar Silva Ramos capaz de resistir a tão exhaustiva existencia pelo seu rico temperamento lyrico.

Silva Ramos é talvez entre nós o ultimo dos romanticos, com todo o seu encanto, o seu imprevisto e o filagranado subtil de ironia e amor que fez Theophile e fez Musset. A sua arte póde definil-a um periodo de Jules Laforgue :

— Faire partir l'esthétique de l'amour.

A sua modestia como a sua delicadeza são indefiniveis.

E delle esta encantadora carta de tão fino sabor literario, que acaba a gente até por admirar a Academia de Lettras:

« Não lhe parece, meu amigo, que um poeta lyrico, como eu, poderia bem escusar-se de responder a um interrogatorio da natureza do seu, muito interessante, embora?

Embaraço-me logo na primeira pergunta: « Para sua formação literaria quaes os auctores que mais contribuiram? »

Na formação de um poeta lyrico, que eu saiba, influe exclusivamente um unico auctor: o Auctor da creação, que fez o céo, o mar, os bosques, os rios, semeou no ether as estrellas, pôz o perfume nas flores, deu ás aves o canto, coloriu de tons roseos a aurora, derramou a plenas mãos o oiro fulvo dos poentes, tudo isto illuminado pelo olhar da mulher, ente singular em quem se resumem todos os encantos, em cujo seio se engendra o amor, com todos os refinamentos imaginados pelas filhas de Eva, desde Maria Magdalena até Santa Thereza de Jesus.

Quando ainda não tinha vinte annos, adoptei por epigraphe de um livro de versos aquillo de Musset:

Je n'ai jamais chanté ni la paix ni la guerre.
Si mon siècle se trompe, il ne m'importe guère.

. . . . . .

L'amour est tout;
Aimer est le grand point.

Cahiram-me os criticos em cima, vaticinando-me que nunca seria nada, porque não possuia a comprehensão dos grandes problemas em cuja solução a humanidade se debate. De facto, nunca fui nada, mas, como não acabo de me convencer que a minha insignificancia tenha sido motivada por aquella falha que os criticos me assoalharam, já agora não hei de largar o estribilho:

L'amour est tout;
Aimer est le grand point.

A segunda interrogação já ficou implicitamente respondida: do Auctor da creação a melhor obra é a mulher.

A' terceira apenas me permitto affirmar que no quartel-general das lettras, mais conhecido pelo nome de Academia Brasileira, nada consta officialmente sobre refregas ou simples escaramuças travadas entre escolas literarias, de modo a perturbarem o doce somno a que se julgam com direito em toda a parte do mundo as instituições desta natureza. Demais, brigas de literatos poderá havel-as, lutas de escolas é que não; por muitissimas razões, das quaes apontarei apenas a primeira: é que no Brasil não ha escolas.

Si polemicas houvesse, é claro que a razão estaria com certeza da parte dos que pensam como eu, e que seriam elles os vencedores;

porque muito ha que eu estou convencido desta verdade profundissima, que constitue o principio fundamental da critica entre nós : os nossos amigos são uns genios, os outros são todos uns alarves.

Para satisfazer ao quarto quesito, direi que, não existindo, de modo nenhum, no Brasil, pelas condições inherentes á sua natureza, o que se chama uma literatura, o perigo de literaturas provinciaes, com tendencias emancipadoras e absorventes, só se póde desenhar no horizonte como visão de cerebros doentes.

Por ultimo : « O jornalismo, especialmente no Brasil, é um factor bom ou máo para a arte literaria ? »

Distingo : Para a arte literaria é máo, para o literato é bom. Para a literatura é um factor máo, porque a feição essencialmente mercantil das folhas diarias, revelada nas pequeninas preoccupações de *furos*, curiosidades de senhoras visinhas, folhetins de sensação, ao paladar das creadas de servir, é absolutamente incompativel com a idealisação da arte pura, no sublime desinteresse com que se ala aos mundos superiores, toda ella desprendida das miserias terrenas. Para o literato é um optimo factor, porque, facultando-lhe um emprego de reporter ou de noticiarista, quando mais não seja, colloca-o ao abrigo das primeiras necessidades, tornando, para sempre, impossivel a reprodu-

cção do quadro lendario : o poeta morrendo de fome... »

Já é uma utilidade descoberta com tão fino *humour* por Silva Ramos, principalmente quando os jornalistas mesmo não sendo poetas esperam a todo o instante fazer o quadro vivo :—o jornalista morrendo de fome aos pés do publico...

GARCIA REDONDO

O auctor das *Caricias* e da *Botanica Amorosa* é dos que primeiro respondem á minha carta. Em S. Paulo, redigindo a *Folha Nova*, professor, cheio de affazeres, Garcia Redondo manda-me esta curiosa resposta em 8 de março:

—*Para sua formação literaria quaes os auctores que mais contribuiram?*

Resposta.—Esta pergunta offerece-me pretexto e opportunidade para uma confissão que eu ha muito desejava fazer. A minha formação literaria tem o seu alpha na leitura do *Almanach de Lembranças*, isto em 1867. Nesse tempo cultivavam-se com enthusiasmo a charada, o logogrypho e o enigma, e esse genero de diversão, que o *Almanach* vulgarisou e poz em moda em Portugal e no Brasil, attrahiu-me e instruiu-me. Para obter decifrações com relativa facilidade, foi-me preciso estudar a historia, a geographia, a fabula, as sciencias naturaes e a lingua vernacula. Conquistei com esse estudo uma grande cópia de conhecimentos que outros, na minha

idade, não tinham. Era, nesse tempo, estudante em Coimbra e companheiro de casa de Gonçalves Crespo e de João Penha. A nossa « republica », installada na casa das velhas Seixas, á rua da Couraça de Lisboa, era frequentada pela *élite* intellectual de Coimbra. Entre outros, iam alli diariamente Guerra Junqueiro, ainda imberbe e aspirante a homem de lettras; Candido de Figueiredo, poeta então e hoje philologo; Frederico Laranjo, prosador de pulso; Simões Dias, poeta lyrico dos melhores que Portugal tem tido; Caetano Filgueiras, brasileiro e poeta; João e Manuel de Campos Carvalho, mineiros e excellentes prosadores; Macedo Papança (hoje conde de Monsaraz), já poeta e muito democrata então; Silva Ramos, auctor dos *Adejos*; Sergio de Castro, prosador e poeta; e outros que prestavam culto a João Penha. Eu era menino de 13 annos e assistia cheio de curiosidade ás discussões que se travavam no quarto de Penha ou de Crespo, por entre a fumarada dos cigarros, sobre escolas literarias ou sobre livros recem-publicados. De outiva, ia aprendendo muita cousa e ganhava gosto pelas letras. A *Folha*, a famosa *Folha* de João Penha, surgiu por essa época, e a leitura desse hebdomadario literario despertou-me o desejo de compôr e de escrever. Fiz os meus primeiros versos que João Penha e Crespo corrigiram e, logo depois, tive a coragem de fundar com Silva Ramos, Bittencourt

Rodrigues, Macedo Papança e Sergio de Castro um periodico literario—*O Peregrino*—que sahia quinzenalmente. Esse *peregrino* audaz sahia pela mesma porta que atirava á grande circulação a appetecida *Folha* de João Penha! Para fazer o periodico, para ter idéas e dar-lhes fórma amena, senti a necessidade de lêr poetas e prosadores. Comecei pelos portuguezes e passei logo depois aos francezes, lendo-os em versões e no original. Ramalho e Eça acabavam de publicar no *Diario de Noticias*, com grande successo, o celebre *Mysterio da Estrada de Cintra* e encetavam a publicação das *Farpas* em pequenos fasciculos. Urbano Loureiro mantinha no Porto uma revista satyrica e humoristica—*Os gafanhotos*, cuja feição me agradava. A prosa tersa destes homens e a poesia de João Penha, Crespo e Simões Dias faziam as minhas delicias. Gonçalves Crespo ainda não tinha publicado as *Miniaturas*, mas exhibia-se na *Folha*, onde os seus versos eram lidos com applausos geraes. Era, nesse tempo, nosso consul em Lisboa o barão de Santo Angelo (Manuel de Araujo Porto Alegre) que, ao receber *O Peregrino*, me enviou as primeiras palavras de animação que tive na minha vida literaria e que me aconselhou a que lêsse poetas e prosadores brasileiros, citando os que eu devia ler de preferencia.

Li os que consegui obter : Gonçalves Dias,

Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e os sermões de Mont'Alverne.

Parallelamente, ia lendo os classicos portuguezes e francezes. A leitura desses livros despertou-me o desejo de lêr outros a que elles se referiam. Antonio de Castilho, o auctor dos *Ciumes do Bardo*, iniciava a publicação das suas traducções de Molière, e a leitura dessas versões levou-me a ler Molière no original para o cotejar com as traducções. Li assim a obra inteira do grande auctor-actor e em seguida conheci a do *bonhomme* Lafontaine, a de Boileau e a de Scarron. No meu espirito já se manifestavam predilecções, e o gosto pela fórma apurada pronunciava-se. Percebi que precisava methodisar a leitura e estabeleci um plano. Comecei pelos poetas e prosadores hespanhóes e notei que os que mais funda impressão deixavam no meu espirito eram Cervantes, Bartrina, Castellar e Campoamor. Passei depois aos italianos e a minha predilecção manifestou-se por Dante e De Amicis. Dos inglezes foram Shakespeare, Dickens, Byron, Schelley, Carlota Brouté e Georges Elliot; dos allemães, Heine e Gœthe; dos norte americanos, Longfellow e Edgard Poë. O auctor do *Corvo* encantou-me e assombrou-me. Lendo-o, senti o desejo irresistivel de escrever no genero das suas *Historias extraordinarias*. Fiz o meu primeiro conto nesse genero quando tinha 15 annos e ainda conservo

esse trabalho mediocre, que nunca publiquei. Foi nessa idade que li com avidez e já preparado para sentir e julgar os então modernos escriptores francezes. Li Victor Hugo, Lamartine, os Dumas, pai e filho, Alfred de Musset, Verlaine, Baudelaire, Theophile Gautier, Guy de Maupassant e outros. Daudet apparecia. Li-o, mas não me impressionou como Hugo, Gautier e Maupassant. Hugo era para mim assombroso, extraordinario, e magnetisava-me pela grandeza das suas concepções e o imprevisto dos seus conceitos. Amava-o mais na prosa do que no verso. Theophile Gautier, o divino *Theo*, empolgava-me principalmente pelo estylo; Maupassant seduzia-me pela escola, que era nova, e pelo talento descriptivo, em que já se approximava de Gautier e de Hugo.

Não contando os classicos portuguezes que li, eis a minha bagagem literaria daquelle tempo.

Só mais tarde, quando regressei ao Brasil em 1871, foi que conheci a obra literaria de Macedo, Alencar, Castro Alves, Varella e Machado de Assis, que ainda não era o mestre consagrado que hoje é.

O meu espirito, já então disciplinado, começava a produzir methodicamente.

. . . . . .

Não quero fazer uma auto-biographia, mas posso agora, resumindo, dizer que os escriptores que mais influencia exerceram na minha for-

mação literaria foram : Gonçalves Crespo, João Penha, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Alencar, Edgard Poë, Henri Heine, Theophile Gautier, Guy de Maupassant, Victor Hugo, Bartrina, Byron, Schelley e De Amicis.

Destes, os que tiveram uma influencia decisiva foram Crespo, Penha, Ramalho e Eça, Heine, Dickens, Gautier, Edgard Poë e Maupassant.

De todos, o que mais influencia exerceu foi Gonçalves Crespo.

Eis ahi porque o quiz para patrono da minha cadeira na Academia Brasileira.

A confissão está feita.

Das suas obras qual a que prefere?

RESPOSTA—*Caricias.*

—*Especificando mais ainda; quaes dentre os seus trabalhos, as scenas ou capitulos, quaes os contos, quaes as poesias que prefere?*

RESPOSTA—*Viagens pelo paiz da ternura* (*das Caricias*); o conto *O Caso do abbade* e os *Poemas da juventude* (da *Choupana das Rosas*).

—*Lembrando separadamente a prosa e a poesia contemporaneas parece-lhe que no momento actual, no Brasil, atravessamos um periodo estacionario, ha novas escolas (romance social, poesia de acção, etc,). ou ha a luta entre antigas e modernas? Neste ultimo caso, quaes são ellas? Quaes os escriptores contemporaneos que as representam? Qual a que julga destinada a predominar?*

Resposta—Não, o Brasil não atravessa actualmente um periodo estacionario. Tambem não ha luta entre as antigas e modernas escolas. Ha, sim, certa tendencia ainda vaga para a formação de novas escolas que no romance se revela em *Chanaan* e na poesia nos versos de Francisca Julia e Emilio de Menezes. Penso, porém, que essa tendencia não passará jámais de uma aspiração.

—*O desenvolvimento dos centros literarios dos Estados tenderá a crear literaturas a parte?*

Resposta—Não me parece. O velho Portugal ainda sobre nós exerce tal influencia literaria que não conseguimos crear uma literatura essencialmente nossa, a despeito de quasi um seculo de emançipação politica. A Capital Federal está para os Estados como Portugal para o Brasil. Della é que ha de irradiar sempre a influencia literaria para os Estados, por mais autonomos que estes sejam, politicamente falando. Quando muito, poderemos vir a ter uma literatura do norte e outra do sul, algo distinctas, mas com eternos laços de affinidade.

—*O jornalismo, especialmente no Brasil, é um factor bom ou máo para a arte literaria?*

Resposta—É um factor excellente. É elle que estimula o cultivo das letras, dando azo a que os novos surjam e exercitem as suas primeiras armas. Sem o jornal, que é um fanal, a

arte estaria ás escuras. É geralmente pelo jornal que o homem de letras começa; é ainda o jornal que lhe dá, maximé entre nós, as primeiras animações; é, finalmente, o jornal que consagra o escriptor quando o neophyto se transforma num triumphador. »

FROTA PESSÔA

O Sr. Frota Pessoa escreve-me a seguinte carta, onde se vê o seu pouco desejo de entrar para a Academia:

« Meu caro João do Rio.—Respondo aos tres ultimos quesitos do seu inquerito. Por julgal-os de pouco interesse, deixo de attender aos que se referem á minha formação literaria e á preferencia que dou aos meus trabalhos literarios.

—*Lembrando separadamente a prosa e a poesia contemporaneas, parece-lhe que no momento actual, no Brasil, atravessamos um periodo estacionario, ha novas escolas (romance social, poesia de acção, etc.), ou ha a luta entre antigas e modernas?*

Neste ultimo caso, quaes são ellas? Quaes os escriptores contemporaneos que as representam? Qual a que julga destinada a predominar?

O meu amigo ha de me permittir umas linhas de estylo demagogico. Bem sei o horror

que tem ás affirmações definitivas e violentas ; mas de outra forma não lhe poderei dar inteiro o meu pensamento.

Salvo melhor juizo, cuido que o Brasil contemporaneo não admitte o largo embate de idéas desinteressadas, no dominio da arte, porque todo elle está chafurdado em um vastissimo pantano. Todos os sonhos e ideaes jazem sepultados nos espiritos dos mais fecundos esthetas. Não se nota um signo de renovação na atmosphera do sentimento.

Pereceu nas almas a fé, e com a fé o enthusiasmo.

Compare a estagnação deste decennio com a febre do decennio anterior.

As causas? É que as instituições sociaes que regulam a nossa existencia entraram em decomposição.

As consciencias melhores andam afogadas nas miserias que as assoberbam. Isto é um naufragio.

Os caracteres oscillam : vacilla o concepto da moral dominante.

Accentua-se um desequilibrio formidavel entre as ambições e os processos de conquista. Nenhum pudor, nenhum respeito pelas antigas fórmas de virtude. Os governos prevaricam, blindados por uma inconsciencia invulneravel ; os congressos, impessoaes, realisando, como em tempo algum, os typos collectivos de ajuntamentos illi-

citos, curvam-se ao poder executivo com o incondicionalismo de escravos; os tribunaes se desvairam, attonitos, a formar jurisprudencias contradictorias sobre casos concretos imprevistos. E nenhuma preoccupação hypocrita de salvar apparencias.

Depois, ainda ha uma decisiva aggravante: é a ignorancia popular, fomentada e cultivada pelos poderes publicos. Com a monarchia o mal não era tão grande. Num regimen em que a graça de Deus inspira governantes e governados, a ignorancia é quasi um bem. Mas em um regimen democratico, tão fatal é ao organismo social o analphabetismo das massas como ao organismo animal a privação de alimento. Quem disse essas coísas de um modo admiravel foi o meu illustrado amigo Dr. Manuel Bomfim, em um discurso que pronunciou o anno passado perante o Sr. presidente da Republica e o Sr. Prefeito do Districto Federal.

Não cito uns trechos caracteristicos, para não alongar de mais este arrazoado; mas leia o meu amigo as paginas 10, 11 e 12 do opusculo *O progresso pela instrucção*, que tal é o titulo sob que se acha publicado esse monumental documento de critica social, obra ao mesmo tempo de artista e de philosopho.

Não! As escolas não se batem, meu caro. Nem ha escolas. Ha apenas poetas que vão tristemente produzindo livros tristes, pela lei do habito.

Temos romanticos, naturalistas, nephelibatas, lyricos, parnasianos, symbolistas, mas quasi tudo francelho, com aquellas magras excepções que, no dizer dos grammaticos, vêm confirmar a regra. O que não temos é naturalismo, parnasianismo, symbolismo, etc.

E temos a Academia Brasileira de Lettras—um mytho evocativo da Academia dos Selectos, ao qual o Sr. Seabra acaba de insuflar um pouco de realidade, fornecendo-lhe aposento, luz e creado, á custa da nação, para que, ante os seus pares attonitos, o Sr. Lucio de Mendonça reviva e perpetue a immortal querella com o Sr. G. Redondo sobre a nacionalidade de Gonçalves Crespo. Mas a propria Academia de Lettras, considere o meu douto amigo, nunca passou—tal a melancolia destes tempos—de uma sociedade funeraria, com o exclusivo escôpo de prantear os defuntos immortaes e de receber novos immortaes candidatos á vida eterna. Nella se entra pura e simplesmente para adquirir direito a uma morte carpida entre phrases retumbantes e descompassados encomios. Nunca, jámais, nenhum immortal, alli penetrando, fez, no seu caracter de immortal, outra coísa que não partir para a bemavanturança. E como o meu arguto amigo, com a sua incomparavel perspicacia, deve ter ponderado, de si para si, isto é macabro.

E nestas condições, dado este meio, como haver

actividade, emulação, justas renhidas entre estheticas rivaes; como—escolas modernas lutando pela supremacia; como—escriptores representativos; como—predominio de canones literarios?

—*O desenvolvimento dos centros literarios dos Estados tenderá a crear literaturas á parte?*

A literatura dos Estados é um reflexo da literatura desta capital. A's fulgurações e aos desfallecimentos desta correspondem fogachos e deliquios naquella. As fórmas predilectas da arte literaria, aqui, são immediatamente acceitas pelos provincianos, da mesma fórma que nós acceitamos e assimilamos, sem coísa alguma innovar, tudo quanto nos vem do estrangeiro.

Mas essas agremiações não deixam de ser interessantes a até certo ponto se justificam. No meio provinciano fallece de todo o estimulo a qualquer producção de arte. Os jornaes que ahi se publicam vivem açodados em salvar a Patria : uns, defendendo os actos, de maravilhosa honestitade, do governador ou presidente; outros, dia a dia apontando e verberando as incontaveis infamias e tranquibernias que esse mesmo cidadão pratica.

Não ha como se celebrisar um genio, fulgindo nessas columnas febris, consagradas a fins mais

altos que acolher lucubrações literarias. Depois, o poeta que é amanuense do governo não tem guarida no jornal da opposição e o contista que frequenta os salões e namora a filha do chefe politico em opposição nunca achará agasalho na folha official. A publicação de livros é um martyrio : o preço da edição—exorbitante, e ninguem quer ou sabe lel-os, quanto mais compral-os.

É assim que os rapazes que se preoccupam em fazer versos, phantasias e contos—que é quasi a que se reduz essa literatura provinciana—só encontram um certo desafogo nos agrupamentos neutraes.

Reunem-se, lêem as suas produccões, applaudem e são applaudidos; ás vezes, fundam uma pequena revista... E tudo obrigado a presidente, thesoureiro e secretarios. Esses centros trazem uma vantagem : desenvolvem umas vocações mais bem dotadas e as preparam para vôos mais largos.

E trazem um inconveniente : o orgulho de alguns plumitivos exacerba-se e torna-se feroz.

A' força de crear em torno de si uma certa legenda de talento, um ou outro desses agremiados cresce para dentro de si de uma fórma alarmante. E então não ha expressões encomiasticas que, em breve, lhe não pareça sem sabor. Mas, em verdade, desses ha raros. A maioria é modesta e pouco a pouco succumbe asphyxiada. Talentos brilhantes conheci que para sempre

desapparaceram. O meio provinciano é uma campanula de bronze.

Mas, apezar de tudo, o mais humilde desses centros tem uma decisiva superioridade sobre a Academia Brasileira de Lettras, associação aqui fundada em 1896 e que o meu amigo, que é lido e curioso, deve conhecer pelos funebres arruidos que produz de onde em onde. Superioridade : porque são sinceros e liberaes, porque são determinados por um justo sentimento de defesa e uma ancia activa de progresso, e ainda porque são ingenuos, compostos, na sua maioria, de rapazelhos que têm uma visão estreita, uma comprehensão provinciana e uma cultura imperfeita. Até aqui elles pouco têm influido, ou quasi nada, de um modo directo, na literatura, quanto mais ao ponto de crear literaturas á parte. Mas acaso a Academia, nos seus nove annos de existencia (*existencia* é uma metaphora), acaso a Academia, viveiro de aguias, nos seus nove annos de *existencia*, tem revelado um pendor, mesmo ligeiro, para a formação de uma literatura nacional dos escombros das tentativas anteriores?

Não! Nove annos de inercia ante o aguilhão dos sarcasmos e nem um movimento para qualquer obra util e fecunda. Ou a Academia matou esses quarenta immortaes, ou esses quarenta immortaes mataram a Academia.

Mas, além das causas geraes indicadas no

3º capitulo e das que aqui vão compendiadas, a literatura dos Estados soffre outros males que a suffocam. Nessas deploraveis circumscripções geographicas não ha governos, ha feitores quasi analphabetos, que exercem o seu dominio com furia e sanha. Uma rêde de extorsões, de violencias, de peculatos descarados, de concussões voracissimas, envolve todas as actividades, colhe os fructos de todos os esforços individuaes, no proveito dos usofructuarios privilegiados.

Justamente os intellectuaes são os que menos se sujeitam ao vexatorio regimen de descabellada oppressão que ahi se exerce sobre todas as autonomias; e, ou ficam privados de elementos vitaes para exercer a sua funcção, ou fogem ao meio irrespiravel. Por aqui já se vê : de uma parte, a melancolia que se derrama por essas regiões é incompativel com o subjectivismo das creações de arte; de outra, os cultores da litteratura se retrahem, ou buscam paragens onde o sentimento se possa expandir com uma certa liberdade.

E não é tudo : a instrucção popular é, pouco mais ou menos, o que é na Russia. Setenta e cinco ou oitenta por cento dos individuos são analphabetos. Os cargos do magisterio são privativos dos filhotes politicos dos pequenos chefes locaes. Distribuem-se os logares de professores como os de escripturarios de cartorio. Um pro-

fessor adverso aos governantes é um inimigo publico. Querem-se cabos de eleição e não mestres de ensino.

Nem se faz questão de que haja uma instrucção publica, sinão de que exista um quadro de empregados, para premio dos apaniguados.

Esta é a situação geral, si, no emtanto, exceptuarmos tres ou quatro Estados, que escapam, aqui e alli, a umas ou outras dessas arguições.

Desconfio bem que, não obstante a numerosa dialectica que venho empregando, não respondi ao esfuracante quesito sobre os centros literarios. Porque o que o meu delicioso amigo quer de mim é que lhe prognostique si o desenvolvimento de taes centros *tenderá* a crear literaturas á parte... Os seculos são, por sua natureza, longos, e o meu dom divinatorio curto. Eu sou um oraculo timido e prudente. Zélo a minha reputação : que dirão os meus tetranetos remotos, si no seculo XXX me encontrarem em falta, tendo feito erroneas previsões ? Comtudo, posso arriscar-me ao seguinte : com o Brasil de hoje, não creio; com uma nova Patria, expurgada, regenerada e redimida, é possivel. Porque o meu caro inquisidor bem sabe que tudo é possivel. É possivel que o Sr. padre Severiano venha a ser canonisado. É possivel que o mo-desto rabiscador destas singelas propheciase sentenças ainda seja um dos luminares da Academia de Lettras.

—*O jornalismo, especialmente no Brasil, é um factor bom, ou máo, para a literatura?*

E, meu doce amigo, quanto ao jornalismo... *Difficilem rem postulasti...*

Não faça caso do latim e attenda. Tenho para mim que, em geral, as instituições, as collectividades, têm uma moral inferior á dos individuos que as compõem ou representam. Considere o Estado, que é a instituição typo. Conhece acaso entidade mais despotica, mais absorvente, mais cruel e mais nociva? Elle paralysa a iniciativa pessoal; concentra em si, em detrimento da liberdade individual, uma formidavel somma de poderes discrecionarios; estimula, com a arbitraria legislação que institue e com o apparelho compressor de que se cerca, os crimes e as infracções; sacrifica ao bem estar de um pequeno grupo de seres improductivos todo o enorme esforço das populações laboriosas.

Considere as subdivisões dessa complicada machina de oppressão: os congressos, os tribunaes, os jurys, os exercitos... Todos os males que desabam sobre as nações vêm dos actos soberanos dessas e outras corporações. Considere ainda as instituições que se fundam pelo livre concurso dos individuos: os clubs, os syndicatos, os trusts, as associações de qualquer genero, inclusive as de *intenções pias*, inclusive a ACADEMIA BRASILEIRA DE LETTRAS, que

nunca abrigou no seu venerando e infecundo seio intenção alguma. E verá que se reflectem, dessas pessoas collectivas sobre as singulares, mais maleficíos do que beneficios.

Mesmo as de intenções pias, disse : porque ellas nada mais representam do que a hypocrisia com que as classes privilegiadas pretendem mascarar o seu monstruoso egoismo e, portanto, concorrem para manter no mundo as seculares injustiças que o envergonham.

Mesmo a Academia de Lettras, disse tambem : porque é uma mentira mumificada, uma aristocracia decadente e vadia, para embasbacar papalvos e formar snobs. E toda mentira deve ser combatida e repudiada, porque toda mentira é uma adulteração fraudulenta da Natureza e um refalsamento indigno do espirito humano.

E essas instituições não evoluem das suas fórmas essenciaes.

Os congressos têm o mesmo cordato servilismo que fazia o Senado Romano dar o titulo de consul ao cavallo de Caligula. Os jurys são incompetentes ou venaes : ou absolvem por cupidez, ou condemnam por preconceito e ignorancia. Os exercitos professam os mesmos principios de gloria assassina e sanguinaria, e trazem aos povos os mesmos flagellos que as hordas primitivas de mercenarios, apenas sem as francas attitudes e os ingenuos gestos de brutal ferocidade. Elles massacram, como

outr'ora, os individuos validos, e sacrificam, dess'arte, os milhões de frageis seres que do seu amparo viviam; e, como conjuração aos clamores e ás maldições das victimas innocentes, fabricam-se codigos de *humanitarismo* e crêa-se toda uma repulsiva moral patriotica, que galvanisa o coração da bruta massa de carrascos inconscientes que compõem as suas fileiras.

Ora, o jornalismo é hoje uma instituição collectiva, anonyma e quasi irresponsavel, por quasi omnipotente; participa, pois, dos vicios das collectividades. Estes se attenuam quando o jornal é a tribuna activa, de onde um determinado espirito, que traz convicções e idéas proprias, se dirige ás massas para esclarecel-as, conduzil-as e educal-as.

É o caso de Ferreira de Araujo e de José do Patrocinio.

Mas, na sua feição mais commum, o jornal moderno é uma instituição que decahe.

No emtanto, eu não pretendo, nem desejo, aquí, vociferar contra o jornal, onde nos fizemos, que nos deu os primeiros ardores para o combate da vida, os primeiros enthusiasmos e illusões de renome e as ultimas emoções, realmente sinceras, da publicidade. Sou grato ao jornal, amo o jornal, com esse amor irreflectido dos verdadeiros amantes. E nem por isso—não se sobresalte o meu preclaro amigo—nem por isso constatarei nestas linhas simples que

elle é um vehiculo de idéas, ou uma alavanca do progresso.

O jornal é o que não póde deixar de ser: funcção do progresso e delle servidor.

—Mas particularmente para a arte literaria, argúe-me o seu quesito derradeiro, é um factor bom, ou máo? Com as inevitaveis restricções que decorrem de quanto fica dito, cuido que o jornalismo presta á arte literaria—e isto é intuitivo—todos os serviços de propaganda e diffusão rapida, que ella requer para se desenvolver. E sobretudo em um meio como o nosso, em que a industria editora é tão arisca e mofina, elle é um estimulante efficaz á actividade intellectual dos neophytos de valor. Estas são as suas innegaveis utilidades, no que se refere á literatura.

Entre as suas influencias nocivas póde esta ser de prompto lembrada: facilita uma literatura de fancaria, que embota e corrompe o gostoartistico dos leitores e determina a decadencia dos escriptores que a executam (e temos exemplos contemporaneos memoraveis), quer instigados pela necessidade de viver, quer induzidos por uma ancia vã de reclamos e gloriolas.

Terei correspondido aos intuitos do magnifico espirito que me honrou com a sua consulta? Estou que sim, tanto quanto isto é possivel a um homem que se acostumou a dizer todas as extravagancias que pensa—um pessimo costume... »

OSORIO DUQUE ESTRADA

O Sr. Osorio Duque Estrada é professor, jornalista, poeta, *conteur* e, de vez em quando, critico de arte. Ha tempos, em campanha de eleição academica, foi o nome do Sr. Osorio Duque Estrada muito falado. Alto, louro, forte, no auge das ambições, o Sr. Osorio escreve-me uma carta rapida e cortante.

Antes, porém, quando o mesmo escriptor disputava uma cadeira na Academia, mandaram-me graciosamente esta nota para um diccionario, que não pretendo fazer:

« Osorio Duque Estrada, nascido em Vassouras, Estado do Rio (1870), bacharel em letras pelo ex-collegio. Pedro II; foi secretario de legação e encarregado de negocios no Paraguay (1891 a 1892); foi inspector geral do ensino no Estado do Rio, por concurso, tendo tambem exercido alli os cargos de membro do Conselho Superior da Instrucção e de lente de francez do Gymnasio Fluminense.

É actualmente lente de historia geral e do Brasil do Gymnasio Nacional.

Tem publicado : *Alveolos* (poesias) 1886, *Zaida* (poemeto) 1894, *O Phonographo indiscreto* (comedia), *A aristocracia do espirito*, *Cartas do Paraguay*, *A questão do divorcio*, *Grammatica portugueza*, *Questões de portuguez*, *Flora de maio* (poesias) 1902.

Collaborou em alguns jornaes de S. Paulo, em quasi todos os desta cidade, e foi fundador e redactor-chefe do *Echo de Cataguazes* (Minas).

E ainda auctor de tres revistas de anno, duas das quaes já foram representadas, tendo concluido ultimamente tres libretos de operas, sendo um escripto em francez e outro em italiano. »

Tão preciosa nota não podia deixar de ser publicada.

Eis a carta :

« Meu caro.—Ahi vai em quatro palavras o que entendi responder ao questionario que me dirigiste.

Quatro palavras apenas, para não me comprometter muito : é a melhor maneira de responder ás *enquêtes* literarias, principalmente quando se tem sobre os hombros a responsabilidade de uma candidatura á Academia de Lettras.

Ahi tens, com alguma cautela, cinco respostas que pouco adiantarão á tua curiosidade :

1ª. As tres maiores fontes de poesia, segundo Hugo : —a Biblia, Homero e Shakespeare ; entre

os modernos : Gœthe e Hugo, na poesia; Flaubert e Zola, os Goncourt e Eça de Queiroz, no romance.

2ª. *A Flora de Maio*; desta as poesias *Dolor Supremus* e *Em Passeio*, além do *Livro de Isa*. Em prosa : *O Paraguay* e a *Questão do Divorcio*.

3ª. Sim : atravessamos um periodo estacionario. Os representantes das diversas escolas são ainda os mesmos de 20 annos atrás, mas emmudeceram quasi por completo.

4ª. Não me parece; a inspiração literaria, para consumo de todo o Brasil, continúa a ser importada de França, e chega muito deteriorada pelos imitadores sem talento, principalmente de Verlaine.

5ª. Actualmente é um pessimo factor. Dominou-o o espirito pratico da época; o jornalista está quasi substituido pelo reporter; as redacções, de fócos intellectuaes, converteram-se em casas de negocio; as columnas da imprensa estão quasi trancadas ás producções intellectuaes; os talentos reaes, que ainda collaboram nella, já reflectem o espirito pratico dessas emprezas mercantis : a chronica politica, o commentario sobre os assumptos da vida burgueza e conservadora, a chalaça perfida, o verso mordaz e a invectiva sordida ou desabalada substituiram a obra forte da intellectualidade.

Ninguem produz, porque já não ha quem

leia. O futuro se me afigura ainda peior : a desorganisação e a immoralidade no ensino vão preparando novas e mais temerosas ousadias do bacharelismo analphabeto.

Atravessamos uma época de crise intellectual bastante aguda. Um factor politico a justifica, pela asserção de Guyau : *la démocratie tue l'art.* É logico e irrecusavel. Nesse particular, a Republica foi uma calamidade para o Brasil.

FABIO LUZ

O Sr. Fabio Luz foi um dos primeiros escriptores com tendencias sociaes e humanitarias que consultei. O Sr. Fabio respondeu-me com esta breve carta :

« 1.º Para as minhas tendencias literarias (muito incompleta ainda a minha formação) contribuiram diversos auctores, notadamente Zola, nos seus ultimos livros, e Kropotkine accentuando sentimentos desde muito carinhosamente cultivados. Mais que todos, porém, contribuiu a alma ingenua e boa do povo, em cujo contacto vivo, cujos costumes e indole procuro estudar, cujas dores physicas e moraes sou obrigado a observar quotidianamente, por dever profissional, sendo, como sou, medico. Por amor deste ultimo mestre vieram-me a revolta continua contra a organisação social de hoje e a aspiração por um futuro melhor e mais equitativo.

2.º Nenhuma preferencia tenho por qualquer dos meus trabalhos, julgando-os sempre incom-

pletos e deficientes, mal os publico, constantemente torturado pelo desejo de produzir melhor, numa sede insaciavel de perfeição nunca attingida, maximé quando os comparo com as obras d'arte dos outros.

3.º Actualmente o Brasil literario atravessa um periodo de estagnação e as lutas se travam entre os *consagrados*, que procuram amesquinhar e depreciar os trabalhos dos *novos*, no justo receio de que lhes venham fazer sombra, e os *novos*, que aspiram ser velhos, medalhões, consagrados, demolindo reputações bem ou mal adquiridas.

Acredito, entretanto, que um vigoroso movimento, sério e consciente, se vai fazendo para dar á arte um cunho social e humano, que ha de predominar, abandonados os requintes de perfeição manual e mecanica, tão em voga, bem caracterisados pela modelagem perfeita das estatuas das nossas praças, sem um sopro de inspiração artistica na concepção, nem como symbolos, nem como verdade, pela falta absoluta de sinceridade, incapazes de provocar sensações fortes e duradouras e sentimentos elevados. Arte de filagrana—bella para ver e inteiramente inutil; boa arrumação de palavras, paizagens sem figuras, figuras sem a illuminação do olhar.

4.º Julgo que não.

5.º O jornalismo estraga e esterilisa os escriptores e artistas que fazem delle profissão. Para

a literatura é sempre prejudicial, com suas apotheoses aos amigos e conluiados, enchendo-os de vento e vaidade, e o silencio matador para os desaffectos ou indifferentes. Dos conciliabulos das redacções e dos *chopps* intimos sahem sempre as *coteries* e as consagrações das mediocridades, em torno das quaes chocalham os guisos da *fama* (!), desviada a attenção publica do verdadeiro merito, illudida pelas fanfarras, entontecida pelo fumo do incenso queimado em thuribulos de folha de Flandres. »

O auctor do *Ideologo*, aliás uma alma delicada e simples, náo comprehende que já não estamos no tempo dos genios ignorados...

JOÃO LUSO

Mandam-me entrar para uma pequena sala cheia de pequenas estantes, de *gueridons*, de photographias e de jarras com rosas. Ha junto á mesa uma vasta poltrona; encostada á parede, sob um retrato de Eça de Queiroz, um largo divan coberto de panno da India.

Sento-me no divan e olho em de redor. A' esquerda, uma porta quasi apagada pelo reposteiro; á direita, outra porta dando para uma pequena area donde se divisa a belleza da paizagem da montanha. É noite. O candieiro tem uma luz tenue e carinhosa, dessas luzes que deixam sombras agradaveis pelos cantos. Lá fóra, a lua espalha pelo monte a poeira de prata do luar alvissimo. Tenho a impressão de estar em scena, num scenario arranjado cuidadosamente para o final triste das peças passionaes francezas. Devem ter logar alli as despedidas soluçantes, os ultimos adeuses dos olhos pisados e dos peitos arfantes, e eu vejo nitidamente o dono da casa

de pyjama de velludo despedindo os velhos amores, com o gesto calmo dos super-homens :

—Adeus, cruel! — Boa noite, minha querida senhora...

Neste momento, abriu-se a porta e appareceu o conhecido chronista, alto, corcovado, com o pescoço muito cumprido e todo elle envolto num pyjama lilaz.

—Ia trabalhar?

—Ia; resolvera até não sahir á noite.

—Ha trabalhar e trabalhar.

—Era trabalhar no bom sentido. Sabe bem que eu deixo definitivamente essas criançadas da bohemia de jornal. O meu ideal é a paz do lar. Sinto que depois trabalharei muito mais. Ah! meu amigo, o que nos perturba, a nós outros, é a inconstancia da vida sentimental!

Gravemente, João Luso sentou-se na poltrona.

—Tenho então que responder a um inquerito?

—E mais facil que uma carta de amor.

—Conforme...

Pegou da carta que eu lhe enviara.

—Quaes os auctores que mais influiram na minha formação literaria? Zola, Flaubert, Maupassant, Eça de Queiroz e muitos outros.

Tomei do lapis, fui annotando os nomes, posto que tivesse a certeza de que o escriptor para a sua formação tivesse antes sido Garret, Julio Diniz e Castello Branco. Mas era uma certeza pessoal. Continuei.

—Qual dos seus livros prefere?

—A escolha não é difficil. Tenho apenas dois livros publicados; prefiro o segundo, *Prosa*, porque me parece um pouco mais bem escripto. Mas dos trabalhos nelle contidos não prefiro nenhum porque todos estão muito longe d'aquillo que eu quizera escrever.

Tomei do lapis, fui annotando essas palavras, posto que tivesse a opinião de que o primeiro livro desse admiravel temperamento de escriptor era, pela sua espontaneidade, muito melhor que o segundo, do qual o mesmo temperamento fazia um alto juizo. Mas era uma opinião pessoal. Volvi-me ao inquerito, indagando as suas opiniões sobre escolas literarias.

—Romance social, vejo apenas o de Curvello de Mendonça, diz João Luso esquecendo Fabio Luz e o *Chanaan* de Graça Aranha, que o sr. Felix Pacheco tanto admira; poesia de acção, não creio que haja, felizmente. Depois, o periodo das escolas passou com as revistas de titulo grego. Hoje, cada um faz o que póde, livremente, por si — o que me parece muito melhor.

—Não ha lutas?

—A literatura actual é essencialmente pacifica.

—E talvez passiva...

João Luso sorriu vagamente, aconchegando a gola do pyjama ao seu pescoço côr de araçá. Irradiava sympathia. As suas mãos admiraveis de principe do Renascimento, mãos magras e

esguias, mãos que Van Dick pintaria nos palacios de Hespanha, eram como uma caricia por onde pousavam.

—E a literatura dos Estados?

—A meu ver só Curityba deu-se ares até agora de centro literario independente e forte. Mas esses brilhantes rapazes fizeram-se isoteristas, symbolistas, kabalistas, impossibilistas, e—*horresco referens!*—um bello dia surprehendi o nome do mais vigoroso e mais enthusiasta, o maioral da banda, no cabeçalho de um jornal maconico. Ai dos filhos da Viuva!

Ai dos rapazes de Curytiba!

—Ai! ai! fiz para acompanhal-o, percebendo que João esquecera a *Mina* do Pará, a *Padaria* do Cear, e outros estabele á cimentos literarios á parte do vasto littoral brasileo.

—Quanto á sua ultima pergunta, a minha resposta é exquisita.

—Deveras?

—Acho que o jornalismo não favorece no Brasil a literatura; mas é igualmente verdade que a literatura não favorece o jornalismo.

—É na sua essencia a maior verdade que eu tenho ouvido.

—Porque praticamente o jornalismo serve aos literatos.

—Exactamente.

—Pois ainda outro dia ouvi de um director de jornal o seguinte: si eu dispensar todos o

meus collaboradores, a sahida da minha folha não diminuirá um exemplar. Euguli em secco em nome da classe, e calei-me. Parece que é assim mesmo!

—Mas, diga-me: tem muita coisa em preparo?

—Foi-se o tempo do livro unico; eu imagino por consequencia, muita coisa mas para quem vive preso ao jornal—e só têm grande ração os que assim vivem—as obras dependem dos jornaes. Não se dá uma pennada sem a certeza de ver a coisa publicada no dia seguinte. Eu tenho um romance que ainda não passou do primeiro capitulo. Ficará prompto sí um jornal tiver a idéa de encommendar-me um romance. D'ahi o achar que para annunciar obras minhas falta aqui o collaborador eventual, o que collecciona os trabalhos — o jornal...

João Luso ergueu-se, diminuiu a luz do candieiro. Lá fóra a lua espalhava pelo monte a poeira de prata do luar alvissimo. Em de redor tudo era como sí estivessemos em scena, no quarto acto de uma peça em que entrasse a Rejane com os dialogos feitos pelo Donnay. Deviam ter logar ali as despedidas soluçantes, e eu ouvia nitidamente, na allucinação calma dos imaginativos, uma voz arfante murmurar—adeus, cruel!..

—Pois muito boa noite.

—Até outra vez! concluiu o escriptor. E, cuidadosamente, deu volta á chave por dentro.

Ia trabalhar.

MARIO PEDERNEIRAS

Do Sr. Mario Pederneiras, um dos mais admiraveis poetas da geração nova, recebo a seguinte carta :

« Meu caro *João do Rio*.—São profundos e consideraveis os quesitos do teu interessante interrogatorio sobre a nossa actualida literaria.

Demandam Erudição, e tempo não me sobra para o trabalho paciente de aprendizagem e rebuscamento pelas empoeiradas e somnolentas prateleiras das Bibliothecas e dos Institutos.

Demais, eu detesto o Alfarrabio, que me traz ao espirito a tristeza das exhumações, quando não representa a illusão de uma inutilidade, porque, se têm merito excellente a Idéa e o Principio pontificados pela Intelligencia de ha seculos, vencem facilmente a profunda inexorabilidade do Tempo e dos Esquecimentos, impondo-se á feição pratica dos nossos dias, em reedições commodas e cuidadas, pois não me parece que aos progressos typographicos de

agora repugne a divulgação impressa de uma velha Idéa sã ou de um louvavel Principio secular.

Ora, para que na minha resposta houvesse a substancia e o esclarecimento que procuras, era preciso que eu me arrumasse por dias inteiros no silencio pacato de um gabinete de estudos, na companhia detestavel e perigosa de livros velhos, e me deixasse encharcar pelo alto Saber dos Tratados para a analyse das Causas que concorreram para a minha formação literaria, para o *desenvolvimento dos centros literarios dos Estados* e para a consideração do *jornalismo, principalmente no Brasil, como um factor bom ou máo para a arte literaria.*

Tudo isto é consideravel, *João*; precisa Methodo e eu sou, por desgraça minha, dos de temperamento nervoso e dispersivo, de tal modo, que odeio os gramophones pelo horror á exactidão mecanica das reproducções e detesto os chronometros *Gondolo* pelo terror á hora certa.

Já vês que me embaraçam difficuldades insuperaveis para attender á gentileza das tuas interrogações, e entre aquellas não são as menores o Methodo e o Alfarrabio, sem os quaes, reconheço, nada de merito se póde fazer em questões de alta literatura.

Entretanto, não me quero furtar ao teu honroso convite, que me veiu surprehender nesta

minha solitaria vida de hoje, tão preciosamente repartida entre as cançativas attribulações do ganha-pão de todo o dia e o carinhoso consolo da Familia.

E poupo assim á Posteridade a trabalheira dos rebuscamentos historicos sobre a minha formação literaria e sobre os meritos que me possam proporcionar a homenagem de uma herma na quietação bucolica das alamedas do Passeio.

Tem paciencia e ouve-me.

Pouco antes de 1890 eu ainda chorava amores trahidos e desventuras sentimentaes, com a mesma sinceridade com que choraria hoje, sí me roubassem a carteira com todo o ordenado de um mez.

Era um lyrico, com todos os *matadores*, e, sí bem me lembro, usava tambem a sombria sobrecasaca da Escola e o molle chapéo conquistador. Era pallido e tinha insomnias.

O meu lyrismo tinha qualquer cousa da espontanea sinceridade de Casimiro de Abreu e do bucolismo agradavel de Gonzaga. Foi na imitação destas duas boas Almas simples que eu moldei as minhas primeiras producções literarias, accrescentando-lhes, por conta propria, um scepticismo reles de philosophia collegial, que condizia admiravelmente com a minha pallidez, com o meu chapéo conquistador e com as minhas insomnias.

Por esse tempo o lyrismo nacional agoni-

sava envergonhado, deante dos parnasianos, que traziam a novidade da Fórma impeccaval de Alberto de Oliveira, o Verso meridional e vigoroso de Olavo Bilac e os sonetos magistraes do Mestre do soneto brasileiro—Luiz Delfino.

A nova Escola, porém, nenhuma influencia exerceu sobre o meu espirito e eu continuei, por algum tempo ainda, a chorar os meus amores trahidos e as mesmas desventuras sentimentaes, embrulhado na mesmissima sobrecasaca sombria, á sombra do mesmissimo chapéo conquistador e molle.

Foi em 1890 que eu comecei a minha verdadeira formação literaria na companhia de dous lindos Espiritos de Artistas—Gonzaga Duque e Lima Campos.

Era a época da bohemia rebelde dos « novos », com todo um longo cortejo de revistas ephemeras e um disperdicio extraordinario de talento e de energia.

A nova Escola seduzira-me encantadoramente com a riqueza pomposa das suas theorias de Renascimento, a delicada transcendencia da sua Phantasia e a alta novidade emocionante do seu Rythmo e da sua Fórma.

Comecei então a considerar-me simplesmente reles e atrazado.

Que diabo! aos 21 annos, com todo um curso completo de Humanidades, Philosophia inclusive, era ridiculo viver atarrachado áquelle

sentimentalismo choramingas de poeta lyrico e desconsolado, pois não era?

Foi quando resolvi vender a minha pobre sobrecasaca, sombriamente longa, e o meu querido chapéo, sentimentalmente molle, a um estudante de pharmacia, nomeado amanuense por concurso.

Desde logo detestei os poetas lyricos, inclusive Lamartine, e atirei-me desesperadoramente á leitura dos ardorosos symbolistas francezes.

Annos depois publiquei a minha primeira *plaquette Agonia*, que mereceu a honra de umas tantas descomposturas, solemnemente passadas pela veneravel critica indigena. Critico houve que a qualificou aterradoramente de *dernier cri do nephelibatismo*. Enguli calado o insulto, pelo alto respeito que dedico ao veneravel sacrificio intellectual da critica.

Entretanto, *João*, era um livro honesto, sentidamente trabalhado, sem *pose* e sem intenções preconcebidas de armar ao effeito.

A critica, porém, condemnou soberanamente a minha pobre *plaquette* e... esgotou-se a primeira edição.

Depois, a delicada comprehensão artistica de Lima Campos e a delicada espiritualidade de Gonzaga Duque abriram á minha modesta intelligencia horizontes mais largos e mais claros e eu me fui educando aos poucos e aos poucos conhecendo os mestres da Arte escripta.

Foi então que eu comecei a amar perdidamente a obra monumental de Flaubert, a comprehender o fino estylo delicado dos Goncourts e a ler Maupassant e Gauthier.

Cuidei carinhosamente da Phrase e da Fórma e procurei para o meu Verso toda uma feição puramente pessoal.

Publiquei então as minhas *Rondas Nocturnas*.

A Critica teve elogios para o meu livro. Apenas um critico de S. Paulo conseguiu encontrar um verso errado no meu trabalho.

Mentalmente mandei-o á fava.

Eu, Lima Campos e Gonzaga Duque formavamos uma trindade solidamente unida pela mais ampla e a mais sincera das affeições.

Gonzaga Duque, pela superioridade do seu Espirito, pela sua erudição, pelo seu alto cultivo intellectual, reunira, em torno da sua doce figura sentimental, todos os rapazes de merito da época. Era o amado de todos.

Tinham-no como chefe dos « novos » os que o não comprehendiam, os que precisavam de alguem para responsabilisar pelos commettimentos ousados daquelle grupo de rebeldes. Asneiras...

Gonzaga Duque era então o que ainda é hoje, — o mais delicado Espirito de Artista da nossa época, e nada mais.

Lima Campos era tambem o que continúa a

ser hoje, — o Artista excellente da prosa larga e do estylo vigoroso.

Foram estes dous Espiritos delicados, estas duas Almas simples, as maiores influencias da minha formação literaria e da minha folgada vida bohemia, que começou alli, naquella *brasserie* da rua da Assembléa, onde o velho e paciente Knopp, o mais inflexivel e manso dos allemães que tenho conhecido, nos servia, a par do topazio excellente dos seus chopps e do perfume appetitoso dos seus « sandwichs » de figado de ganso, o cabedal precioso para as nossas futuras dyspepsias.

Amo apaixonadamente esse delicioso livro de Arte, que é a « Mocidade Morta », e esse magnifico trecho sentimental, encaixado na delicadeza de um conto, sob o lindo titulo de « Bemditos Olhos », que Gonzaga Duque publicou, vaí para dez annos, num jornal carioca.

De Lima Campos, venero todo o « Confessor Supremo », especialisando essa admiravel pagina descriptiva, que é a « Velha Mangueira », e esse lindo trecho simples do « Pharoleiro ».

Quaes os poetas que influiram na minha formação literaria? Sei lá... Só te posso dizer que tanto adoro a plastica antiga de José Maria Heredia e Lecomte, como a simplicidade delicada de Verlaine e o romantismo de Gauthier.

E dos nossos?

Tenho um devotado culto pelos sonetos ma-

gistraes de Luiz Delfino, o das « Naos » e da « Magdalena aos pés da Cruz », e tanto admiro o Verso quente e meridional de Olavo Bilac, como a impressão cathedralesca de Emilio de Menezes. E por que não dizer tambem que me delicio com a arte estranha de Cruz e Souza, do « Satan », do « Acrobata da Dor » e de « Meu Filho », e que nutro uma delicada affeição pela meiga simplicidade consoladora de Cesario Verde e Macedo Papança?

Respondo agora ao teu segundo quesito.

Para desespero dos amadores da literatura de peso, em brochuras de kilo, todo o meu trabalho literario, até hoje apparecido, está enfeixado em duas *plaquettes* esgalgas, excellentemente impressas : *Agonia* e *Rondas Nocturnas*.

A primeira, meu livro de estréa, soffreu, coitadinha, todos os máos tratos da veneranda Critica indigena; disseram-lhe nomes feios, chamaram-na de *producto postiço do preconceito escolar*, e até, *João*, chegaram a arrumar-lhe em cima o peso vigoroso de insultos em francez. Um horror...

Lembro-me ainda de que o egregio Sr. Antonio Salles, no seu bellissimo estylo *pompadour*, deu-lhe p'ra baixo de rijo, em meio palmo de excellente prosa grammatical, pelas columnas de honra de um diario de ephemera duração.

Desesperei, *João*, porque contava bastante

com a auctorisada opinião de S. Ex. para a minha consagração de poeta novo.

Infelicidades da vida, que queres?

Outros criticos veneraveis perderam-se num estranho labyrintho de considerações e rebuscamentos, e lá fui eu levado, aos trambolhões, das azas de Icaro aos quadros de Puvis de Chavannes, por todo o longo espaço de um substancioso rodapé do Sr. Araripe Junior, onde se exclamava a respeito do symbolismo : « *De onde provem o Universo, perguntava o Rishi ao Rig Veda?* »

Descobri-me respeitoso e embasbaquei...

Foi este o merito exterior do meu primeiro trabalho. Poz tonta a indigesta Critica nacional e os que não puderam apresentar meritos de uma erudição medonhamente cacete, insultaram-me, chamando-me até de « mystificador ».

Entretanto, *João*, eu havia feito convencidamente um livro honesto e sincero; era assim a minha comprehensão literaria na epoca e foi assim que a executei.

A *Agonia* representava valorosamente a iniciação do meu sentimento de poeta, naquelle agitado periodo de transição, e trazia na expressão do meu verso novo e trabalhado um grande feitio de apuramento e de remodelação de toda a minh'alma de sentimental.

E eu sentia gloriosamente que a minha doce e amada Poesia perdera aquelle geito capado-

cio de modinhas em noitadas d'esbornia ao chôro melancolico dos violões gemedores.

Bastava isto para que eu dedicasse á minha modesta *plaquette* um carinho especial e esta grande affeição que ainda hoje lhe dedico.

Ha alli dous capitulos que eu amo sinceramente — *Clamor* e *Hora viuva*, e versos que ainda hoje me encantam, como este, de uma suave observação phantasista :

Bello tempo o da mésse,
Do sol que a terra e que as espigas doira...
Para quem passa nos trigaes parece
Que a terra é toda loira.

E outros e muitos outros.

Para compensar a maldade da critica dos velhos medalhões da minha terra, eu tive o largo e lisongeiro applauso da espiritualidade moça da minha época, magnificamente representada por Paulo Barreto, Gonzaga Duque, Felix Pacheco, Felix Bocayuva, João Luso e tantos e tantos outros.

E dei-me por satisfeito.

A minha segunda *plaquette*, *Rondas Nocturnas*, teve elogios da Critica, e o eminente Sr. José Verissimo chegou a adiantar que o symbolismo havia trazido aproveitamentos reaes para a expressão da nossa sentimentalidade. Exultei...

Este é, por emquanto, o meu livro bem amado, mais delicadamente feito, ainda mais trabalhado e mais perfeito.

Orgulho-me de o ter publicado e sinto nelle, deliciosamente, num destaque proeminente, toda a minha individualidade literaria.

De todos os meus sonetos o que eu mais amo, o que mais me orgulha, é a « Sombra », e não posso deixar de destacar tambem essa trilogia da « Fé, Esperança e Caridade » e a « Insomnia ».

José Verissimo deu as honras de uma citação ao « Sonho » e Medeiros e Albuquerque ao « Mar ».

Na composição deste meu pequeno livro gastei um anno, o que prova, *João*, o cuidado e o carinho com que tratei de fazel-o...

Não cito versos, porque, como bom pai, adoro todos elles.

Para maio preparo o meu terceiro livro, todo um poema intimo de meiguice e sentimento; é a historia da minha vida solitaria de hoje, inspirada na delicadeza de um convivio docemente sentimental das Arvores e do Mar, do Amor e meus Filhos.

Dei-lhe o nome simples de « Historias do meu Casal » e vai ser, espero, o meu melhor livro...

A tua terceira interrogação tem ares de these a desenvolver.

É profunda. Não me animo a respondel-a; como já disse lá acima, demanda erudição e uma serie de aptidões philosophicas que o meu modesto espirito pacato não comporta.

Mando-te, sí quizeres, com boas recommendações, ao alto Saber do nosso Instituto Historico, onde dormem todas as capacidades nacionaes na especie.

Entretanto, deixa que te diga, *João*, que é de franco e deploravel estacionamento a nossa actualidade literaria. Estamos a espera que a Idéa Nova nos chegue pelos proximos transatlanticos francezes.

Não ha lutas, *João*, nem « literaturas rivaes que se engalfinham ».

Com a morte de Cruz e Souza, o symbolismo enfraqueceu consideravelmente. Os lyricos desappareceram... do mundo, e sí por ahi ainda algum existe, dorme commodamente na doce paz de um emprego publico, sonhando apenas com o regalo das aposentadorias.

Dominam, portanto, ainda, com toda a sua gloria, os parnasianos.

Felizmente, ainda não nos veiu assombrar essa exquisita especie de literatura de que falas (romance social, poesia de acção).

Deve ser detestavel.

Toquemos de leve no quarto quesito. Não conheço as literaturas estadoaes, como não creio na sua influencia para a formação de escolas especiaes. Em todo o caso, como estamos num regimen federativo...

Ultimo quesito :

João, a imprensa, no Brasil, é um pessimo

factor para a arte literaria, principalmente depois do desapparecimento dos dous unicos jornalistas brasileiros para quem o jornal não era simplesmente uma industria—Ferreira de Araujo e este amado morto de hontem—José do Patrocinio.

Só a critica, mas a critica dos considerados, encontra a complacencia de um agasalho na nossa imprensa diaria.

O jornal de hoje tem o seu precioso espaço dignificadoramente occupado pelo commercio, pela politica e pela industria, e não póde cuidar dessa estranha cousa inutil e massadora que é a Arte literaria. Não é, *João?* — Do teu, *Mario Pederneiras.* »

Vê-se que o Sr. Mario Pederneiras, além de ser dos mais justamente admirados, admira-se tambem com a convicção e a certeza dos verdadeiros artistas.

RODRIGO OCTAVIO

O Sr. Rodrigo Octavio, da Academia de Letras, escreve-me a seguinte carta :

« Meu caro João do Rio.—Minha formação literaria...

Mas, eu não sei mesmo si tive uma.

Em nossa terra, salvo excepções que se contam, as letras ficam no dominio do dilettantismo. Muitos de nós, os chamados homens de letras brasileiros, mas realmente, na generalidade, professores, empregados publicos, advogados, jornalistas, muitos de nós, eu mesmo talvez, poderiamos ser, na França, por exemplo, homens de letras no sentido preciso, restricto da expressão.

Aqui, ainda o não somos e não será possivel sel-o emquanto a literatura não fôr uma profissão, um meio de vida remunerador e confessavel.

Por emquanto é uma occupação segunda, trabalho para as horas vagas, para o tempo que nos deixam as lides de nossa occupação normal e principal.

Assim, entre nós a producção literaria, em sua maxima parte, é antes o fructo da satisfação subjectiva, de uma necessidade de espirito do escriptor, do que do accentuado desejo, da intenção decidida de fazer um livro, de compôr um trabalho que se destine á leitura dos outros e vise o pagamento do editor.

E em tal conjunctura não é possivel a gente que se occupa de letras no Brasil orientar a producção literaria por um caminho seguro, por uma feição definitiva.

Vive-se aqui a ensaiar, a experimentar, tentando-se todos os feitios, amoldando-se a todas as escolas.

Pela minha parte esta é a sensação que tenho da vida literaria brasileira.

Animado, desde bem louros annos, de um decidido amor pelas letras, tive por sonho dourado de minha meninice o desejo de « fazer um livro », de ter o meu nome impresso em pequenas letras de ouro nas lombadas de marroquim, enfileiradas nas estantes ao lado de outros e outros. E tal sonho, antes mesmo que o meu espirito juvenil pudesse discernir a significação das cousas, me fez passar horas perplexas, deliciosas horas, na leitura inconsciente dos frontespicios dos livros da bibliotheca de meu pai, á escolha do assumpto de que me havia de occupar um dia, do titulo do—« meu livro », vacillando entre *Oração da Corôa*, *Apostillas de*

Praxe, *Noite na Taberna*, conforme as palavras me cantavam ao ouvido, ou a disposição dos typos me fallava aos olhos, e essa ingenua pesquisa embaladora me desvendava, suggestiva e mecanicamente, os mal definidos horizontes de tantos mundos desconhecidos, mas, por isso mesmo, fascinadores, irresistiveis.

Os annos passaram sobre esse sonho pueril; os—meus livros vieram, que jamais se me apagou do espirito o fogo sagrado; o meu nome foi impresso nas ambicionadas pequenas letras douradas nos lombos de marroquim, mas esses livros não satisfizeram o sonho ardente dos meus primeiros annos. Outros titulos, outros horizontes, outros mundos continuam a passar dentro de mim nas minhas horas de contemplação interior, e surgem e se accentuam e se desdobram, mas passam e fogem e se apagam, sem que o titulo seja aproveitado, sem que o mundo seja explorado, sem que o livro seja feito, emfim.

Bem eu sinto que sí eu pudesse ser um homem de letras, sí a minha preoccupação principal, sí não exclusiva, fosse a difficil arte da palavra, bem eu sinto que essa muda revoada de ideaes não me deixaria apenas o amargo resaibo de uma illusão perdida, de uma visão desfeita, de um sonho apagado num acordar doloroso...

Mas as contingencias da vida que me tem sido dado viver desfazem a proficuidade desse labor,

no qual, sinceramente o digo, veria com prazer chegar o cansaço e a velhice, porque os veria chegarem com a consciencia de haver vivido a intensa e fecunda vida do meu sonho irrealisado.

Mas, tudo é vão e inutil : pois, em meio do torvelinho e das preoccupações de actividade profissional, que nos requer todos os dias e todas as noites, é inutil qualquer tentamen, qualquer esforço é vão.

Os livros que tenho conseguido escrever são o resultado de uma favoravel serie de circumstancias opportunas. Muito maior, porém, é o numero daquelles que não consegui escrever; e ahi certamente é que está, ou que estaria, ou que devia estar minha obra.

É possivel que eu ainda a venha escrever um dia; receio, entretanto, que quando possam chegar esses dias de despreoccupação material da existencia, o fogo esteja extincto e a impotencia venha conturbar os derradeiros lampejos de uma vida esteril.

Por hoje sou, e o tenho sido desde que a minha razão se formou, magistrado e advogado.

Nos meus primeiros annos, da academia ao casamento, que me trouxe a consciencia das minhas responsabilidades, nos meus primeiros annos, fiz versos, nem creio mesmo que houvesse feito alguma outra cousa com seriedade.

Fiz versos e escrevi o *Aristo*, uma novella que ninguem leu nem conhece, mas que é o

meu livro mais significativo e mais meu. De então para cá a minha obra, quer na factura, quer no sentimento, quer na respiga do assumpto, resente-se das circumstancias atropelladas em que tem sido feita.

Aqui, onde a gente começa tão cedo as graves funcções da vida publica, a literatura passa desde logo a ser uma occupação de segundo plano.

Assim foi commigo, sí bem que a principio não fosse assim. Como disse, não tinha pensamentos que não para as rimas de meus sonetos, para os hemistichios de meus alexandrinos. Vivia com elles, com elles ouvia as lições dos mestres no velho mosteiro da Paulicéa, com elles ia aos meus passeios de noctivago impenitente, a que não fazia móssa a fria garôa classica de S. Paulo.

Poetas foram os primeiros companheiros do meu espirito. Na já referida bibliotheca de meu pai, minha segunda phase, depois que passou a preoccupação pueril da escolha dos titulos para « minha obra »,—minha segunda phase foi de leitura apaixonada de versos. Alli eu encontrei toda a opulenta flora do espirito brasileiro, desde o Gonzaga, da *Marilia*, até Castro Alves, da *Cachoeira de Paulo Affonso*. De tantos, porém, Alvares de Azevedo, no verso como na prosa, foi o que mais fecunda impressão me causou.

Minha primeira feição, inteiramente inedita e infantil, foi byroneana.

Por esse tempo meu pai me deu, premio de um exame distincto, os tres volumes do theatro de Schiller. Depois, no anno seguinte, a esses volumes vieram juntar-se os quatro tomos expurgados de uma traducção portugueza das *Mil e uma noites*. E essas leituras abriram no meu espirito uma perspectiva extraordinariamente brilhante de phantasia e de sonho. Jámais deixei de ler essa obra estupenda, posteriormente, em edições outras que obtive, e ainda hoje a releio, já agora na primorosa traducção directa do arabe e cruamente litteral do Dr. Mardrus.

Escrevi então meia duzia de dramas e romances, cheios de agitação, pavorosos, extraordinarios...

Mas, tudo isso passou, e essa feição primeira do meu espirito ficou ignorada para os homens, que nada perderam com isso; tudo passou, e a physionomia com que me apresentei ao mundo foi o calmo e composto aspecto de um parnasiano.

Sí eu pudesse ter continuado a evolução natural de minha tendencia literaria, teria ficado no terreno da ficção, fundamente romantico na essencia, cuidadosamente parnasiano na factura.

O impulso que eu trazia teve, porém, de se deter ante barreiras cada vez mais temerosas, e

que, ai de mim! começaram a surgir desde os meus claros vinte e um annos de idade.

A absorpção não foi, entretanto, pacifica: houve tremenda luta entre as correntes oppostas. Aos 24 annos, eu já havia escripto um artigo de fundo para o *Jornal do Commercio*, e em sexta-feira da Paixão, e havia assignado uma sentença de morte, como juiz de direito interino da comarca da Parahyba do Sul.

A luta estava, pois, no mais intenso, quando, por esse tempo, o casamento, satisfazendo-me os impulsos do coração, normalisando-me a vida, creando-me as alegrias tranquillas do lar, o indefinivel goso da paternidade, completou a obra da conquista.

A lyra calou. *Le bonheur tue le poète*, disse algures Balzac, esse grande conhecedor da comedia do mundo, e em mim o poeta morreu.

Quanto fiz de então para cá é obra do paciente amador de alinhar palavras, e essa mesma feita quando outra cousa de obrigação lhe não disputa os momentos de melhor disposição para o trabalho.

E mais não tenho que lhe dizer, meu caro senhor. »

INGLEZ DE SOUZA

O Sr. Inglez de Souza, auctor do *Missionario*, manda-me a seguinte carta extremamente curta :

« Cumprindo as suas ordens, respondo aos quesitos da circular que teve a gentileza de enviar-me.

1º.—Os auctores que mais contribuiram para a minha formação literaria foram Erkmann-Chatrian, Balzac, Dickens, Flaubert e Daudet.

2º.—Das poucas obras que hei publicado, prefiro o *Missionario*, ainda que a sua factura não corresponda ao meu modo actual de ver e sentir a natureza. O *Missionario* é espesso e palavroso¡ tem, pelo menos, cem paginas a mais. Todavia ainda hoje escreveria alguns capitulos, como o da viagem do Padre, o dia do Nico Fidencio, o enterro do Totonio Bernardino.

3º.—A este quesito só podem responder bem os que se entregam á critica literaria, cousa de que Deus me defenda. Como amador de literatura penso que é o lyrismo a fórma que ha de predominar na poesia, e ao romance já agora

é impossivel tirar a preoccupação social que está em todos os espiritos. Para falar com franqueza, considero secundaria esta questão de escolas em arte : não chego mesmo a estabelecer outra distincção entre os trabalhos literarios si não a de ter ou não ter talento o sujeito que se mette a escrever para o publico.

4º.—É possivel, com o tempo, quando a federação tiver creado verdadeiros Estados e os Estados se tiverem tornado nações.

Por emquanto, não conheço nada mais parecido com o brasileiro do norte do que o brasileiro do sul. Não partilho da opinião do Sr. Assis Brasil sobre as differenciações ethnicas produzidas pela farinha de mandioca e pelo churrasco.

5º.—Fazer literatura e fazer jornalismo são cousas diversas, como fazer architectura e fazer engenharia.

Está demonstrado que se póde ser optimo jornalista sem saber ler nem escrever. Em compensação, ha redactores de periodicos que se contam entre os melhores literatos. Tambem ha directores e amanuenses de secretaria, escrivães e outros rabiscadores de papel, que são excellentes poetas e grandes romancistas. O que não quer dizer que a *burocracia* seja bom factor para a arte literaria... »

É, como se vê, curta, mas cheia de idéas.

ROCHA POMBO

O escriptor paranaense Rocha Pombo, em geral tão prolixo, vence porém, o *record* da sobriedade. Parece quasi impossivel que seja este o Rocha Pombo do *No Hospicio* e de alguns artigos, em que as revistas põem de vez em quando—*continúa*.

O romancista manda-me numa tira de papel almasso, cortada em tres pedacinhos, o seguinte:

1º.—A Biblia, principalmente os Evangelhos; Homero, Virgilio, Dante, Milton, Carlyle, Hugo, Gœthe, Klospstock e alguns outros mais; Vieira, Herculano, etc.

2º.—Das minhas obras eu prefiro as que não escrevi ainda. Sí me instigar a destacar alguma cousa dentre as que tenho escripto—ahi está: gosto mais de alguns dos meus contos, de algumas paginas do *No Hospicio* e de um poemeto ainda inedito.

3º.—Não se pode dizer que atravessemos um periodo estacionario: creio antes que a obra desta geração vaí ser uma das mais fartas e

notaveis de toda a nossa historia literaria.— Não vejo escolas delimitadas: apenas tendencias mysticas em alguns, e noutros, no maior numero talvez—a velha concepção naturalista da arte. Dou mais, muito mais, pelos primeiros.

4°.—É tão insignificante o movimento literario nos Estados que não acredito na possibilidade de se formarem literaturas á parte. De mais: ainda quanto á actividade intellectual—o Rio de Janeiro continuará a ser por muito tempo o Brasil.

5°.—Para os jornalistas de profissão—o jornalismo é um grande mal em toda parte. É o mais que se póde dizer. Para a arte literaria, porém, a imprensa é um grande factor de progresso, pois estimula esforços, revela aptidões, destaca os mais capazes de vencer.

LAUDELINO FREIRE

O Sr. Laudelino Freire escreve-me a seguinte carta:

« Illustre Confrade. Satisfazendo o seu desejo, aqui lhe dou as respostas que me pede:

I

As minhas primeiras leituras, na época em que estudava preparatorios (1885-1890), foram feitas em almanaques, selectas e pequenos manuaes encyclopedicos, de que me resultaram os primeiros conhecimentos com os auctores nacionaes e portuguezes mais em vóga. Recordo-me do enthusiasmo, ainda hoje conservado, com que lia e decorava as poesias de Castro Alves, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Fagundes Varella, Tobias Barreto, Casimiro de Abreu, Guerra Junqueiro, Thomaz Ribeiro...

Estudante de philosophia, preparatorio então exigido, comecei a estudar Barbe e Pelissier, sentindo mais se me despertar o gosto pela li-

teratura com as lições do padre Honorato, livro que sobraçava na aula de rethorica; com o Curso de literatura, de Mello Moraes Filho; com os romances de José de Alencar, os, Miseraveis, de V. Hugo...

Depois as minhas leituras se foram voltando para João Ribeiro, cujas grammaticas acabavam de apparecer; Sylvio Romero, que se tornára mestre com a publicação da historia da literatura brasileira, Tobias Barreto, C. Castello Branco, Eça de Queiroz, Alexandre Herculano, Ruy Barbosa, Theophilo Braga, Taine, Spencer, Buckle, Montesquieu, Kant, Comte...

II

Dou preferencia ao capitulo segundo do livro intitulado—*Sylvio Roméro;* ao estudo sob o titulo de um critico, do livro—*Um Critico e um poeta;* e os ensaios—*Intuição Scientifica da Historia.*

III

Quanto á prosa no Brasil, é assignalavel não pequeno progresso nos ultimos annos. Observa-se presentemente bem pronunciada tendencia para o apuro da lingua, salientando-se nessa propaganda os nomes de Ruy Barbosa, Heraclito Graça, João Ribeiro, Candido de Figueiredo e outros.

Póde ser indicado o nome de Pacheco Junior, o ultimo, chronologicamente falando, dos velhos mestres, como o iniciador de uma phase inteiramente nova para a philologia indigena, imprimindo-lhe uma orientação muito diversa da que até então era seguida—orientação que foi largamente firmada por Julio Ribeiro, João Ribeiro, Maximino Maciel, Alfredo Gomes e outros grammaticos de nota.

Ao meu ver, os melhores dos prosadores actuaes são—Ruy Barbosa, Carlos de Laet, Machado de Assis, Coelho Netto, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Alcindo Guanabara, Olavo Bilac, Arthur Azevedo...

No romance nada de novo observo, no momento actual; nenhuma movimentação de idéas ha que se traduza em escolas definidas. Apenas vagas aspirações para o romance social, que só mais tarde, com uma maior acceitação das correntes socialistas que convulsionam as sociedades europeas, poderá fructificar entre nós. Continúo a preferir os velhos romancistas—Macedo, Alencar, Machado de Assis, Taunay, Aluizio... — ao que actualmente surge sob as fórmas apparentes de idéalisações humanas e sociaes.

Na poesia é incontestavel o nosso estacionamento. Os mais notaveis representantes da poesia actual ainda pertencem a essa geração de poetas que, nascidos ha pouco mais da metade do seculo findo, começaram a vicejar dos

ultimos annos da decada de 1870 em deante. Geração que despontava para o encontro de novas fórmas de esthetica, que em França surgiam e repercutiam entre nós, cabia-lhe manter a elevação dos ultimos romanticos, sem quebra de continuidade, ou sem interromper a ligação existente entre as cousas successivas, como diria Taine, verificando um dos elementos da sua lei das condições. Era com effeito um grupo que irrompia forte e vigoroso pelo talento, do qual outros poderiam ser indicados além de—Arthur Azevedo, Fontoura Xavier, Corrêa de Azevedo, Theophilo Dias, Baptista Massena, Augusto de Lima, Mucio Teixeira, B. Lopes, João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Cyridião Durval, Affonso Celso, Raymundo Corrêa, Martins Junior, Luiz Murat, Xavier Marques, Rocha Filho, Cruz e Souza, Adolpho Caminha, Theotonio Freire, Francisco Lins, Olavo Bilac, Adelino Fontoura, Alexandre Fernandes, Guimarães Passos, Emilio de Menezes, Bento Ernesto Junior... Estes nomes garantiriam á poesia o mesmo vigor, a mesma exuberancia com que ella vinha revestida, sí não lhes fosse dado surgirem precisamente num momento de temerosa crise para a arte, que se sentia sacrificada ao surto de correntes varias e indecisas, de escolas não definidas, de embates mal dirigidos e extravagancias curiosas. O idéal artistico resentira-se em meio de tan-

tas lutas e reacções desencontradas, e a arte em si mesma muito perdera do que lhe é condição essencial—a sinceridade. E dahi as manifestações contrafeitas e desvirtuadas.

Não é facil definir as feições literarias posteriores ao romantismo ; mas só o tentassemos, buscando os sentimentos que os inspiraram e as causas ou idéas apparentes que as justificam, talvez bem pouco apurassemos da sinceridade dellas. Os seus actuaes representantes, esses que se intitulam parnasianos, realistas, naturalistas, scientificistas ou mysticos de qualquer especie, peccam por essa mesma falta de sinceridade do idéal que os possa conduzir. Consequencia talvez mais decorrente da propria crise que a poesia atravessára nos ardores da reacção contra o romantismo, do que da falta de aptidões e qualidades dos novos cultores, o que fica plenamente evidenciado é a inferioridade crescente da nossa producção poetica. E não será temerario affirmar que, á medida que a poesia se distancia do derradeiro periodo romantico, menos valiosos se vão tornando os seus productos, menos bellos os seus cantores, e mais incomprehensiveis e obscuros os seus pensamentos.

IV

Não observo semelhante tendencia, e julgo

difficil a formação de literaturas á parte entre nós.

Devo lembrar, entretanto, a tentativa de Franklin Tavora para crear a *Literatura do Norte*, cujos moldes não pódem ser, segundo lhe parecia, os mesmos em que vaí sendo vasada a *literatura austral* que possuimos.

Norte e Sul, dizia, são irmãos, mas são dous. Cada um ha de ter uma literatura sua, porque o genio de um não se confunde com o genio do outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses, e ha de ter, si já não tem, sua politica. Devem tambem ser lembradas a *Padaria espiritual*, do Ceará, e a *Officina dos Novos*, no Maranhão.

V

O jornalismo não deixa de ser um factor importante para o desenvolvimento literario. No Brasil, porém, as condições do meio ainda não permittem que a imprensa consagre á literatura o apreço que fôra para desejar.»

MAGNUS SONDHAL

—... « Assim te amaldiçoaram os Covardes, na tua sublime Dor!... E só quizeram ver-te quando alegras—a Vida,—como fulgor do teu Sorriso!... Mas, Tu és somente Amor!...

A Vida!... o palpitar desse Universo, immenso e sideral!... O palpitar do Lhôma, na Materia que se tornou *sensivel* ou que *pensa*, na Cellula que é a Synthese do Kosmos!...

A Vida!... o doce e desejado Encanto de ter Consciencia, e de sentir-se em torno!... Um Bem-Supremo ou uma Desgraça summa!... Oh! como é doce a Vida, ou quanto amarga!...

Porque é que a Vida amarga e infelicita?!... —Porque inda ha Mórte e as Esperanças ruem!...

Quando é que a Vida é doce e desejavel?!... Quando Justiça e Amor eterna a fazem!..

E SUN pensou!...

E assim falou SIN-UR!... »

O mysterioso hierophanta Magnus dava-me nesta noite a honra de ouvir a sua grande obra

inedita *Assim falou Sin-úr*.—Como eu o fosse procurar, no meio do gabinete loiro e satanico, o magico desembrulhara o manuscripto e dissera :

—Dou-te para exemplo concreto o quarto capitulo desse poema em prosa, cuja epigraphe é *A Vida*.

Já dez horas tinham batido nas torres das Igrejas.

Magnus Sondhal é o nosso *sar* Peladan, o escriptor complicado, cheio de palavras exoticas. Na sua mesa ha seis qualidades de tintas, desde o vermelho carmim á côr de violeta : em cada tinteiro uma penna descansa. O hierophanta escreve como um pintor : Tudo é delicadeza de sensação, assombro, incognoscivel...

Logo que acaba de ler a ode nietzscheana da vida, Magnus limpa o *pince-nez* e fala com um ar de regato tranquillo :

—Confesso que me sinto em serio embaraço para satisfazer aos teus quesitos, maximé quanto a segunda questão, não só pelo modo—*geral* —por que são formulados, como tambem, e principalmante, pelo facto de se referirem a assumptos mais relativos á *Erudição* do que á *Invenção*.

No emtanto sou obrigado a dizel-o—embora. no meio actual deponha contra mim!—que sou puramente, um—CREADOR, tendo posto fóra toda a minha velha Erudição como *Bagagem inutil e incommoda*.

Começa o assombro. Curvo-me. O Mago continúa :

—A minha formação literaria, artistica e philosophica foi, em rigor, um resultado directo de uma excepcional Educação, fornecida por minha Mãi, um typo superior—uma Poetiza illustrada.

Esse facto contribuiu aliás, grandemente, para a minha emancipação completa de Mestres, Auctoridades e Compendios.

Quando Eu me senti Homem com a minha Orientação e a minha Opinião formada, só tinha lbido os EDDAS e os SAGAS dos antigos Nórskos.

Nessa época, aos 21 annos de idade, escrevi o meu primeiro trabalho, do qual nunca terei de me envergonhar, e que tem por titulo :

O CAMINHO DA VERDADE, *Allegoria*, que começa quasi com as *mesmas expressões* e as *mesmas phrases* da *Divina Comedia* de Dante, Obra, no emtanto, que Eu absolutamente não conhecia ainda.

Depois disso é que li as principaes Epopéias de Humanidade, preponderando no meu Espirito a influencia da Literatura Oriental, principalmente da India e do Egypto.

Oh! homem bizarro! Eu falára com alguns membros da Academia. Tinham quasi todos começado no « Panorama! » O formidavel Creador começava como um Dante embebido nos *Sagas*! Com a voz tremula de arrebatamento inquiri :

—E tem um tão orgulhoso amor pelas suas obras?

—As minhas Obras, não posso citar, como tendo verdadeiro valor literario, nenhuma daquellas que foram publicadas em Revistas, Livros ou Jornaes, embora algumas já tenham merecido traducção para linguas estrangeiras: *O Amor Livre*, e a *Prehistoria*, por exemplo.

No emtanto, sou um Reformador, não só da Literatura, mas até da propria Linguagem.

Houve uma pausa. O Reformador continuou:

—No Curso de um dos Discipulos actuaes de UNIVERSIDADE acaba de traçar as Normas principaes dessa Refórma. É isso pois uma Realidade já, embora não sejam essas novas Theorias conhecidas ainda do Publico e dos Literatos, especialmente.

Não tenho preferencias por cousa alguma do que *já fiz!*... Nisso, como em tudo mais, Eu só dou preferencia áquillo que *ainda não fiz!*

No emtanto, das minhas Obras ineditas a que me *parece* melhor é a que tem por titulo: « *Assim fallou Sin-úr* » de que já te li esse palpitante trecho da « Vida ».

A Literatura, aqui ou alhures, não póde ser sinão a Expressão do Estado Mental de uma certa Epocha ou de um Periodo de Evolução, de uma certa Phase Social, na qual prepondére uma determinada *Corrente de Idéas*.

Dada essa definição, e essa condição, para a

existencia de uma Literatura digna desse nome, é facil reconhecer que, nem no Brasil, nem no Occidente, se constituiu ainda uma verdadeira *Norma Literaria*, visto como não se formou ainda uma Escóla Philosophica, geralmente acceita, capaz de inspirar, orientar e dirigir as Concepções e Sentimentos dos que produzem e dos que interpretam.

Achamo-nos em um periodo de effervescencia, de decomposição e até mesmo de DEGENERESCENCIA profunda.

Não falo isso com o espirito pessimista dos *Degenerados!*... mas com a certeza e a convicção de um Philosopho e as sympathicas Esperanças de um Reformador.

Si houvesse hoje Literatura, já não digo quanto ao Estylo e á Fórma, mas quanto á Inspiração philosophica, essa Literatura não poderia ser sinão CHRISTÃ; e isso por uma boa razão :— que o Christianismo ainda prepondera como Fonte da IDÉOGENIA SOCIAL.

As Sementes da bella Revolução Hodierna estão semeadas, mas o terreno em que foram lançadas é ainda estéril, porque os ultimos bafejos das fogueiras christãs ainda vêm crestar as plantinhas tenras, e os novos rebentos do poético Yggdrasil.

Não deixei de suspirar baixinho. As plantinhas tenras e crestadas enterneciam. O grande homem foi grato a essa prova de delicadeza.

—Coma um biscoito, João!

Acceitei. Elle mastigou e de novo arremetteu contra o catholicismo.

Dante imaginou que tivesse cantado os ultimos luôres da civilisação christã. Em vez disso, porém, forneceu novos argumentos em favor das phantasias tresloucadas dos doutores da Egreja e dos Crentes acarneirados, que encontraram, na sua *Comedia*, uma descripção positiva das *tres* Regiões da moradia *celeste* das Almas dos que morrem.

A prova palpavel da fatal preponderancia brutal do christianismo dos Ignorantes é o facto de conservar-se em quasi todas as referencias periodicas a contagem das datas segundo a Era christã.

E a prova do *mallogro* da Grande Revolução Franceza é justamente o facto de não ter podido preponderar a nova Era, e a reforma racional do Kalendario.

Com estas allusões apparentemente desfavoraveis aos christãos e ao christianismo Eu, de modo algum, pretendo hostilisar, quer á Doutrina, quer aos seus Adeptos.

O Christianismo representou em outros tempos uma *necessidade social*, e a sua utilidade então foi incontestavel. Como tudo, elle tambem *passa!*... e, de facto já *passou*. Quem pois, hoje, quizer conserval-o não faz mais do que *infec-*

cionar a Sociedade com um Cadaver em decomposição *ao ar livre!*

Ninguem, porém, é *livre* de *sentir*, ou de *pensar*! O *Sintarismo*, a *Nirvanação*, a *Heredita-riedade*, a *Educação*, a *Suggestão* e *a Magia collectiva* :—eis o *Determinismo* e o *Fatalismo*, que rege o DESTINO do Individuo e da Sociedade!...

Cada *Cyclo Revolucionario* é sempre *coroado* por uma EPOPÉIA, como o *cyclo annual* ou *germinal* de uma *Planta* é corôado por FLORES e FRUCTOS. Por isso, na passada civilisação *Brahmanica* encontramos os inimitaveis monumentos Literarios, como o Ramayana, os VÉDAS, o Mahabbárata a Sakûntala, e tantos outros. Os Povos Norskos, ou os Gôdos, synthetisaram a sua Evolução na esplendida Epopéia philosophica :—Os E'DDAS. Os Egypcios tiveram as suas *Obras de Hermes* e o LIVRO DOS MORTOS. Os Chinezes tiveram o seu Confucio; os Persas, o seu Zarathustra; os Hebreus, o seu Salomão; os Gregos, o seu Homero; os Latinos, o seu Virgilio, o Mestre do Dante. E assim sempre tem cada Cyclo de Evolução e de Revolução o seu Representante suprêmo.

Em todos os ramos do Progresso Humano, ha Phases e Cyclos distinctos, os quaes se pódem categorisar, por—CYCLOS de EVOLUÇÃO, CYCLOS de REVOLUÇÃO, e CYCLOS ÉPICOS.

Assim preparei a possibilidade de satisfazer

a tua pergunta sobre o momento Literario, no Brasil, caracterisando o seu estado actual e as suas condições evolutivas.

Todos sabem que a civilisação preponderante na America e na Vinlandia (*America do Norte*) é um prolongamento, ou uma ramificação, da civilisação Européa.

Quanto á Construcção Literaria dictam portanto as Leis:—na Vinlandia, Shakespeare: e na America, o Camões e Cervantes...

Abri a bocca aterrado! Evidentemente Magnus dizia cousas admiraveis, e tanto as dizia que parecia não acabar mais.

Limitemo-nos agora ao Brasil!

Preponderando, embora, entre nós a influencia lethifera do velho Christianismo, achamo-nos em condições muito superiores, para poder evoluir em Espirito, aos Povos, industrialmente mais adeantados da Vinlandia, ou da America Ingleza, só pelo facto de predominar, entre nós, o Christianismo Romano, em vez de nos ter infelicitado qualquer das detestaveis *Refórmas* chamadas *Protestantes*, as quaes, em geral, só concorrem para prolongar a *lenta agonia* dessa *lugubre Doutrina da Mórte*!

Echôou mui debilmente no Brasil a benefica Influencia da Grande Revolução Franceza. Mas, as ultimas notas desse bello Hymno de Reivindicação Libertaria ainda echôaram por estas plagas, inspirando novos Ideaes e revitalisando

a Alma Nacional. Essas notas são resumiveis em tres nomes : — Comte, Buchner, Spencer; e em tres Escolas Philosophicas : — o Positivismo da França, o Materialismo da Allemanha, e o Evolucionismo Inglez.

Por causa da Propaganda Orthologica, *mal interpretada*, tendem hoje a influir, de um modo crescente, as Escolas Esotéricas, entre as quaes se destacam :

—O Occultismo da India, o Hermetismo e o Esoterismo do Egypto, o Kabbalismo Hebraico, a Theosophia Occidental, e, finalmente, o Mentalismo Vinlandico, ou da America Ingleza. Essas bellas e interessantes Escolas *Metaphysicas* e *Mysticas* são destinadas a destruir todas as *teias de aranha* dos Cerebros christãos, pois que representam, de facto, a base *sã* e *Esotérica* do proprio Christianismo. Ellas vêm, ao mesmo tempo, fazer uma *limpeza atmospherica*, desterrando para a Lua o pobre Espiritismo de Swedenborg e de Allan Kardéc, que tantos Espiritos sãos tem desorganisado, nesta terra.

No emtanto, para que se inicie e se caracterise um verdadeiro Periodo Literario é mistér que, tanto essas Escolas de influencia capital como as outras, quaesquer, de influencia secundaria, se fundem em uma unica Escola preponderante, conciliando-se todas e harmonisando-se numa Formula Synthética.

Essa Phase nova e florescente da Literatura está prestes a surgir para o Brasil.

Quanto ás Escolas Literarias que existiram ou que existem hoje entre nós não são ellas mais do que um Ensaio, ou Ensaios, transitorios, sendo algumas pueris, mas todas ephemeras.

Ensaios! Tudo ensaios antes do *Assim fallou Sin-ur!*

Achei-me profundamente pueril. Que pensaria de mim o profundo mago?

Não lhe perguntei isso, entretanto. Dos meus labios, numa ancia de saber, surgiram tremulas apenas estas palavras:

—E as escolas dos Estados?

—Embora o desenvolvimento da literatura, como da Arte em geral, dependa essencialmente de uma Educação superior, uma orientada Theoria philosophica qualquer, ainda assim a fundação e a multiplicação de centros Literarios nos Estados tendem a beneficiar progressivamente a evolução da Arte Literaria no Paiz.

E, assim como a separação espiritual do Brasil e Portugal modificou profundamente a Literatura de um e de outro paiz, differenciando-a tanto no Fundo como na Fórma, assim tambem a constituição de Centros-Literarios ou Nucleos independentes de desenvolvimento Artistico, em os Estados, tenderá a destacar e differenciar as tendencias Literarias, tanto de uns em rela-

ção aos outros, como em relação ao Centro Metropolitano.

—E o jornalismo ?

—O Jornalismo deve ser considerado como um *Fermento Idéogenico*, sendo portanto um excellente meio de desenvolvimento da Arte, bem como dos outros ramos do Entendimento e da Actividade Humana, sí houver mais Escolha nos Assumptos, mais Independencia e mais Criterio na Orientação geral.

Mas, especialmente no Brasil, embora tambem nos outros Paizes, o Jornalismo tem sido um elemento de Decomposição, de Desorganisação e de Desorientação profunda.

Póde-se dizer que ainda não appareceu um Jornalista independente, que fosse capaz de despresar a Rotina e a Opinião miseravel do Vulgo para só tratar de implantar as *suas* idéas, fazendo prevalecer a sua Opinião pessoal e livre.

Para dar uma idéa do que sinto sobre o Jornalismo, devo dizer que o considero, entre nós, como a MUMIA da *Caricatura* e do *Escandalo Policial*.

Tal especie de Jornalismo não póde ser, de forma alguma, um bom factor para a Arte Literaria; mas, onde está o meio, e onde os recursos de modificar esse inconveniente ?

O Jornalismo, em si mesmo, não é bom nem máo, mas é utilissimo como vehiculo de Suggestões e de Idéas, boas ou más, dependendo,

pois, do estado mental dos Jornalistas, o seu bom ou máo effeito social ou collectivo.

Por sua vez, é o estado social que faz os Jornalistas quando não se trata de secundar a Evolução e o Progesso, mas satisfazer apenas a *Opinião Publica*, esse *Monstro Polycephalo!*

Eu sahi a pensar. O chefe da literatura occultista póde ser extravagante, mas tem cousas razoabilissimas. O jornalismo, vehiculo das suggestões, hão de convir que é admiravel.

ELYSIO DE CARVALHO

O Sr. Elysio de Carvalho representa por si só uma porção de pequenos movimentos literarios, reflexos de pequenas escolas francezas.

A principio, a proposito da antiga historia de um soneto, resolveram jurar que o Sr. Elysio não escrevia nada—mas o Sr. Elysio tem escripto tanto e a respeito de tanta cousa pouco conhecida no Rio que forçoso foi dar-lhe attenção.

O Sr. Elysio de Carvalho conta a historia do seu espirito com um prazer evidente. Lel-o é saber o que fizeram de 1897 para cá os tremendos jovens nephelibatas, hoje socialistas :

I

Não sei, na verdade, como contestar vossa primeira pergunta. Não me será facil assignalar quaes os auctores que mais influiram na formação da minha mentalidade, porque, no começo da minha carreira literaria, li muito, mas muito, e lia tudo quanto vinha da Europa, *via* Paris, e sobretudo os *novos*. Era um desespero. Conta-nos

a chronica pathologica que, ao entrar na puberdade, ha meninas que comem carvão e cal das paredes: eu devorava brochuras francezas. Essa leitura continua, variada, superficial, sem methodo, junto com exercicios enfermos da vontade, atropellou de alguma fórma meu systema nervoso. E o que é interessante é que lia mais para satisfazer minha vaidade de homem lido do que para encontrar um alimento necessario para meu cerebro, destituido de idéas e de sensações estheticas. Sem embargo, essa mania, que logo passou, foi util: convenci-me de prompto da superfluidade da literatura franceza contemporanea, e immediatamente procurei leituras mais solídas.

Supponho que não tratais de saber todas as obras que li, senão daquellas que mais accentuadamente contribuiram para minha educação esthetica e philosophica, que transformaram meu modo de ser, que me abriram novos horizontes e perspectivas novas, que me revelaram novos valores das cousas. As tragedias de Eschylo e de Sophocles agradaram-me immensamente, como me enthusiasmaram muito a *Historia dos Cesares*, de Suetonio, e o *Satyricon*, de Petronio. Li e leio continuamente as maximas de Epicteto, Helvetius, Champfort e La Rochefoucauld. Conheço muito superficialmente a literatura classica. Zola, escriptor que eu detestava e combatia... sem nunca o ter lido, empolgou-me de emoção.

Foi elle quem despertou em mim o desejo de uma arte mais sã, mais humana, mais conforme com a natureza : dahi a minha adhesão ao movimento naturista que em França iniciára Bouhélier, cujas idéas procurei propagar e defender no Brasil, publicando para isto um manifesto e uma revista. Zola, interpretado pelos naturistas, foi um dos espiritos que mais influiram na minha primeira formação intellectual, mas essa influencia não persiste, e creio mesmo que elle hoje não me satisfaz. Prefiro Mirbeau e Anatole France, os mestres admiraveis do romance moderno, ao chefe da escola naturista: nutro por Mirbeau, o auctor de tantas obras primas da literatura revolucionaria, uma viva sympathia. Emile Zola foi ainda o meu iniciador nas idéas de reforma social. Os seus romances, principalmente *Germinal* e *Paris*, deram-me uma triste idéa da sociedade actual, revelaram me os crimes e os vicios da burguezia, fizeram-me odiar a politica e os politicos profissionaes, mostraram-me o soffrimento dos pobres e os tormentos das classes proletarias, victimas da torpe exploração do homem pelo homem.

Comecei então a ler os escriptores socialistas, e principalmente os anarchistas, com quem aprendi verdades que jamais esquecerei e que procuro tornar conhecidas dos homens :—que o individuo é a medida de todas as cousas; que o homem é ingovernavel, é para si sua unica

realidade, seu fim e seu todo; que todo poder é um absurdo; que a propriedade é um roubo; que o Estado tem seus alicerces no crime e só é mantido pela violencia; em summa, que o mundo da iniquidade e do roubo, onde a desigualdade faz do soffrimento do maior numero o poder dos plutocratas e dos dirigentes, será fatalmente substituido por um mundo novo, onde as relações sociaes serão fundadas, não mais sobre a rotina e a arbitrariedade, mas de accordo com as leis do viver integral e a dignidade humana, visto como a historia marcha para a anarchia—ideal que não é, como pensam os reaccionarios e os laboradores do obscurantismo, um sonho de loucos, mas um phenomeno que a sciencia constata como innato na natureza e uma idéa organica no homem, ideal que será a victoria final da vida no planeta.

Os escriptos de Proudhon, Bacounine, Kropotkine, Mackay, Tucker, Réclus, etc., fizeram de mim um anarchista convicto; e Buchner, Spencer, D'Holbach, Lange, Diderot, etc., converteram-me num atheu profundo. Foi por esse tempo que conheci Marcguyau, o luminoso pensador francez, morto em plena primavera da vida, cuja influencia moral sobre meu espirito foi profunda e salutar. A sua obra capital, o *Esboço duma moral sem obrigação nem sancção*, onde nos propõe como principio ideal a propria vida, « a vida a mais intensiva e a mais extensiva pos-

sivel sob o ponto de vista physico e mental, a vida total sem mutilação », provocou em meu organismo uma explosão de sensibilidade e suscitou um novo movimento de consciencia.

De posse de idéas sociaes, preoccupado com os grandes problemas que se debatem na sociedade moderna, sabendo das excellencias do anarchismo, a unica doutrina que offerece possivel solução á questão social e a unica que satisfaz minha concepção da justiça e meu appetite de equidade, desdenhei a literatura propriamente dita, consagrando-me á critica e ao estudo da sociologia, sciencia pela qual cada vez mais me apaixono, não só porque a considero como a base de toda a cultura moderna, como tambem para assegurar meu futuro e dar satisfação a um pendor que desde muito nutro por este ramo do saber positivo. Senti a necessidade da acção e da luta contra a mentira, a hypocrisia e a iniquidade reinantes, e lancei-me decidido, cheio de enthusiasmo e de esperanças, no movimento revolucionario, frequentando os centros operarios, realisando conferencias (as circumstancias me fizeram orador), fundando periodicos e revistas de propaganda, minha ultima tentativa tendo sido a *Universidade Popular*, a primeira que se funda na America do Sul, para emprehender a instrucção superior e a educação social do proletariado.

Assim se fizeram—minha iniciação e minha

educação revolucionaria. Explico-vos este movimento, porque creio que influiram muito mais na minha vida do que os livros.

Tambem influiram na formação do meu espirito: Carlile, com o seu *Culto dos heroes*; Emerson, com seus *Homens representativos* e seus ensaios, em que exalça a personalidade humana; Ruskin, com suas theorias estheticas; Ibsen, com seu industrialismo soberbo; Gener, com as suas sábias idéas inductivas; Gorki, com seu optimismo humano e ardente, e alguns outros. Os ensaios de Carlile me fizeram pensar durante algum tempo. Refiro-me ao *Culto dos heroes* e ao *Passado e presente*, porque o *Sartus Resartus*, livro vasado no humorismo do formidavel João Paulo, não pude até hoje digerir. Todos estes philosophos da vida ascendente, exaltando a individualidade, proclamando o advento de uma humanidade superior em força, em grandeza e em belleza, visto como o progresso existe e as especies se transformam, affirmando que a vida é o prazer nobre e intenso e que o christianismo, com seus valores decadentes, falsificou, deformou, corrompeu tudo quanto era terrestre e exaltava a vida, retardando assim por dous mil annos a marcha ascendente da planta humana para o *superhomem*, deixaram um sulco profundo na historia da minha alma.

Foi, porém, o intellecto allemão o que nífluiu

mais profundamente na formação da minha mentalidade. O phenomenalismo do *Mundo como vontade e como representação*, rectificado pela philosophia nietzscheana, e a *serenidade* de Gœthe tornaram mais luminosa a minha visão esthetica. Foi em Schopenhauer que aprendi que « uma existencia feliz é impossivel, que o que o homem pode realisar de mais bello é uma *existencia heroica* ». Max Stirner, o auctor desse livro immortal, *unico* na historia do pensamento, que é o *Unico e sua Propriedade*, o codigo do individualismo e o gerador do anarchismo moderno, livro que a censura achou « absurdo de mais para ser perigoso » e que mãos generosas arrancaram do esquecimento para lançar no mar vivo das controversias contemporaneas, Max Stirner e Frederico Nietzsche, este com o seu nihilismo dionyseano e com seu ideal tragico da vida, são os meus grandes, os meus maiores, os meus verdadeiros educadores, porque me ensinaram bastante a pensar, me induziram a procurar e encontrar meu eu, foram os auctores da minha emancipação intellectual.

« Os teus verdadeiros educadores, diz o verbo luminoso de Nietzsche, que são tambem teus formadores, revelam-te o que é o sentido primitivo e a essencia elementar do teu ser, qualquer cousa que não se deixa nem educar nem formar, em todo caso, alguma cousa que é de accesso difficil, que está subjugada e paralysada; teus

educadores não seriam capazes de ser para ti senão libertadores. »

O que Schopenhauer e Wagner foram para o joven Nietzsche, quando este não tinha ainda 25 annos, Nietzsche e Stirner foram para mim— maravilhosos educadores. Hoje, fiel á philosophia de Zarathustra, procuro pensar por conta propria, só assimilando dos mestres o que julgo bom; procuro ser eu mesmo, com meus instinctos, meus defeitos, meus odios, minhas verdades, meus erros...

Necessito observar-vos que attribuo a influencia que os auctores citados deixaram em meu intellecto ao meu temperamento, á constituição do meu espirito e á analogia de ideaes. Sou um apaixonado, um homem de idéas extremas, um espirito combativo, um energetico, um impulsivo, podendo dizer sem exaggero que sou um rebelde *nato*. A minha infancia foi uma revolta permanente : no seio da familia, contra os preconceitos e a pratica de uma moral caduca e despotica; no collegio, contra a disciplina do mestre-escola; no seminario, contra a immoralidade e a hypocrisia ambientes. Ao entrar na academia, sublevou-me o nescio ambiente reaccionario que alli dominava, tendo, depois dalgum tempo, abandonado os estudos superiores por escrupulo de minha consciencia anarchica. Estreei na imprensa literaria, fundando uma revista iconoclasta, demolidora de velhas formulas e de

reputações illegitimas, tentativa que me valeu inimizades e rancores, alguns dos quaes ainda hoje perduram. Insubmisso na adolescencia, e noclasta no começo da minha carreira literaria, anarchista insurreccional em 1905, ainda em luta no seio do proprio partido contra o dogmatismo e a intolerancia de alguns doutrinarios, tenho seguido a evolução natural do meu espirito e me desenvolvido segundo minha propria natureza. Escreveu alhures o mais velho dos Bosny, refutando a alguns criticos que diziam ter Jean Boule (personagem dos *Máos Pastores*, de Mirbeau) se tornado revolucionario á força de miseria, esta observação que me parece justa : « nasce-se revolucionario como se nasce romanesco ou sentimental e, quaesquer que sejam as circumstancias felizes ou desgraçadas, fica-se tal qual a natureza nos creou. » Bacounine, Blanqui, Rochefort, Kropotkine, Mirbeau e outros justificam a subtil observação de Bosny. Sou, pois, de instincto, um rebelde.

Como vistes, não citei nonhum escriptor brasileiro entre os que mais influiram na minha formação literaria e isto muito naturalmente, crêde com sinceridade, porque não soffri a influencia de nenhum delles. O intellecto brasileiro está muito baixo, não tendo ultrapassado ainda as raias da mediocridade, para influir em meu espirito. Os escriptores antigos são de tendencias tão anti-civilisadoras, tão anti-humanita-

rias e tão anti-progressistas, que, se algo em mim influiram, foi em sentido negativo, provocando repulsão. Os modernos, salvo rarissimas e honrosas excepções, que não passam de verdadeiros « filisteus » e cabotins, sem cultura, sem ideaes e sem sentimentos nobres, embora tenham cotação na cocheira do Senhor—Todo o Mundo—e sejam decorados por uma fabrica de... reputações illegitimas, inspiram-me nojo, nojo e dôr, dôr sobre-tudo. Asseguro-vos que minha alma é muito pouco brasileira; propriamente fallando, não sou um escriptor brasileiro, não me pareço em cousa alguma com qualquer delles : diz-me Gener que eu sou supernacional e pertenço ao momento intellectual europeu.

II

Não sei dizer-vos qual das minhas obras literarias a que prefiro. O que sei que é a obra que representa melhor meus ideaes é sempre a ultima que escrevo, porque procuro fazer da minha vida um evoluir permanente para a belleza e para a perfeição, um continuo excelsior. Em nosso tempo sempre se é alguma cousa mais do que se foi hontem.

Um dia que passa é um passo vencido na escala da vida. Felizes aquelles que sobem com uma consciencia perfeita da ascensão. Por mim, sinto-me avançar, e o meu estimulo e a minha alegria de ser estão na coragem de não me deter

senão o tempo, os minutos necessarios para tornar-me senhor das estações que vou fazendo.

Sou um eterno descontente, um insaciavel, um espirito avido de sensações novas, cheio duma curiosidade inquieta e de aspirações infinitas; sou como uma sarça de fogo, que tudo procura devorar. Sou um atormentado pelo ideal, nunca satisfeito com o que produzi, mas cheio sempre de enthusiasmos e de alegrias pelas obras que sonho realisar, um atormentado por essa vontade, essa necessidade de renovamento, que leva a serpente a mudar constantemente de pelle. « A serpente morre quando não pode mudar de pelle: do mesmo modo os espiritos a quem se impede de mudar de opiniões deixam de ser espiritos. » Viver é mudar, mudar continuamente de rythmo, renovar-se perpetuamente : *renovar-se ou morrer*, dizia Da Vinci. Gœthe escreveu na segunda parte do Fausto : *Tudo o que passa não é senão symbolo.* E Nietzche, ao recordar-lhe, disse : *Todo o immutavel não é mais do que symbolo, e os poetas mentem muito.*

Affirma Nietzche que o conhecimento de si mesmo e, por conseguinte, o *descontentamento* de si proprio, são a base de toda a cultura, palavras que lembram Pascal quando diz que a *duvida* é o fundamento do humano saber. « Vejo acima de mim, escreve o mestre admiravel. alguma cousa de mais elevado, de mais humano do que o que sou; auxiliai-me todos a attingir este ideal,

como eu viria em auxilio daquelle que pensasse commigo e soffresse commigo : isto para que um dia, emfim, nasça de novo o homem que se sente perfeito e infinito na razão como no amor, pela contemplação como pelo poder creador, o homem que, na plenitude do seu ser, viva no seio da natureza, que é o juiz e a medida de todas as cousas. » Eu, que tenho a alma alterada de belleza eterna, digo sempre como Descartes : *Eu sou uma cousa que aspira incessantemente a alguma cousa de melhor e de maior que não sou.*

Não me é possivel, portanto, dizer-vos qual, dentre os meus pobres trabalhos, o que prefiro; o mais que poderia fazer era indicar-vos quaes aquelles que resumem melhor minhas idéas.

III

Não vacillo em affirmar, pois que é de evidencia incontestavel, que as lettras nacionaes atravessam presentemente um periodo estacionario. Explical-o não seria facil em poucas linhas, visto como devem ser muito complexos os factores de tal situação. Mal se me permittirá que entre esses factores assignale de passagem, como dos mais efficientes, o estado politico em que se encontra a Republica.

Não passa de uma pura fantasia o proposito de lobrigar no meio dos nossos labores intellectuaes qualquer cousa a que se possa attribuir a

caracteristica de escola literaria, nem mesmo simples intuito de agrupar espiritos, sob distinctos pontos de vista. Não ha, nem nunca houve, escolas literarias : em arte, ha espiritos creadores e espiritos mediocres. A observação que a este respeito fez Remy de Gourmont é verdadeira e interessante. « Ha, escreve elle, duas maneiras de pensar : ou acceitar taes quaes estão em uso as idéas e as associações de idéas, ou se entregar, por conta propria, a novas associações e, o que é mais raro, a originaes associações de idéas. A intelligencia capaz de taes esforços é mais ou menos, segundo o gráo a abundancia e a variedade de seus dons, uma intelligencia creadora. »

A arte, pelo menos a verdadeira arte, nada tem de convencional, nem se confina num circulo estre ito de iniciados, de productores de officio ou de simples amadores. A obra d'arte não se naturalisa em escola alguma. Já vai longe o tempo em que se procurava encerrar em formulas estreitas, classificar em escolas, como se rotulam productos de fabrica, as multiplas manifestações da arte que, aliás, é una e indivisivel. O artista que se sente forte e capaz, consciente do seu valor e da sua missão na terra, não necessita desses entraves moraes, que, na verdade, são os systemas e as doutrinas. O legitimo espiritual triumpha sempre; não admitte escolas; é indifferente ás preoccupações de ce-

naculo; escapa ás categorias; despreza as etiquetas e os rotulos. O genio explue, revela-se exuberante com todos os signaes do tempo, fóra de todo dogma e de toda escola. É esta a verdade, que seria preciso repetir sem cessar a todos os moços : não procureis partidos nem escolas, não acceiteis os dogmas que vos impõem propagandistas extenuados de culto, extenuantes e aridos; procurai ser legitimos, porque assim vos approximais da verdade e, sobretudo, da vida.

O que não se poderia mais negar é que o espirito social invade o nosso meio e, a tal ponto que já se considera como lançados aqui os grandes problemas que agitam o mundo europeu. O problema social, sob suas fórmas varias e seus multiplos aspectos, occupa incontestavelmente um logar preponderante na vida actual e preoccupa profundamente a todos os espiritos, pesa sobre tudo e sobre todos. Tudo nos impelle a estudar o grave problema, proveniente deste vergonhoso antagonismo sobre que repousa o regimen burguez, para que, constatando as causas que engendram a dôr universal, que não reside sómente no soffrimento, na miseria physica, mas sim na *ausencia de liberdade*, determinemos o remedio efficaz para completa extincção do mal imperante e avassalador. Assim, o mal estar e o desespero, a fome e a miseria, de que padecem as classes trabalhadoras, fructo da

opulencia dos parasitas e da ignorancia das massas, o espectaculo deprimente da dôr e da injustiça humanas, que despertam em todos os corações bem formados o desejo de ver estabelecidos entre os homens os principios de equidade e de justiça, levaram alguns dos nossos artistas a pôr os seus dotes intellectuaes ao serviço deste movimento de legitima revolta que, desde muito tempo, vem minando as bases do velho mundo da iniquidade e do roubo. A arte social, pois, que aliás nada tem que ver com essa pseudo « arte social », que se ensaiou fabricar para o povo, a arte cuja essencia verdadeira deve produzir uma emoção esthetica, profundamente social, já conta entre nós os seus cultores, e não seria difficil indicar algumas obras de merito indiscutivel e consagradas á propaganda do ideal de emancipação humana. A obra de Fabio Luz, esse suggestivo *ideologo*, e o romance *Regeneração*, de Manuel Curvello, dous bellissimos espiritos de quem temos ainda muito a esperar, para só citar estes dous nomes, revelam muito nitidamente a inspiração do grande ideal libertario, para o qual se dirigem agora todos os grandes espiritos e todos os corações generosos...

Propriamente luta entre antigos e modernos não será licito affirmar que exista. Ha alguns annos, e mais recentemente, ha cerca de uns seis annos, houve um certo movimento de re-

acção dos moços contra o que se chamava literatura dos velhos. Entre as revistas que deram signal dessa reacção peço-vos permissão para citar *A Meridional* e a *Revista Naturista*, embora essas publicações não tivessem passado, como tantas outras, de meras tentativas, sem resultado algum pratico. O movimento que aqui iniciou a *Revista Naturista* era uma tentativa sincera de uma belleza nova, mais luminosa e mais humana, e que não deixou de impressionar a muitas intelligencias.

O naturismo, que era antes uma explosão de sensibilidade do que uma escola literaria, não era uma tentativa que se explicava apenas pela diversidade de ponto de vista : era, por assim dizer, uma volta ás leis legitimas que regulam a genese espiritual, uma reconstrucção em que se aproveitasse para o edificio novo exactamente o que restava de solido entre os escombros do velho edificio. O naturismo, que nós proclamamos como *a expressão esthetica do socialismo, isto é, o Estado organisado sobre bases naturaes*, vinha reconstituir toda a vida esthetica, collocar a arte moderna sobre novos fundamentos, mais solidos e mais veridicos. Conduzir os espiritos á natureza fecunda e creadora, collocal-os, elevados e augustos, em presença da Terra, afim de que della continuasse a correr a grande vida dos espiritos, — eis a obra que nos propunhamos realisar...

Não havendo luta de escolas, não se póde sinão dizer que a intervenção daquelle espirito social, a que acima me referi, e que, posso affirmar, surgiu aqui com o movimento naturista, ha de vir a determinar a orientação de toda a nossa intellectualidade. E isto muito naturalmente, porque ninguem mais pode ficar indifferente, deixar de se interessar pelo estudo dos palpitantes problemas contemporaneos, de cuja solução depende o destino da familia humana; e, portanto, a *questão social* vai ser o thema predilecto, o *leit motive* obrigado, o objectivo de todas as nossas locubrações de artista e de cantor. O espirito moderno não concebe a arte, qualquer que seja sua forma, senão social, tendo uma actividade vital e uma funcção humana. A arte é um apostolado social, e é um apostolado social porque é um sacerdocio da belleza, sendo sua principal missão : restituir á humanidade sua heroica belleza, desembaraçando o homen de todos os prejuizos moraes e religiosos, e estabelecer os laços que o unem á terra, formar a consciencia universal para produzir a synergia social—a anarchia.

IV

Não acredito que a obra literaria que se faz nos Estados venha a crear literatura á parte. Em quasi todas as capitaes de ordem secundaria, o trabalho intellectual é ainda mais escasso do

que no Rio de Janeiro, e o que é innegavel é que a qualidade de metropole política assegurará por muito tempo ainda a hegemonia da Capital Federal na esphera literaria. É verdade que muitos escriptores residentes em varios Estados, onde ha mais vida literaria, procuram seguir os aspectos e o caracter dos respectivos Estados, dar uma côr particular aos mesmos desejos, aos mesmos ideaes communs a todo um povo, parecendo isto, sob o regimen de federação, accusar velleidades de movimentos literarios regionaes.

Mas, nem S. Paulo, nem Pernambuco, nem Paraná, apresentam elementos capazes de delimitar-se da grande corrente central do Rio.

Não haverá talvez duas opiniões a respeito do ultimo quesito : a imprensa diaria, no Brasil, é o mas pernicioso dos factores entre os que embaraçam presentemente o nosso progresso literario. Ha males directos e males indirectos que devem ser attribuidos ao jornal. Entre os primeiros : elle perverte o estylo, rebaixa a lingua e relaxa a cultura. Entre os segundos : corrompe, divide, gera odios na propria esphera intellectual, suscita o espirito de *côterie* e mata entre os mais capazes todos os estimulos. »

De como se vê que só a idade e as desillusões podem fazer um homem justiceiro...

SOUZA BANDEIRA

O illustre Dr. Souza Bandeira escreve — nos esta carta longa e brilhante :

E' muito difficil, seja qual fôr o genero literario, indicar com exactidão os auctores que mais concorreram para a formação de alguem, e ainda mais difficil é a propria pessoa responder isso de si mesma. Ha sempre a equação individual, com que se deve contar, perturbando qualquer dosagem proveniente de leituras, e que impede o proprio individuo de ser a um tempo sujeito e objecto de observação. Esta resposta para ser sincera (o que me parece a condição essencial do inquerito) não póde deixar de ser vagamente approximada.

Para responder, pois, com a possivel segurança, julgo necessario remontar á época que medeiou entre 1880 e 1884, onde se formou a geração a que Sylvio Romero chamou a «Escola do Recife» e de onde sahiram Clovis Bevilacqua, Martins Junior, Graça Aranha, Arthur Orlando,

Virgilio Brigido, Anisio de Abreu e tantos outros.

Com a bagagem fartamente literaria e tenuemente scientifica que tinhamos os que então procuravamos o estudo do direito, traziamos da adolescencia o espirito cheio do romantismo pura de Hugo, Musset e Byron, canalisado para o Brasil por Alvares de Azevedo, Fagundes Varella e Castro Alves. Como base á rhetorica rançosa do tempo, algum conhecimento dos classicos latinos, desconhecimento completo dos classicos portuguezes, que as selectas de então nos faziam odiar, e um estudo um tanto superficial de historia, á moda do tempo. Como synthese, o deismo vago que se deduzia do eclectismo de Cousin, o qual então constituia a philosophia official. Como aspiração, uma indomita curiosidade de saber e um anhelo quasi angustioso pela liberdade de pensamento e pela emancipação do espirito no terreno social, literario e philosophico. Accrescente-se a isto um republicanismo sentimental e palavroso, aprendido em Castellar e Esquiros, e eis descripto o mais fielmente possivel o estado de alma da maior parte dos rapazes do meu tempo na época a que me refiro.

Nesta occasião, porém, começava no Brasil, especialmente em Pernambuco, a propaganda da philosophia experimental e da arte naturalista. Avidos de novidade, recebemos as doutri-

nas revolucionarias, como a sonhada Bôa-Nova, e cada um tomou a orientação mais quadrante ás suas aptidões pessoaes. Grande parte apaixonou-se pelo positivismo, vulgarisado por Littré de um modo tão seductor.

Quanto a mim, apezar de toda a admiração que ainda tenho por Augusto Comte, nunca fui positivista. Desde o inicio me enthusiasmei pelo evolucionismo conciliador e progressista de Spencer, para depois adoptar a concepção monistica do mundo explicada por Hæckel e Hartmann e completada mais tarde pela synthese criticista de Kant e Schopenhauer.

Nesta época, Tobias Barreto, o grande mestre, electrisava a mocidade com os estos de sua palavra fulgurante e imprimia nos que tivemos a fortuna de ouvil-o o profundo sulco que se faz sentir em todos nós, muito depois de desapparecido o prestigio da sua empolgante personalidade.

Taine e Renan coroaram esta intuição,—o primeiro com a applicação dos processos experimentaes á critica historica, philosophica e artistica, o segundo com o sorriso confortante do seu sadio scepticismo e da sua fina ironia. E foram estas as leituras basicas da intuição philosophica a que venho obedecendo ha uns vinte annos.

Literariamante, como todos do meu tempo, devorei a serie Rougon-Macquart, tomando ao pé da lettra o romance experimental e estu-

dando as arvores genealogicas organisadas por Zola com o confronto dos livros de psychologia de Ribot. Daudet, os Goncourts, Maupassant e sobre todos o immortal Flaubert foram com Zola os auctores que mais fundamente me calaram no espirito e me fizeram considerar o naturalismo como a applicação á literatura do espirito novo que então havia invadido a philosophia.

Posteriormente, as idéas, e principalmente os sentimentos suggeridos pela capitosa litteratura do norte, me fizeram ler Ibsen e Tolstoi, Torguenief e Dostoiewsky, considerando assim alargado para a grande obra da regeneração social o plano relativamente estreito do romance experimental, como a principio entendia Zola, o qual, aliás, nos seus ultimos livros (*Fécondité*, *Vérité*, *Travail*) seguiu esta orientação.

Como cultura geral, além de Dante e Shakespeare, sempre tive por escriptores favoritos, entre os allemães, Gœthe, Schiller e Heine; entre os francezes, Montaigne, Rabelais e Molière. Dos contemporaneos só Anatole France me desperta as impressões que ainda guardo das leituras de Renan.

Ultimamente volto as minhas vistas para os antigos, o que afinal é hoje o meio de saber alguma cousa de novo. Leio dos latinos Horacio, Virgilio, Juvenal, Plauto, e Lucrecio, e dos gregos (infelizmente através de traducções) Homero, Aristophanes, Sophocles e Eschylo.

Finalmente, para recuperar o tempo em que desdenhava os classicos e achava elegante escrever em portuguez afrancezado, dedico algum tempo por dia em ler: dos antigos Camões, Vieira, Bernardes e frei Luiz de Souza; dos modernos Herculano, Garret, Camillo e Eça de Queiroz, este ultimo, já se vê, não como classico mas como a organisação artistica mais completa de todos os que modernamente escreveram em portuguez. São estes os auctores que mais tenho lido. Terão elles concorrido para a formação do meu espirito? Não sei...

Os meus trabalhos? Pobre de mim! Andam esparsos por quanto jornal tem sido victima da minha mania de escrever. De muitos já me esquece, de outros hoje me envergonho e dos que poderiam ter mais interesse formei um volume que a casa Garnier (sem reclamo) teve a bondade de editar.

Como tantos outros no meu caso, tenho na cabeça um ou dous romances, outros tantos livros de critica, talvez um livro de historia. Terei algum dia tempo e lazer para escrevel-os?

Considerando o momento actual, ninguem póde dizer que atravessamos um periodo estacionario. A frequente producção de livros, embora em sua maioria pertencentes ao que José Verissimo chama literatura apressada, o apparecimento de jovens e ardentes aptidões literarias, a publicação de novas revistas (nada menos de

tres que promettem não ser ephemeras, só no Rio de Janeiro), tudo demonstra haver um certo renascimento na nossa vida intellectual. Sí tal movimento será duravel e prolifico, sí a nossa geração não desmentirá para o futuro as actuaes promessas, é o que por ora não se póde saber.

Quanto ás escolas a que se refere o questionario, é difficil accentual-as.

Ha tendencias de espirito correspondentes ás correntes que hoje dominam o mundo intellectual, ha as differenças provenientes da idyosincrasia de cada escriptor.

Aliás, no estado presente da evolução intellectual, é isso o que se dá por toda a parte. Cedendo ao irresistivel espirito da época, que se faz sentir em todos os aspectos da vida humana, desde a religião até á politica, a literatura e a arte têm hoje um cunho accentuadamente social. Os puros esthetas, insulados na torre eburnea de uma arte impessoal e ímpassivel, não correspondem ao momento actual, e seja qual fôr a pompa de que revistam o seu estylo, ficarão, como D'Annunzzio, fóra do seu tempo.

Sí esta é a tendencia geral, bem accentuada nos demais paizes cultos, ella tambem é verdadeira para o nosso meio cultural. Os nossos escriptores, dos que hoje estão nos casos de imprimir um movimento literario, todos mais ou menos se resentem d'esta influencia. Vindos

do romantismo ideologista que lhes animou a adolescencia, influenciados pelo advento da philosophia moderna (positivismo francez, agnosticismo inglez, monismo allemão ou mesmo scepticismo renaniano) e arrastados pela irreprimivel tendencia de regeneração social, elles trazem para os seus livros os resultados desta triplice influencia, a que o cunho individual, a fórma especial do talento, a diversidade de estylo, a variedade de leituras, dão como resultante a maneira especial de cada um.

Na poesia cabe falar, em primeiro logar, de Machado de Assis, o mestre superior e impeccavel. Sahindo do puro romantismo na época em que este florescia tyrannicamente, nunca se deixou escravisar por elle; passou pelo indianismo sem os exaggeros a que não resistiram espiritos cultos como Gonçalves Dias e José de Alencar; pagou o seu tributo ao symbolismo sem a forma enigmatica dos epigonos, atravessou emfim todas as escolas e todas as épocas sem perder a originalidade, por assim dizer casta, do seu espiríto e chegou até nós com toda a força de uma pujante individualidade, servido por uma linguagem simples sem trivialidade, lidima sem grammatiquices, a qual faz delle um verdadeiro escriptor classico.

Depois, os tres grandes poetas da nossa geração : Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Todos tres sahidos do romantismo,

todos tres penetrados do espirito moderno, todos tres augustiados pelos problemas que perturbam a sociedade actual. As differenças que nelles se notam não fazem mais que accentuar a individualidade litteraria de cada um, mas não fornecem base para separal-os em escolas.

Em Alberto de Oliveira, o culto extremado da fórma, a pureza do rithmo, « os versos marmoreos e espaçosos » como os desejava Sully Prudhomme. Em Bilac, o lyrismo sensual, o deslumbramento pela plastica, o apaixonado anhelo da belleza immortal. Em Raymundo Corrêa, o pessimismo delicado e doentio, a preoccupação moral, a piedade systematica pelo soffrimento. Em todos tres, o verdadeiro espirito poetico independente das ephemeras escolas, superior ás ridiculas subdivisões dos pretensos departamentos literarios, que os fará sempre comprehendidos e admirados seja qual fôr a época em que se os leia.

Ao lado delles temos uma boa porção de estimaveis poetas e um numero infinito de fazedores de versos. Em todos domina o lyrismo, essencial aos poetas brasileiros, oriundo da raça, bebido com o leite, diffundido pelo quente sangue iberico, no sensualismo ardente das duas raças inferiores com que elle se caldeou e enervado pela constante suggestão do nosso meio tropical.

Eis porque a poesia brasileira foi sempre ly-

rica nos mais salientes representantes passados. Eis porque ainda hoje tem uma forte base de lyrismo que se trahe através de todas as varias maneiras dos poetas contemporaneos, no idealismo suggestionante de Luiz Delphino, nas metaphoras de Luiz Murat, no equilibrado enthusiasmo pela natureza em Augusto de Lima, na desenvolta sensualidade de Guimarães Passos, na mallograda poesia scientifica do mallogrado Martins Junior, até nas duquezas de B. Lopes.

Formando um typo á parte, pela apurada procura do elemento classico, pela distincção elegante no escrever, pelo conhecimento da technica do verso, pelas felizes tentativas de modificação na metrificação corrente, não se póde deixar de notar Magalhães de Azeredo.

Quanto ao romance, é mais facil accentuar as differenças, sí não de escolas, ao menos de tendencias literarias e de aptidões individuaes.

Machado de Assis em primeiro logar. Como romancista ainda mais do que como poeta lhe cabem as observações que fiz acima. A maliciosa ironia do seu humorismo sob a fórma apparente de uma placida vulgaridade, o apuro da sua prosa fluente e castigada, os finos conceitos de que estão recheiados os seus livros, a firmeza com que em quatro traços desenha o lado moral dos seus personagens, supprem generosamente a despreoccupação do meio physico, em que se desenvolve a acção dos romances,

e a falta do que se chama enredo. A leitura dos seus livros deixa uma impressão parecida com a que desperta o enigmatico sorriso da *Gioconda* de Leonardo da Vinci. Um escriptor como Machado de Assis é forçosamente um escriptor individual. Nem pertence á escola alguma, nem póde formar escola sua.

Outro prosador individual é Coelho Netto, cujo estylo rebuscado até o ponto de se tornar ás vezes arestoso, ao serviço de uma imaginação tropical, abrange varias fórmas, desde o symbolismo literario adaptado das lendas estrangeiras até o estudo da vida rude dos nossos sertões. A sua preoccupação essencial é o lado tragico da natureza e da sociedade, preoccupação que influe poderosamente na sua maneira impressionista de escrever. A escola de Coelho Netto não sei qual seja.

Aluizio Azevedo apresentou-se em campo como o porta-bandeira do naturalismo e os seus primeiros romances justificaram brilhantemente o seu intento. Posteriormente, no *Livro de uma sogra*, parece inclinar para o psychologismo, sem perder todavia a maneira antiga. É muito de desejar que este romancista interrompa finalmente o longo silencio a que se tem obrigado. Não lhe falta nem observação nem colorido, e basta comparar o seu ultimo livro com os do inicio para ver como melhorou a sua linguagem.

O romance de costumes é representado, e brilhantemente, por D. Julia Lopes de Almeida, escriptora fina e conscienciosa; por Domingos Olympio, admiravel na côr local e no desenho dos caracteres, e Emmanuel Guimarães, cujos romances bem observados, bem pensados, bem delineados, só têm o defeito (facilmente corrigivel, dado o talento do auctor) de uma linguagem como que propositalmente incorrecta.

A preoccupação social tem dous representantes: Curvello de Mendonça com *Regeneração*, verdadeiro typo do romance de these, e Graça Aranha no seu formoso *Chanaan*, cheio de admiração pantheista pela nossa natureza, magnifico de observação da vida do interior, repassado de um alto e philosophico symbolismo e prenhe dos mais momentosos problemas sobre a luta das raças no continente americano.

Esta feição de concorrer para os problemas que torturam a humanidade, de discutir (com ou sem fórma de these) as questões de que depende o bem estar da sociedade, me parece a que tende a predominar no nosso meio literario, como alíás em todos os outros aos quaes nós imitamos.

No conto, genero que tem sido entre nós cultivado em demasia, além de Machado de Assis e Coelho Netto, occupam logar saliente Affonso Arinos, estudando com deliciosa exactidão a vida sertaneja; Domicio da Gama, em quem pre-

domina um psychologismo como que ironico; Lucio de Mendonça, escriptor de apurada linguagem; Medeiros e Albuquerque, Garcia Redondo Affonso Celso e Arthur Azevedo. *J'en passe*...

O genero é por demais ephemero para que se lhe possam descobrir tendencias.

Não creio que o desenvolvimento dos centros litterarios dos Estados tenda a formar literaturas á parte.

É verdade que actualmente se nota nos centros cultos dos Estados um movimento que já começa a ser pronunciado e que em muitos delles se prende a longinquos antecedentes. No Pará, no Ceará, em Pernambuco, no Rio Gande do Sul, até em Goyaz fundam-se Academias, havendo mesmo no ultimo destes Estados senhoras *immortaes*. Isto, porém, constituirá uma tendencia para formar literaturas exclusivistas, ou pelo contrario será uma manifestação do mimetismo literario?

No Brasil, o numero dos que leem é insignificante e, apezar de tudo, ainda é o Rio de Janeiro onde mais se lê. Os pequenos, corajosos e sympathicos grupos que nos Estados trabalham pelas lettras lutam com difficuldades de todo o tamanho, desde a falta de editores até a escassez dos leitores. O Rio de Janeiro é sempre o grande centro para onde converge a vida social, politica e cultural do paiz. Sem a sua consagração, difficilmente se podem formar reputações lite-

rarias. Sem a sua animação, difficilmente estas reputações podem produzir os resultados que procura todo homem de lettras.

Não justifico nem exaggero o facto. Verifico-o apenas, tanto mais quanto elle não é novo. Já nos tempos que medeiavam entre a Regencia e o Segundo Reinado, os poetas provincianos glos savam este motte:

Sem grande córte na Côrte
Não se póde melhorar.
O córte é que nos faz bem,
A côrte é quem nos faz mal.

E agora, sob o regimen da federação, as cousa- não mudaram. Eis porque todos procuram viver no Rio, visital-o com frequencia ou estar em communicação com os centros cariocas para conseguirem as mesquinhas vantagens que no Brasil se offerecem aos que exercem a pouco invejavel profissão de homem de lettras.

Nestas condições, como suppor que nos Estados se formem literaturas á parte?

Além disso, na essencia das cousas, não existe fundamento para estabelecer differenças radicaes entre as literaturas regionaes do Brasil. Salvo insignificantes particularidades, os costumes, o *falk-lore*, as crenças, as aspirações, os desanimos, até a preguiça, são os mesmos em todo o Brasil, e, servidos pela mesma lingua, impressionam da mesma fórma os cerebros con-

formados segundo as leis de evolução da mesma raça.

Finalmente, a maioria dos escriptores que florescem na Capital Federal são filhos das provincias, que, depois de haverem passado nellas a adolescencia ou a mocidade (precisamente as épocas em que as impressões estheticas calam mais fundo) vêm para aqui despender o capital intellectual que lá enthesouraram. *O substractum* da cultura é o que veiu do torrão natal. A vida do Rio de Janeiro nada mais fez que limar as arestas e encher os claros. As producções de todos os poetas e romancistas dos Estados, aqui acclimados (e estes se chamam legião), comprovam inteiramente o meu asserto.

E pelos Estados existem actualmente numerosas aptidões literarias que aspiram pelo momento em que a seu turno possam se exercer no Rio de Janeiro com os materiaes que hoje estão accumulando.

A pergunta relativa ao jornalismo exige um *distinguo* e um *sub-distinguo*.

Si se tratado jornalismo puramente industrial, destinado a servir ao publico um determinado genero de consumo sem outra preoccupação além de obter maior lucro com menor despeza ou *vender muito para vender barato*, acho que elle é um factor tão importante para a literatura como o commercio de roupas feitas ou o negocio de carnes verdes.

Sí porém se trata de fazer um jornalismo literario ou ao menos de introduzir nelle uma pequena dóse de literatura, é bem de ver que com ser ephemero elle constitue um genero apreciavel. Ao lado dos telegrammas, do noticiario, das taxas de cambio, das publicações a pedido, os jornaes costumam permittir que assumptos litterarios occupem algumas columnas, sobre as quaes os burguezes não desdenham passar um olhar distrahido, quando a viagem do bonde lhes dá tempo. É-me grato lembrar que esta salutar innovação é devida á *Gazeta de Noticias*, graças áquelle completo jornalista, forrado de um finissimo homem de lettras, que se chamou Ferreira de Araujo.

Assim considerado, o jornalismo não póde deixar de ser um bom factor para a arte literaria, pois que lhe serve de vehiculo, sem falar nas preciosas vantagens do reclamo indispensavel para tudo, até para as lettras.

GUSTAVO SANTIAGO

O Sr. Gustavo Santiago é o exotico poeta do *Cavalleiro do Luar* e dos *Passaros brancos*, a hypertrophia do nephelibatismo.

Um cavalleiro a quem pergunto onde mora artista tão complicado, previne-me:

—É um homem com a mania de dar na vista. Ultimamente offereceu um almoço aos amigos. O primeiro prato foi uma salada de violetas, temperadas—como as alfaces—com azeite e vinagre!

Não recuei espantado. A mim sempre me estava parecendo que o Sr. Gustavo Santiago era o mais simples e o mais encantador dos homens. E com effeito. Cavalleiro do Luar atravessando oceanos de erysipelas, passaros bizarros, idéas exoticas, complicações de versos livres, quebrados, harmonicos, inharmonicos, intencionistas,—tudo isso é a apparencia, o broquel para fazer pasmar o burguez.

Na intimidade o Sr. Gustavo Santiago, com um *pince-nez* de myope a encobrir dois lindos

olhos doces e femininos, é o proprio bom senso.

Recebe-me affectuosamente e começa tratando-me de illustre jornalista.

—Ha de permittir o illustre jornalista qualifique a pergunta de obscura. Acho-a vaga de mais, não abrangendo precisamente o fim collimado, ou indo além delle, para merecer resposta perfeita. Entendamo-nos. Si o que o amigo pretende é saber onde colhi as idéas geraes, sobre que se baseiam as minhas opiniões, sobre que assenta a minha orientação esthetica, sobre que se desenvolvem os meus escriptos em prosa e em verso, dir-lhe-ei que em todos os livros lidos, em todos os recantos do globo visitados, em todos os gestos e olhares surprehendidos, em todas as amarguras e satisfações experimentadas, emfim em tudo que constitue a Vida. Si, porém, o que deseja é que lhe nomeie poetas, romancistas, *conteurs*, philosophos, criticos, com os quaes houvesse aprendido a tornear a phrase, a arredondar o periodo, a polir o epitheto, a relevar o verbo, consinta lhe declare com absoluta franqueza nenhum poder infelicitar-se de tamanho peso á cauda.

Decorei nos tempos de collegio as regras, até agora sem o menor valor para mim, da grammatica então adoptada, e creio ter vindo disso a rara desventura, que me segue, de não dispor de memoria. Não nasci para copista...

—Entretanto, não me poderá apontar, entre os escriptores com quem tem confabulado, quaes os que maiores e mais duradouras emoções lhe têm fornecido?

Da melhor vontade. Na lingua portugueza enumerar-lhe-ei Camões, Herculano, Thomaz Antonio Gonzaga, Fagundes Varella; nas outras, Lamartine, H. F. Amiel, Dante, Schiller, Longfellow, Schakespeare, Taine e o assombroso Balzac.

—E das suas obras qual a que prefere?

—Houve um instante que todas as minhas sympathias se voltaram para as *Saudades*, publicadas em 1892, em Coimbra. Veiu depois o poema *O Cavalleiro do Luar*, tão mal acolhido pela chamada critica indigena e, no emtanto, de resultados tão completos junto ao publico. Por fim, foram os *Passaros Brancos*. Hoje...

—Hoje... ?

—... é o livro em que ando a trabalhar.

—De sorte que V. não tem preferencias por esta ou aquella de suas obras?

—Naturalmente. Nem eu concebo um pai com mais amor a um filho do que a outro. Não são todos filhos?

—No que importa á prosa e á poesia contemporaneas, separadamente, parece-lhe que no momento actual, no Brasil, atravessamos um periodo estacionario? Haverá novas escolas? Haverá luta entre escolas antigas e modernas?

—No que refere á poesia, ou, melhor, ao verso, julgo não errar, assegurando ser o momento de luta. Ha, de um lado, o parnasianismo, que, agonisante, a debater-se nas vascas da morte, tenta por todas as formas resistir, apegando-se até á taboa de salvação de todas as intelligencias extinctas do classicismo; ha de outro lado, o que, de maneira geral, se convencionou denominar no Brasil e em Portugal nephelibatismo, e que tão desastradamente tem sido interpretado e comprehendido entre nós. Lembra-se da apreciação de Sylvio Romero, filiando o movimento aqui a não sei que producto poetico de um vinhateiro, que ha lá na peninsula iberica, em Portugal, chamado Guerra Junqueiro? Pois é assim que a nossa critica se externa, e, olhe, Sylvio é dos mais competentes, si não o mais auctorisado. Imagine o resto... Não estamos no verso estacionario; as duas cohortes em frente provam o inverso, a actividade. Emquanto os parnasianos, unidos aos classicos e aos romanticos, que ainda os ha, querem o *statu quo*, a conservação de formulas que o tempo e o uso immoderado tornaram immoraes, como o adjectivo com a accepção rigorosa do diccionario, o numero de syllabas muito de accordo com os compendios, os accentos muito direitinhos nos respectivos logares, a imagem muito terra-á-terra, a supportar a analyse do burguez, a rastejar, a rima a opulentar-

se ridiculamente num trabalho todo de paciencia e rebuscamento por alfarrabios e empoados cadernos de sacristia, — os nephelibatas, insurgindo-se, arremettem contra tudo isso, na predica do verso livre, na affirmação alta da imagem com azas, pairando inaccessivel em regiões estellares, em mundos outros que não os devassaveis pelo olho philisteu. Os « velhos » pretendem a arte-habilidade; os « novos » pretendem a arte-sonho. Os primeiros, partindo do ponto de vista falso de que a paizagem nada mais é do que um quadro, de que o homem nada mais é do que um simples animal obedecendo estrictamente ás leis bio-physiologicas, que governam todos os outros, baniram da arte a emoção, o sentimento, a jungil-a ao termo preciso, a senhoreal-a á descriptiva, a nivelal-a á photographia. Os segundos, tomando como verdade o pensamento de Amiel, de que a paizagem nada mais é si não um estado de alma e de que o homem, com ser um animal, não é menos um coração, nem menos um espirito, procuram reintegrar a emoção, recollocar no altar o sentimento.

Si o combate não está travado com o ardôr e o arruido, com que o fizeram em outras épocas outras phalanges, nem por isso cabe a suppo-sição de uma invejavel paz nos arraiaes bellet-tristicos.

Acredito mesmo que nunca o Brasil intellec-

tual andou um quarto de hora mais bellicoso.

O que se deverá de registar é que da parte dos que surjem, sabendo ao que vêem, tem havido mais delicadeza, mais respeito pelo valor pessoal dos que o possuem, mais consideração para com os meritos alheios.

Nelles a comprehensão do problema é mais nitida, e dahi não sentirem a necessidade de ataque a quem quer que existe só pelo facto de rumo diverso. As pedras e os espinhos da estrada apenas ferem a quem por ella envereda, e não vale ir atraz do que ao bom preferiu o máo caminho.

E accresce que em materia de esthetica a discussão nunca foi nem será productiva. Cada qual faz do Bello o juizo que melhor lhe quadra e é inutil querer convencer de erro ou falha.

Sobre tanto penso com Luiz Dumur que cada poeta com talento é um principe na sua ilha.

É verdade que existem por ahi uns irrequietos discipulos de Cruz e Souza, que, de quando em quando, borbulham a insultar, a injuriar, crendo assim honrar a memoria do mestre. Convém, comtudo, descontar em alguns a idade, em outros a falta de laços familiares fortes, em terceiros o desvio da sua verdadeira carreira.

Não se recorda do epitheto « mulato », atirado por um desses moços a Gonçalves Dias?...

Na poesia, pois, e em resumo, eu diviso duas

orientações differentes, em antagonismo, disputando-se valorosamente o predominio do momento, ainda que sem fragor, nem escandalo —o parnasianismo e o nephelibatismo—, o primeiro, correspondendo, na ordem philosophica, ao materialismo; o segundo ao espiritualismo.

—Qual a que julga destinada a predominar?

—Necessariamente a ultima, como a melhor apparelhada para as responsabilidades do momento esthetico brasileiro, como a mais consentanea com a transformação, que de tempos se vem operando na alma popular nacional. Devo dizer-lhe que não estou de modo algum filiado a nenhuma dellas, embora já me acoimassem pelas columnas de jornaes de chefe do symbolismo. Todavia a verdade, tal qual a vejo nos meus segundos de philosopho, é essa.

Desbastadas as arestas, que o nephelibatismo ainda apresenta, cortados em seus productos certos exaggeros, aliás desculpaveis, ver-se-á não contar o lyrismo com substituto mais digno, nem mais serio.

Dispense-me fundamentar o conceito; levar-nos-ia longe e, como o assegura o inglez, *time is money*.

—Quanto á prosa?...

—No relativo á prosa, ou, melhor, ao romance, tambem a luta é a nota em destaque. Tres ten-

dencias se desenham ao olhar do observador, caracterisadas no romance naturalista, ou de costumes, no romance social, ou de these, e no romance psychologico.

Em tempos dominou exclusivamente o campo o naturalismo. Com o abuso, porém a que se entregou, do esvurmar continuo das partes cancerosas da sociedade, com o gasto desmedido que fez de descripções e scenas demasiado crúas, teve que bater em retirada, e ceder o palco ao psychologismo e ao socialismo. Hoje são estes dous os que contendem, e não se me affigura desrazoavel augurar a victoria do primeiro.

—E quaes os escriptores contemporaneos que representam as diversas escolas, tanto na poesia como no romance?

—Do lado das formulas velhas, o meu amigo Alberto de Oliveira e Aluizio Azevedo, Augusto Lima, Julia Lopes de Almeida, Machado de Assis e Olavo Bilac; do lado das novas, Alphonsus de Guimarãens, Arthur Lobo, Curvello de Mendonça, Esperidião de Medeiros, Emiliano Pernetta, Fabio Luz, Mario Alves, Nestor Victor, Pethion de Villar, Oliveira Gomes. Talvez estranhe não lhe citar os nomes de Luiz Murat e Luiz Delphino... Considero-os á parte, numa categoria de luz em que são poucos os que entram.

—O desenvolvimento dos centros literarios

dos Estados tenderá a crear literaturas a parte?

— Não o creio. Elles, sí por um lado possuem a paizagem e mesmo costumes, por outro não poderão nunca possuir usos, modos de vida perfeitamente proprios; a vida lá, pelo menos emquanto a lingua fôr a portugueza, nunca deixará de ser uma simples repercussão da nossa. E mesmo a posição privilegiada do Rio está a indicar que, qualquer que seja a sorte da capital politica do paiz, emquanto os vinte Estados se mantiverem unidos na formação do Brasil, a capital de facto ha de ser sempre aqui. Por isso não acredito possam os centros literarios estaduaes vir a crear literaturas especiaes.

—O jornalismo, especialmente no Brasil, é um factor bom ou máo para a arte literaria?

—Encarando-o sob o aspecto da pratica, do exercicio, considero-o dos peiores. A facilidade com que o publico acceita quanto se lhe dá; a maleabilidade de espirito necessaria no jornalista para o enfrentamento das questões as mais diversas; a pressa com que se é obrigado a trabalhar na redacção, a attender á urgencia da hora; a banalidade e leveza de commentarios, a que se é forçado—são elementos nocivos, que acabam esterilisando, matando o homem de lettras.

Depois, V. está na lide e não ignora, no jor-

nalismo a nota predominante é o bom senso, a chapa, o logar commum, o *cachet* promptinho, tudo como sempre e como em toda a parte, e isso é a asphyxia lenta da originalidade de cada um, o assassinato frio e pausado do poder creador peculiar a cada individualidade. Eu poderia exemplificar, mas as horas adiantam-se... Não quer isso, porém, significar que o jornalismo não seja um bello factor de engrandecimento social e sobretudo um magnifico meio de reclame... para as nossas obras. »

Como se vê, tudo quanto ha de mais cordato e de mais calmo. O *Cavalleiro do Luar* afinal razoavel...

Eu sou como o formoso Cavalleiro
Que a branda luz adormeceu do Luar
E nunca mais, formoso Cavalleiro,
E nunca mais tornou a despertar.

JULIO AFRANIO

Julio Afranio é o auctor da *Rosa Mystica*, poema impresso em Leipzig com as côres do iris; Julio Afranio é tambem, além de escriptor de raro talento, um dos nossos mais illustres psychiatras.

É delle esta carta :

Querido João do Rio.—Sua indulgencia, desejando resposta a um inquerito literario, obriga-me talvez a merecer a pecha de presumido. Valha-me o não poder furtar-me á sua benignidade, sem descortezia.

1°.—Sobre a minha « formação »... Não lhe parece emphatico? Não sei de muitos em nossa terra que, como o Sr. Nabuco, possam fallar, com interesse para outrem de sua « formação ». Muito mais os amorphos.

Si posso transmudar em preferencias literarias o conteudo de sua pergunta, dir-lhe-ei que Nietzche, d'Annunzio e Mæterlinck, para os dias festivos do espirito; e Anatole France, Eça de Queiroz e Machado de Assis, para a intimidade

de todas as horas, são os meus auctores predilectos... Os velhos, sobremodo os recuados, faço como toda a gente, respeito-os e penso que lhes não faz falta o meu trato. Prefiro os contemporaneos no momento mesmo, a guardal-os para o applauso de meus vindouros. Sei que não é esse o uso literario. A literatura official, como o vinho e o café, deve ser velha, para ser louvada.

Os auctores infelizes, que não tiveram louvores nem editores, que se consolem com a possibilidade de uma estatua, no futuro, ou a probabilidade de enriquecerem dahi a trinta ou cincoenta annos os que os explorarem. Eu, de mim, supponho que os literatos, como os creados, devem ser pagos em dia : com a remuneração, o louvor, a consideração que merecem. É uma determinante de minha preferencia pelos presentes. A outra, de ordem psychologica, e esta egoistica, é que eu sinto melhor o que observa, imagina, representa ou deduz um auctor de meu tempo, de meu meio, de minha civilisação, que um sujeito de uma era, um paiz, uma sociedade que não conheço.

O mais é prazer do exotico e do anachronico, quando não velleidade de erudito : e aquelles são os dyspepticos da literatura : estes, individuos que têm como profissão se aborrecerem e; ás vezes, aborrecerem os outros.

Não vale isto dizer que desrespeito os velhos

consagrados; não. Venero-os, e possivelmente os leio com acatamento e fastio.

2.º—Qual prefiro de minhas obras?... Quem não aspirou ainda ser auctor de uma obra ou de muitas obras? Eu, como todo o mundo. Das *minhas*, prefiro certamente as que não escrevi, e, se um dia isso fôr passado ou presente, a que não escreverei. Realisar o ideal é degradal-o. Isso pode ser acaciano, mas explica a razão de minha preferencia.

3.º—Não, não me parece que no momento actual haja esta gnação literaria no Brasil. Ao envez, lembro que, á parte Alencar e Castro Alves, quasi todos os nossos grandes engenhos literarios vivem, e fecundos ainda. Sí são precisos nomes, os de Machado de Assis e Aluizio de Azevedo, Olavo Bilac e Raymundo Corrêa, José Verissimo e Araripe Junior, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa, João Ribeiro e Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto e Julia Lopes, Graça Aranha e Domingos Olympio, Affonso Arinos e Euclides da Cunha... e tantissimos outros, romancistas, poetas, criticos, pamphletarios, polygraphos... deporiam favoravelmente.

Respeito á luta entre *novos* e *definitivos*, nada ha a dizer de novo, porque isso é já definitivo: os que chegaram e venceram estão senhores da situação; os que chegam e os aggridem desejam aquella victoria e esta situação. Isto se faz ás

vezes com talento, mas, entretanto, com pouco espirito e muito insulto.

As *coteries* tem apenas o merito de, sobre o adubo da mediocridade conglomerada, fazer nascer o destaque de um talento que por ventura ahi se encontre. Para a geração seguinte este já definitivo amargará com o insulto tal consagração.

Predominará, porém, certamente, quem tiver talento e souber usal-o: são as machinas que impulsionam os navios, e não as cores de que são pintados ou o nome que trazem na pròa. É rudimentar, mas a applicação não parece.

4.º—Não creio que o desenvolvimento dos centros literarios dos Estados possam crear literaturas á parte: a identidade de lingua, a uniformidade de costumes e a mesma tendencia imitadora dos defeitos francezes bastam para assegurar a unidade literaria do Brasil.

5.º—Sim, o jornalismo, em toda a parte, tem sido um factor de arte literaria, e isto é razoavel, quando o jornal tende a substituir o livro, cada vez mais. Sí é apressada, ás vezes, tal literatura, lucra, por outro lado com a diffusão.

No Brasil... diga-me, á puridade, não é imprudente conversarmos este assumpto?... Demos que influencia, e muito favoravelmente.

AUGUSTO FRANCO

O Sr. Augusto Franco, de Minas, manda-me dizer que não póde responder aos dous primeiros quesitos, porque, além de complexos, seriam uma autobiographia quasi pretenciosa. Quanto aos dous ultimos, o illustrado critico transcreve na resposta um trecho do seu livro *Fragmentos literarios*, sobre a idéa de estreitamento de relações literarias entre as nações, e continúa :

Muitos eram os adeptos dessa e de outras idéas, quasi identicas em relação á necessidade de um estreitamento de convivencia literaria e mesmo scientifica entre as nações. Delles avultavam os nomes de Henrich Laub, Paulo Heyse, Geibel, Gneist, Werder, Czermk, Rosenthal e outros celebres literatos e doutores, tambem *desmiolados e asneirões*.

Na França, na Hollanda, na Russia, na Inglaterra, na Italia e até na Hespanha, essas idéas já iam tomando corpo, por isso que nesses differentes paizes já se haviam mesmo creado secções filiadas ao centro tedesco.

Pois é na persuasão de que não me saia pela frente algum *carvoeiro* malcriado e atrevido, que ouso divulgar a idéa de se pôrem em acção convergente os meios necessarios á communicação e congregação intima dos variados elementos literarios esparsos pelos diversos Estados do Brasil.

E é, indubitavelmente, á critica literaria brasileira que cabe tal mistér. É a ella, com effeito, que cumpre, por meio da analyse conscienciosa e justiceira dos trabalhos dos differentes escriptores nacionaes, tornar destes conhecidas as obras de valor, pondo-os em contacto espiritual, aguçando entre elles a curiosidade e o interesse pela procura e conhecimento dos trabalbos de merito, afiando-lhes, por fim, a vontade de conchegar as relações literarias de mais em mais, cada vez com redobrado afinco e avidez.

Já que a nossa Academia do Lettras não se interessa por essas cousas, tentemos conseguil-o por meio da analyse critica no livro e no jornal, pois impossivel é quasi a fundação de centros literarios nos Estados, subordinados a um centro-director, que, na hypothese, poderia ser a propria Academia, sí, acaso, cogitasse ella de semelhantes nonadas...

Entre os fins mais nobres, destinados á missão da critica brasileira, está, pois, o de fazer conhecidos entre si os nossos escriptores, aca-

bando com essa crassa ignorancia que occulta aos talentos aprimorados do norte as mais bellas intelligencias do sul, e vice-versa.

Sociologica, esthetica, psychologica, determinista, ou o que mais seja, a critica literaria deve tambem ser um instrumento pratico e honesto de vulgarisação dos bons trabalhos e um vehiculo justiceiro para a cohesão das capacidades intellectuaes.

Que todo o Brasil, de norte a sul e de léste a oéste, se conheça e se confraternise literariamente, por meio de uma critica imparcialmente disseminadora e diffusiva, que terá como resultante a creação de uma *literatura inter-estadoal*, ou formação integral da *literatura brasileira*, forte, robusta, vigorosa, inteiriça.

Era este o meu pensamento em 1901. Hoje, não está absolutamente abalado. Hoje, como então, ponho em duvida a existencia de centros literarios estadoaes, e chego mesmo a negar a integração definitiva da literatura patria.

Nos Estados ha grandes talentos, brilhantes illustrações, homens de rara e notavel capacidade mental, escriptores e pensadores de fina tempera, que se não trocam por certos nullos empavesados da rua do Ouvidor—chloroticos representantes de uma literatice morbida, doentia, aquosa, anemisada pelo elogio de confraria ridicula e pulha.

Entretanto, por multiplas circumstancias, a ca-

pital da Republica será ainda por longo tempo o fóco principal de convergencia das aspirações á consagração literaria.

Podem nos Estados refulgir, luminosos e rutilos, talentos vigorosamente cultivados; podem sobresahir aureolados por uma photosphera intensa, nas sciencias, nas lettras, nas artes, no jornalismo, no ensino; mas, sí o Rio de Janeiro os não consagra (felizmente ha muita gente ahi que não faz côro com o *empurro mutuo*), jamais romperão a penumbra provinciana.

No seu escripto *La Nationalité et l'Etat*, o sociologo Novicow observa que as capitaes das nações são geralmente centros intellectuaes mais poderosos. É nellas que se centralisa a elaboração das idéas e dos sentimentos. É ahi que a literatura brilha com um fulgor mais vivo. É ahi que se encontra a *élite* social, na expressão de Comte.

Tudo isso é verdade, não ha negar. Mas como bem accrescenta o mesmo publicista noutro trabalho intitulado *L'évolution de l'organisme social*, ha differença entre aquella e a *élite* intellectual.

Sí a primeira, de facto, se concentra nas capitaes, a segunda « est répandue, dans une certaine mesure, sur toute la surface du territoire d'une nation ».

Donde se conclue que as capacidades mentaes de plano superior não constituem privilegio das sédes politicas dos paizes.

E é necessario ajuntar que o Rio está cheio de escriptores provincianos, que lá não foram adquirir nem mais talento nem mais aptidão, mas apenas tornar-se mais conhecidos, lidos e apreciados.

Duas linhas agora acerca do ultimo quesito.

O jornalismo, em qualquer parte do mundo, e sobretudo no Brasil, e particularmente ahi no Rio, póde ser um factor optimo ou um factor pessimo da arte literaria.

É pessimo, quando os seus directores não têm criterio na escolha das producções que a collaboração irresponsavel e duvidosa de rabiscadores mediocres lhes offerece; quando permittem que os proprios auctores elogiem ou mandem elogiar os seus livros com fins essencialmente mercantis; quando afastam os escriptores de real valor, de merecimento comprovado, e protejem as nullidades apavonadas.

É igualmente pessimo e, mais do que isso, profundamente pernicioso, quando dirigido por typos ignobeis como aquelle finamente caracterisado por Villiers de l'Isle-Adam nos seus bellisimos *Contes Cruels* (pags. 34-51).

Mas quando o jornalismo conta entre os seus mentores um vulto da estatura moral do pranteado e meigo Ferreira de Araujo, então elle é bom, elle é fecundo, elle é optimo, não simplesmente como vigoroso factor literario, sinão tambem como um nobre impulsor da civilisação de um povo.

Tocando o nome augusto do grande e saudoso mestre da imprensa brasileira, não parece fóra de proposito recordar um facto que deve ser aqui narrado por ter estreita connexão com o assumpto deste artigo.

Um moço de merito, mas desconhecido, um moço, que muito promettia, escreveu um dia um esplendido conto. Onde publical-o?

Sem apresentação, sem protecção literaria (até nas lettras é preciso ter protecção no Rio!...), entendeu, comtudo, de ir procurar o querido director da *Gazeta de Noticias* para que lhe publicasse o conto.

Foi por uma bella tarde, após o jantar, que Ferreira de Araujo, obeso, risonho, no jardim, a palitar os dentes, recebeu o joven estreiante. Depois de, naturalmente, lhe ter dito alguma phrase corriqueira, igual áquella que Th. Gautier, no seu livro *Portraits Contemporains* (pag. 47), conta haver dirigido ao estupendo Balzac, quando o visitou pela primeira vez, o timido candidato á sagração fluminense entregou ao preclaro jornalista as tiras caprichadas do seu burilado conto, implorando-lhe a publicação delle na *Gazeta*, Ferreira de Araujo passou ligeiramente os olhos pelo manuscripto, dobrou-o, pôl-o no bolso, dizendo languidamente ao rapaz :—« Agora, não posso ler. »

Estas quatro palavras simplissimas bastaram

para afastar dalli, desacoroçoado e triste, o pobre escriptor de contos.

Grande, porém, foi a sua surpresa quando no dia seguinte, ao abrir a *Gazeta*, deparou estampado, na columna de honra, o seu amado trabalho.

E maior foi ainda o seu espanto quando, passeando á rua do Ouvidor e parando em frente da redacção da *Gazeta*, Ferreira de Araujo o chamou e disse-lhe :—« Vá entender-se com o caixa; traga-me sempre contos como aquelle e terá de cada um trinta mil réis. »

Hoje, o medroso contista de outr'ora é uma das figuras mais salientes, de mais nitido e claro destaque, da literatura nacional.

ALBERTO RAMOS

O Sr. Alberto Ramos é um poeta fortemente original na metrica dos versos, nas idéas e no sentimento com que os anima. *A Ode do Campeonato* tem qualquer cousa de pindarico, lembra a olympica a Théron d'Agrigento e as grandes phrases sonoras do conviva dos reis de Syracusa.

Essa poesia obedece a um systema philosophico. O Sr. Alberto Ramos, com a sua elegancia brumneliana e o seu nervosismo, cultiva o eu, pratica o superhumanismo de Nietzche.

Que diz o sabio da floresta no *Zarathustra*?

« Direi que acreditais em Zarathustra? mas que importa Zarathustra! Sois meus crentes? Mas que importam os crentes. Ainda não vos tinheis procurado a vós mesmos quando me achastes. É assim que fazem todos os crentes: eis porque a ér fé tão pouco.

Ordeno-vos agora que me percais para vos achardes, e só depois de todos vôs me terdes

renegado é que para a vossa companhia voltarei. »

O Sr. Alberto Ramos ja se achou. Zarathustra acompanha-o. É talvez o unico homem no Brasil a quem Zarathustra dá essa honra. Dahi o Sr. Alberto Ramos não acreditar sínão nelle mesmo, adorar a força, o dominio, e praticar no limitado circulo dos humanos a que permitte a honra da sua palavra, a philosophia do super-homem.

Que vem a ser um super-homem?

Um super-homem, na nossa sociedade, é o cavalheiro irresistivel, de cujas palavras todos pendem e de cujos braços depende o mundosinho em que vive e que, com tudo isso, é frio, brilhante e duro como o diamante.

Mando, cheio de humildade, ao Sr. Alberto Ramos o meu questionario, e fico á espera.

Dias depois recebo estas imprevistas considerações philosophicas, em que o poeta da *Ode do Campeonato* se revela o idolatra da força e do paradoxo :

« As grandes épocas de civilisação dos povos caracterisam-se pela elevação integral e harmoniosa da cultura physica. Antes que o dogma christão tivesse pervertido a noção da vida, erigido o pessimismo em moral e subvertido o sentido da terra, a saude do corpo corria parelhas com a saude do espirito. A base da chronologia grega foi a olympiada, isto é, a glorificação da

força e da intelligencia. Os mais puros monumentos do genero humano são a apotheose da força e da saude.

Os periodos de decadencia, ao contrario, caracterisam-se pela depressão physica do individuo. A literatura dos anemicos, dos alcoolicos, dos escrophulosos e dos dyspepticos será parallelamente anemica, desequilibrada, morbida e indigesta. (Corra-se a galeria dos nossos *auctores* da actualidade.)

As sociedades decadentes, physicamente atrophiadas, como a nossa, são incapazes de produzir o typo superior da especie, o *creador*, o artista. Expiam assim obscuramente o crime da sua pusillanimidade. No dominio literario, como na esphera politica, estão condemnadas a uma subserviencia oppressiva e humilhante, quando não á esterilidade e á morte.

Mas em arte, como no mundo organico, o que importa sobretudo é a vida. E a força e a plenitude; é o gesto intenso e o coração á larga; é o vigor do musculo e o bello equilibrio das funcções vitaes; são as aspirações livres para os cumes asperos e solitarios; é o ar puro da montanha no cerebro e nos pulmões, a affirmação immensa e transbordante perante a existencia.

Fóra disso, toda creação de arte não passará de um arremedo grosseiro e pueril, perigoso excitante de imaginações doentias, qualquer cousa, que será talvez pollução da arte, não a

arte mesma, de sua natureza fecunda, liberrima e dadivosa até á prodigalidade.

Os que pretendem que ha no Brasil, hoje em dia, uma arte nacional, artes e artistas nacionaes, ou ignoram as condições essenciaes geradoras do phenomeno esthetico—ou conscientemente praticam uma fraude impudente, que repugna aos espiritos animosos, capazes de encarar a vida no que ella tem de austero e de elevado, e para quem a probidade mental constitue simplesmente um habito de decencia.

Mas a decadencia é ainda uma das formas da vida. É tambem um desejo de primavera. Tal é a minha fé, o que eu considero o meu *heroismo* na vulgaridade do presente. É a guirlanda radiosa e terrivel que eu atiro ao futuro, por cima de cada berço, como uma promessa de victoria.

Eis o que julguei de meu dever declarar em resposta aos seus quesitos. Hoje, como hontem, eu proclamo a necessidade de uma reacção implacavel pela cultura physica. É preciso que restauremos como formula irreductivel o « mens sana in corpore sano »; ainda mais : é preciso que se lhe dê uma applicação pratica pela creação de medidas sanitarias rigorosissimas (p. ex. o isolamento dos atacados de molestias contagiosas ; a prohibição de casamento para os anemicos, os tisicos, para os individuos achacados de molestias chronicas, para os degenerados de

toda especie; a repressão do alcoolismo; a regulamentação da prostituição, etc.). Dia virá em que um espirito clarividente, apprehensivo pelo futuro, ousará abordar em nossa terra a questão da reducção das escolas superiores—a maior das calamidades publicas que têm assolado este paiz.

Então, subitamente esclarecidos, animados de fé tenacissima, de paciente e valorosa energia, trataremos seriamente da grande reforma do ensino primario, cuidaremos da creação de escolas especiaes de agricultura, de horticultura, de industria e commercio, de artes e officios, etc. —Essa hora—ai de nós, longinqua! assignalará o primeiro passo no caminho das reacções salutares, que nos conduzirão á posse effectiva dos bens supremos, honra e privilegio das nações fortes, que os não tiveram por obra e graça do Espirito-Santo, mas que os disputaram, que os conquistaram, que os defenderam em lutas as mais nobres, as mais heroicas, as mais cheias de sacrificios admiraveis, que constituem a historia da mentalidade humana, através dos seculos.

Em summa, eu entendo que o orgulho da nossa sociedade actual—a admittir que ella fosse ainda capaz de um gesto fecundo de energia e saude—devia proceder da consciencia austera e formidavel de ser a depositaria de um germen sacratissimo, a augusta portadora do fructo asperrimo e luminoso que, em momento mais ou menos remoto, supremo, de reivindicações

salutares para as nações fortes e de consequencias irreparaveis para as nações pusillanimes, será chamado a testemunhar da nossa vontade victoriosa, da nossa collaboração activa e pertinente na obra de civilisação e de progresso, do nosso direito de existencia como povo livre, isto é, uma geração, robusta e sadia, muito differente da nossa, melhor que a nossa, que saiba querer e saiba vencer, apta para conquistar os bens que não nos foram consentidos e, sobretudo, capaz de realisar pelo braço o que tiver sonhado com a mente.

Gravida do futuro! Que immensa perspectiva para esta raça de avariados, sombria, morna, vencida, sem paixões viris, sem enthusiasmos fremmentes, nem alegrias tonificantes, e que ameaça extinguir-se pela impotencia de uma senilidade precoce!

Mas não haverá por ahi quem invente a fecundação artificial? Magnifico assumpto para o seu proximo questionario, caro Sr. João do Rio, mais util, mais actual e positivamente mais productivo... »

A ultima ironia zarathustreana, aquella exclamação extatica pela perspectiva da nossa raça gravida do futuro, não me tira do assombro de todo esse systema reformador e forte. Talvez o Sr. Alberto Ramos tenha muita razão.

Felizmente nós já vamos subindo a montanha.

Os clubs de regatas começam a transformação...

RAYMUNDO CORREIA

O grande poeta, ao receber o meu pedido, passeia nervosamente afinando o nariz com o indice e o pollegar num gesto breve, rapido, curto.

—A minha opinião? É grave. Eu estou muito afastado agora. Torna a passear, fica ainda mais nervoso deante da nossa insistencia.

—Mas eu não tenho nada de interessante para dizer!

—E' o que parece...

Ha genios de que a gente não se approxima sem aborrecel-os logo; ha homeus de talento que quanto mais nos mostram a sua intimidade, mais se fazem amar e respeitar. Raymundo Correia é dos ultimos. Todo elle é bondade. Os seus nervos vibram como as cordas de uma lyra, e esse espirito superior interessa-se por tudo quanto é novo, auxilia, elogia, ajuda. Era impossivel que Raymundo Correia se negasse a responder.

—Pois está bem; eu mando...

Passou-se um mez, passaram-se, dois, tres, quatro mezes...

—A resposta?

—Já comecei...

Mas afinal, um dia, entre outras cartas, encontrei uma carta simples e sem espalhafatos denunciadores de que trazia a resposta á *enquête*. Abri-a. Era de Raymundo Correia:

Não respondo ao seu 1º quesito, sem remexer em cinzas frias, esquecidas a um canto da minha memoria. É talvez uma indiscreção que certas difficuldades de sentimento me tornam muito penosa agora. Na velha Livraria Classica Portugueza dos irmãos Antonio e José Castilhos achará V. os dois escriptores de minha predilecção na meninez: o prosador Manoel Bernardes e o poeta Bocage. Mas a verdade é que naquelle apanhei um tremendo pavor do inferno, que me fez sonhar muitas noites com o diabo, e que, no segundo, só me deleitaram os ligeiros epigrammas aos medicos e as redondilhas satyricas á estanqueira do Loreto. Ainda me lembra esta facil quadrinha:

Domingo, 2 do corrente,
Faz-se pela vez primeira
O brinco dos cavallinhos
Na testa da estanqueira.

Tambem, para mim, o fazer versos não passava então de uma brincadeira, de um meio commodo e inoffensivo de gracejar com os

camaradas da mesma idade. Só depois é que os outros me levaram a tomar isto mais a serio.

Em Cabo Frio, onde passei, além de uns restos da infancia, todo a minha adolescencia, foi que li pela primeira vez, á beira-mar, a epopéa maritima de Camões. Da direcção que o auctor dos *Luziados* e outros classicos portuguezes teriam dado talvez ao meu espirito, foi este desviado mais tarde pela leitura dos auctores nacionaes contemporaneos e, sobretudo, de alguns poetas francezes de grande voga, — Hugo e Gautier, por exemplo. Por muito tempo oscillei entre estes dois. Si um parecia desobrigar-me de ter maior folego, o outro parecia desculpar-me de não ser menos imperfeito. Não me pude gabar nunca de lhes conhecer a obra inteira; mas do pouco que fiz, muito lhes devo. E não vou além, neste assumpto, porque os escriptores, por mais pequenos que sejam, incorrem sempre na pecha de grandes mentirosos, quando fallam de si.

—Qual a que prefiro dentre as minhas obras? Haveria motivos intellectuaes, sínão puras razões de sentimento, para eu preferir alguma, dentre as mais modernas. Mas, dispense-me de descer a especificações. Nestas coisas, o mais seguro para a gente é se deixar levar pela cabeça dos outros.

—Sí me parece que atravessamos um periodo estacionario? De modo algum, pois nada ha,

entre nós, desse definitivo que caracterisa os periodos estacionarios. O periodo actual é, ao contrario, de transição. Transição em tudo; na politica, nos costumes, na lingua, na raça e, portanto, na literatura tambem, que é onde melhor se reflectem o espirito e o sentimento das nações. Quem se puzer um pouco ao lado desse movimento, dessa ebulição geral, assistirá ao espectaculo miraculoso de uma sociedade, de um povo inteiro em vias de formação. Tudo se mescla, se mistura, se confunde de tal modo que só de hoje a 90 annos é que lhe poderei dizer ao certo o resultado disto.

—O jornalismo, para a arte literaria, não é um factor, é um subtrahendo.

Dentre todos os males necessarios e inevitaveis da nossa epocha, nenhum ha mais infenso, do que elle, á cultura sã e tranquilla da *verdadeira* arte.

Ahi tem V., meu caro, as respostas que aos seus quesitos eu posso dar. Si não prestam, acabou-se.

Estou salvo ao menos pela bôa intenção que tive de lhe ser agradavel. Vivo muito occupado agóra e as minhas occupações não me dão logar para mais e melhor.

OS QUE NÃO RESPONDERAM

MACHADO DE ASSIS. — GRAÇA ARANHA. — ALUIZIO AZEVEDO. — ARTHUR AZEVEDO, ALBERTO DE OLIVEIRA. — GONZAGA DUQUE, EMILIO DE MENEZES E JOSÉ VERISSIMO.

Naturalmente, a ausencia de certos nomes notaveis num inquerito, que procurava as respostas dos coripheus dos espiritos brasileiros, poderá parecer estranha. Talvez o seja, mas; como todas, as coisas verdadeiramente estranhas, é perfeitamente explicavel. Ha nomes que deviam aqui estar, mas que não estão porque a isso se oppuzeram uma sensibilidade grande, a vaidade doentia, a noção de responsabibilades graves e principalmente talvez a balburdia das idéas. A sensibilidade grande é a do illustre mestre Machado de Assis. Quando fui pessoalmente levar-lhe o inquerito, o admiravel escriptor recebeu-me com um accesso de gentilezas, que nelle escondem sempre uma pequena perturbação.

—Um inquerito? Pois não: ás suas ordens, com todo o gosto.

Passaram-se os dias. Voltei á carga.

—Francamente, disse-me o auctor do *Braz Cubas*, o assumpto é grave, é muito grave. Mas eu respondo, respondo quando tiver animo para escrever.

Logo os amigos e admiradores do mestre disseram-me :

—Perdes o tempo, o Machado não responde...

Resolvi então cultivar a relação preciosa em bocados de palestra, ouvidos nos balcões do Garnier, por onde todos os dias passa o glorioso escriptor. Soube assim que o *Braz Cubas* fôra ditado, durante uma molestia de olhos de Machado, á sua cara esposa; que o humorista incomparavel da *Theoria do Medalhão* tem uma vida de uma regularidade chronometrica, que as suas noites passa-as a tentar o sommo...

Espirito de tamanho fulgor tem, entretanto, a nevróse de se íncommodar e soffrer com os pequenos nadas da existencia. Sí por esquecimento deixa de cumprimentar um homem, perde-se em conjecturas. Que irá pensar o homem ? Que dirá delle ? Nesse periodo, uma vez, o grande mestre chegou á livraria nervosissimo. E contou por que. Fôra á secretaria um cavalheiro pedir-lhe qualquercoisa. Não o satisfizera e estava íncomodado com isso quando passou

o continuo com a bandeja do café. Acceita uma chicara? Se mí fizer companhia!

—Ora eu não tomo café; mas ja tinha recusado ao homem uma coisa e achei que seria de mais não o acompanhar. Tomei a chicara e estou com dores de cabeça...

Do inquerito cheguei a saber que Machado de Assis tem como livros de cabeceira o *Hamlet* e o *Prometheu*, que acha as predilecções passageiras como o proprio homem, e respeita a mocidade olhando-lhe as extravagancias com um pasmo sincero.

Mas, por fim, o mestre incontestavel percebeu que eu o acompanhava para lhe arrancar phrases e tornou secco um pedaço de intimidade nascente entre o meu louvor e a sua bonhomia.

Outro escriptor de monta a interrogar seria o Sr. Graça Aranha. S. Ex começou por não responder absolutamente nada. Pessoalmente, depois, deu-me, com a sua alma de helleno, alguns conselhos. O illustre auctor da *Chanaan* é de opinião que se deve escrever pouco. Plutarcho Luciano e Zola poriam as mãos na cabeça sí o ouvissem; todos os tragicos gregos abririam a bocca de pasmo. Felizmente estava eu só, que concordei com o superior espirito.

Aluizio Azevedo mandou-me de Cardiff uma carta. Tenho deante de mim uma torre de papeis a despachar! O consul inhibe o escriptor de responder!

Arthur Azevedo não disse nada.

Gonzaga Duque esqueceu.

José Verissimo, o conhecido critico, não gostou do inquerito, e numa roda chegou mesmo a dizer que era esse um processo de fazer livros á custa dos outros.

Tamanha amabilidade impediu-me de insistir, e obrigou-me a pedir a Deus que a producção da literatura nacional augmente. Só assim o sr José Verissimo não insistirá na pesca na Amazonia para continuar a sua serie de *Escriptos e Escriptores*.

Os poetas Alberto de Oliveira e Emilio de Menezes adiaram infinitamente as respostas.

Mas, ainda assim, apezar de não ter essas curiosas opiniões e as luzes de conceitos superiores, catalogando as pessoas que não tinham recusado a formação de um livro — identico a muitos outros — do estrangeiro, eu tive a certeza de que ia assignar um livro feito a custa do escol literario brasileiro.

E só não tive a vertigem porque, obrando assim, estava de accordo com o mestre Machado de Assis, pois não dava opinião minha e definitiva; estava de accordo com o Sr. Graça Aranha, pois escrevia pouco; e ainda estava de accordo com o veneravel Sr. José Verissimo, porque realisava, embora sem as suas letras, a sua mais exacta previsão interna nestes ultimos tres lustros...

DEPOIS

Quando dei por findo o meu trabalho voltei ao amigo que m' o indicara como necessidade do publico e provento literario. Sentei-me desoladamente num vasto divan de Mapple; e, como fazia Aulo-Gellius nas suas noites atticas, pedi-lhe, cheio de humildade e temor, a sua opinião.

—Francamente, acha alguma utilidade social em saber que o sr Alberto de Oliveira não responde a um inquerito e que o sr Alberto Ramos prégа a força do super-homem?

—Meu amigo, eu acho que a critica está absolutamente acabada. As reflexões de Sainte-Beuve, as tiradas do Arnold, os ensaios scientificos ou metaphysicos para explicar a composição da *Comedia* do Dante ou o *Testamento do Gallo* desappareceram por completo. Hoje, sejamos francos, a literatura é uma profissão que carece do reclamo e que tem como unico critico o afrancezado Successo. Não sei si conhece um livro de Gastão Ragot a respeito. O exito, resultante ou accidental é uma força. Esta força não é céga

e não é inexplicavel : vem de uma corrente que o vulgo acompanha, mas que o philosopho analysa, corrente que ob edece a leis faceis de determinar. O auctor, seja elle qual fôr, de uma notoriedade lucrativa, de valor no mercado — porque a venda é uma força — deve o seu successo ao favor publico. O publico não sympathisa sínão com os que o sabem tocar e lisonjear. A marca de um auctor cotado é uma boa marca. Elle a principio é quem a recommenda; ella depois é que o faz valer. Por isso o auctor que vence é uma especie de jogador feliz.

—Oh! que theoria discutivel!

—Eu chego aos exemplos. A Sra. D. Julia Lopes de Almeida é o typo ideal da mãi de familia; acha infantil o feminismo, o nephelibatismo e outros maluquismos da civilisação. As suas idéas modestas e sem espalhafato, a sua sensibilidade sem extravagancias souberam tocar o publico. A collaboração da Sra. D. Julia nos jornaes augmenta a edição dos mesmos. Que importa á D. Julia um critico, dois criticos, tres, uma duzia mesmo contra ella? A sua marca é boa, é vendavel; e como acontece a outros productos, os proprios criticos, forçados pela corrente, fazem-lhes o reclamo com o instincto, aliás muito humano, que tem toda a gente de acclamar os que a multidão acclama. Quando o publico adopta um escriptor — D. Julia, Bilac, Medeiros e Albuquerque — é que se percebe bem a inanidade da

critica, o fim desse genero de vagabundagem creadora, porque a pobre coitada que não lhes tece artigos todos os dias, esfalfa-se inutilmente em louvores para certos senhores, sempre ignorados, sempre esquecidos, sempre invendaveis e envenenados pela intoxicação do proprio ineditismo.

—O amigo é brutal. Isto não é philisophia, é balanço de livraria.

—Muito bonita phrase no tempo em que os poetas morriam dipsomanos e só escreviam por *chic* em estado de embriaguez. Mas o Brasil transforma-se, civilisa-se. Hoje o jornalismo é uma profissão, quando antigamente era um meio politico de trepar; hoje o escriptor trabalha para o editor e não manda vender como José de Alencar e o Manuel de Macedo por um preto de balaio no braço, as suas obras de porta em porta, como melancias ou tangerinas. Uma nova necessidade infiltrou-se nos nossos habitos : a necessidade da hygiene e do confortavel. O escriptor precisa de hygiene, de cuidados, de luxo. Eu acredito que o genio profundo e fecundo de Coelho Netto não se expandiria de maneira tão maravilhosa sí não tivesse o ambiente de luxo e de conforto da sua sala de trabalho; e Medeiros e Albu querque não possuiria aquella regularidade, aquella precisão, aquella clareza de argumentos e de estylo sí não adquirisse na vida todas as commodidades do corpo e do espi-

rito. Os tempos mudaram, meu caro. Ha vinte annos um sujeito para fingir de pensador começava por ter a barba por fazer e o fato cheio de nodoas. Hoje, um typo nessas condições seria posto fora até mesmo das confeitarias, que são e sempre foram as colmeias dos ociosos. Depois, ha a concurrencia, a tremenda concurrencia de trabalho que prohibe os romantismos, o sentimentalismo, as noites passadas em claro e essa coisa abjecta que os imbecis divinisam chamada bohemia, isto é, a falta de dinheiro, o saque eventual das algibeiras alheias e a gargalhada de troça aos outros com a camisa por lavar e o estomago vasio...

—Ha de permíttir que eu o considere feroz.

—Bato úm corpo morto, bato no passado... Sí hoje o escriptor não trabalha em vinte e quatro horas mais do que um seu collega trabalhava em dois mezes ha vinte annos, vê os seus assumptos aproveitados, as suas idéas escriptas, o seu pão comido pelos outros e talvez com maior originalidade. E a concurrencia não é só de homens, é tambem das mulheres, algumas das quaes, como a scintillante e espiritual Carmeu Dolores, ultrapassam a maioria dos homens em encanto, modernismo e elegancia, conquistando de subito o favor publico. Depois, quaes são as resultantes do seu gravissimo inquerito?

—Isso, pergunto eu.

—Em primeiro logar a demonstração de que a vaidade não é mais uma qualidade má, mas, ao contrario, a satisfação natural de todo o homem, uma deliciosa *coqueterie* cerebral, que o arrivismo pratico transforma em reclamo. Os escriptores consultados, quasi na sua totalidade, contaram com especial prazer a propria vida. Tem v. para sempre um livro de consulta biographica dos escriptores nacionaes. Em segundo, a idéa clara de que o homem de lettras só tem um desejo, mesmo quando está na torre de marfim: conquistar o favor publico, ser lido e ser notado. O seu inquerito é um exemplo das idéas que v. acha brutal.

As opiniões que se emaranham nessas paginas são consequencias desse principio. Vemos em primeiro logar a anarchia mental, a anarchia do seculo. Uns acham que estamos em decadencia; outros que progredimos. Aqui brada um que estamos no momento da luta; ali brada outro que não temos escolas literarias; acolá mais outro insurge-se contra a luta e a decadencia. A verdade é que cada um cuida de si. A epoca é de um individualismo hyperestésico. Ha a estagnação dos corrilhos literarios, mas a furia de apparecer só—é prodigiosa. Os vencedores acham todos o jornalismo animador, o jornalismo necessario; os que por inaptidão, trabalho lento ou hostilidade dos plumitivos, ainda não se apossaram das folhas diarias, atacam o jornalismo,

achando essa idéa uma elegancia de primeira ordem. São geralmente os poetas, os poetas que fatalmente tendem a ver o seu mercado diminuido—porque o momento não é de devaneios, mas de curiosidade, de informação, fazendo da literatura no romance, na chronica, no conto, nas descripções de viagens, uma unica e colossal reportagem.

—A literatura, uma reportagem?

—Desde o romantismo, desde Victor-Hugo tende a ser, simplesmente, reportagem impressionista e documentada. É a sua força. A poesia conservou-se no ideal, e por isso, como bem disse Clovis, tem os seus moldes gastos.—Ainda outro dia um homem, para fazer successo em verso na França, teve que fazer uma reportagem poetica sobre a vida dos gallinheiros...

—O meu amigo é paradoxal e insolente.

—É o que quasi sempre não são os seus interv istados. Foi-se o tempo das ganas, das raivas, das descomposturas. Agora não se ataca mais. Não ha tempo. A delicadeza é um resultado da falta de tempo. Já Avianus, um fabulista latino que La Fontaine copiou com descaro, dizia: *nullus præmissis vincere posse minis*...

—Mas em summa? fiz eu enfadado com aquelle excesso de palavras.

—Em summa?

—Sim, sem circumloquios, fracamente...

—O inquerito mostra que não ha escolas no

Brasil, que é uma phantasia a idéa de literatura do norte e literatura do sul, que já não ha romancistas, que os grandes poetas e os grandes escriptores são os que estão na Academia, e que não ha uma só das nossas idéas que não seja bebida no estrangeiro, nos livros do Felix Alcan, ou nas extravagancias publicaveis do *Mercure de France*; que o naturalismo morreu, que o nephelibatismo agonisa, que a poesia estrebucha...

—Tudo para peior.

—Ha tambem o lado bom, e esse é—que a alma e o cerebro do Brasil tomam as feições modernas, que as idéas do mundo são absorvidas agora com uma rapidez que pasmaria os nossos avôs; que o jornalismo inconscientemente faz a grande obra de transformação, ensinando a lêr, ensinando a escrever, fazendo comprehender e fazendo ver; que o individualismo e o arrivismo cream a selecção, o maior esforço, a actividade prodigiosa, e um homem de letras novo, absolutamente novo, capaz de sahir dessa forja de lutas, de coleras, de vontade, muito mais habilitado, muito mais util e muito mais fecundo que os contemporaneos.

—E esse homem, o literato do futuro...?

—É o homem que vê, que aprendeu a ver, que sente, que aprendeu a sentir, que sabe porque aprendeu a saber, cuja phantasia é um desdobramento moral da verdade, mixto de impassi-

bilidade e de sensibilidade, écho da alegria, da ironia, da curiosidade, da dor do publico—o reporter. E aos livros desse—sem odios, sem corrilhos, sem extravagancias—não faltarão nunca o imprevisto da vida e o successo que é o criterio mais exacto da acclamação publica.

Levantei-me, e deixei a causa moral do meu inquerito. Mas deixei-o com uma convicção: é que positivamente elevara ao auge a confusâo de idéas, de biographias, de opiniões, de raivas, de satisfação, com tanto esforço colleccionadas. Felizmente já um philosopho disse que as verdades do homem são em ultima analyse os seus erros irrefutaveis...

FIM

INDICE

Antes XI
Olavo Bilac 1
João Ribeiro 13
Um lar de artistas 23
Sylvio Romero 35
Coelho Netto. 50
Medeiros e Albuqueque. 62
Lima Campos 81
Affonso Celso 89
Luiz Edmundo. 96
Clovis Bevilacqua, ... 104
Nestor Victor 113
Pedro do Couto 124
Arthur Orlando. 132
Padre Severiano de Rezende 139
Guimarães Passos. 148
Curvello de Mendonça. 151
Felix Pacheco 166
Silva Ramos 176
Garcia Redondo. 181
Frota Pessôa 189
Osorio Duque Estrada. 202
Fabio Luz. 206

João Luso. 209
Mario Pederneiras 214
Rodrigo Octavio. 227
Inglez de Souza 234
Rocha Pombo 236
Laudelino Freire. 238
Magnus Sondhal. 244
Elysio de Carvalho 256
Souza Bandeira. 274
Gustavo Santiago. 289
Julio Afranio. 299
Augusto Franco 303
Alberto Ramos. 310
Raymundo Correia. 316
Os que não responderam 320
Depois. 324

PARIS. — TIP. H. GARNIER.

00801 9

H. GARNIER, 71, Rua do Ouvidor

As Religiões no Rio, por Paulo Barreto, 7.ª edição, 1 vol. in-8.º br . . . . . 3$000

Alma encantadora das ruas, por Paulo Barreto, 1 vol. in-8.º, br. (*Capa artistica*) . . . . . 3$000

Salomé, poema dramatico por Oscar Wilde, traducção de Paulo Barreto, 1 vol. in-32.º, illustrado, br . . . . . 1$000

A guerra dos mundos, por H. G. Wells, 1 vol. in 8.º, br. . . . . 3$000

O alimento dos deuses, por H. G. Wells, 1 vol in-8.º, br. . . . . 3$000

O homem invisivel, por H. G. Wells, 1 vol. in-8.º, br. . . . . 2$000

O memorial de Ayres, por Machado de Assis, 1 vol. in-8.º, br. . . . . 3$000

Historia e Costumes, por Mello Moraes Filho, 1 vol. in-8.º, br. . . . . 3$000

Paris. — Imp. P. Mouillot, 13, quai Voltaire. — 35183. — 9-08.